

UFRJ

*Um quilombo na mídia: um estudo discursivo da
revista Raça Brasil*

Yara Brito Brasileiro





COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

UNICAMP

AUTORIZAÇÃO PARA QUE A UNICAMP POSSA FORNECER, A PREÇO DE CUSTO, CÓPIAS DA TESE A INTERESSADOS

Nome do Aluno: Yara Brito Brasileiro

Registro Acadêmico: 961729

Curso: Linguística

Nome do Orientador: Suzy Maria Lagozzi-Rodrigues

Título da Dissertação ou Tese: "Um quilombo na mídia: um estudo discursivo da revista 'Raça Brasil'"

Data proposta para a Defesa: 24/02/03

Endereço para Correspondência: Rua Erasmo Braga, 992. apto. 32. fd. Chapadão - Campinas - SP. Cep: 13073-470

(O Aluno deverá assinar um dos 3 itens abaixo)

1) Autorizo a Universidade Estadual de Campinas, a partir desta data, a fornecer a preço de custo, cópias de minha Dissertação ou Tese a interessados.

24 / 02 / 03

Yara Brito Brasileiro
assinatura do aluno

2) Autorizo a Universidade Estadual de Campinas, a partir de dois anos após esta data, a fornecer a preço de custo, cópias de minha Dissertação ou Tese a interessados.

 / /

assinatura do aluno

3) Solicito que a Universidade Estadual de Campinas cete-me, dois anos após esta data, quanto à minha autorização para o fornecimento de cópias de minha Dissertação ou Tese, a preço de custo, a interessados.

 / /

assinatura do aluno

Yara Brito Brasileiro

*Um quilombo na mídia: um estudo discursivo da
revista Raça Brasil*

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Linguística do Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Suzy M. Lagazzi-Rodrigues

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

20032 86742

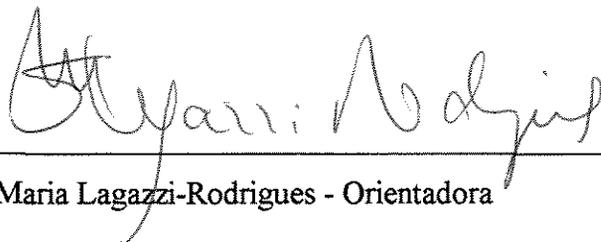
DADE	80
RAMADA	T/UNICAMP
	B736q
EX	
ISO BC/	55447
IC.	16.124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
CO	R\$ 11,00
A	30/08/03
CPD	

Biblot 299328

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
IEL - UNICAMP

B736q	<p>Brasileiro, Yara Brito</p> <p>Um quilombo na mídia : um estudo discursivo da revista RAÇA BRASIL / Yara Brito Brasileiro. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.</p> <p>Orientador: Suzy Maria Lagazzi-Rodrigues Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Análise do discurso. 2. Racismo. 3. Negro. 4. Raça Brasil (Revista). I. Lagazzi-Rodrigues, Suzy Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Suzy Maria Lagazzi-Rodrigues - Orientadora

Profa. Dra. Maria Onice Payer

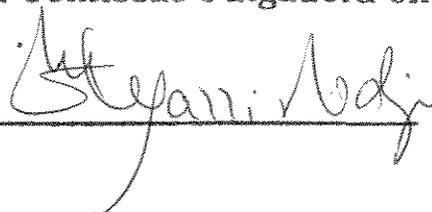
Prof. Dr. Pedro de Souza

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Yara Brito

Brasileiro

e aprovada pela Comissão Julgadora em:

14/10/2003



Campinas, 24 de fevereiro de 2003.

Para meus pais, Maria e José
Carlos, pelo papel fundante que tão amorosamente
constituíram nesse percurso.

Agradecimentos

Continuo acreditando que *a vida é arte do encontro*. Por isso, gostaria de agradecer a pessoas que encontrei, que reencontrei e que me encontraram nesse percurso...

À Suzy Lagazzi-Rodrigues, minha orientadora, pelo significativo “sim” dado ao meu pedido de orientação. Por ter permitido que eu vivenciasse a cada encontro os sentidos de orientação. Pelo respeito ao meu processo. Pela firmeza profissional e intelectual. Pela dedicação. Pelo carinho. Pela força do seu trabalho.

A Maria Onice Payer, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação. Pela delicadeza das colocações que me permitiram avançar em minhas reflexões.

A Pedro de Souza, também pelas significativas observações no exame de qualificação. Por ter possibilitado a minha reflexão com o seu trabalho.

A Prof. Nina Virgínia Leite, pela disponibilidade para a interlocução que foi fundamental para o meu trabalho.

Ao Prof. Eduardo Guimarães, orientador de programa no início do curso, pelo apoio e orientações fundamentais que me permitiram definições na continuidade do percurso.

Aos colegas do grupo de reflexão Olímpia, Erich, Priscila, Marisa, Carolina, Cristiane, Eulália. Pela torcida. Pelos laços que criamos e pelas discussões que nos têm permitido crescer discursivamente no entrecruzar de nossos percursos.

A Rose e Emerson, funcionários da secretaria de pós-graduação, pelas orientações, pela presteza na realização de documentos e encaminhamentos necessários para a realização do trabalho. A Betty, pela força. A Leandra, pela imensa delicadeza e profissionalismo na assistência à impressão final. A Bel que, na biblioteca, sempre nos recebe com um caloroso sorriso de incentivo.

A Susi, Ana, Má e Carlos por terem se tornado a minha família aqui em Campinas nestes anos de convivência. Por tudo que compartilhamos, pelo encorajamento e apoio, o meu carinho. A Mônica, amiga que acreditou em mim incondicionalmente. Por fazer parte dessa conquista, pela força no processo de seleção. Por me fazer acreditar na possibilidade de realização desse percurso. A minha gratidão.

A Lucilene, Hely, Márcia, Rosimar, Cristina, Cássia e Sandra que se tornaram mais do que colegas de curso. Tornaram-se amigas, cujos gestos de incentivo e apoio foram fundamentais para mim. Pelas discussões, sempre esclarecedoras e alentadoras.

Aos amigos da "Escola Messias" por todas as palavras de incentivo. Aos funcionários da secretaria, pelo trabalho que realizaram na preparação da documentação necessária ao meu afastamento. Aos amigos do "Supletivo Lozano" pelo encorajamento e incentivo.

A Antônio, amigo que sempre tinha algo de muito bom para me dizer. Pelo ser humano lindo que é. A Glorinha, pela amizade e força.

A Rita e Fabíola, pela amizade que transcendeu a esfera profissional. Pelo muito que compartilhamos e que me ensinaram. Por me permitirem vivenciar os sentidos mais profundos de amizade. A Rozana, a mestra, pelo apoio e amizade quando, no início da carreira, tudo parecia grande demais e intransponível. Pelo incentivo, pela torcida.

A Edvaldo, pela amizade, pela força e pelo carinho.

A Cármen, pela amizade, pelo apoio, pelo compartilhar de tantos trabalhos. Pela satisfação da amizade além do trabalho intelectual. A Edison, pela amizade e pelo apoio técnico sempre que o computador ousava interromper o meu trabalho.

A Célia, Jana, Bia, Maisa, Dudu, Dona Tereza, Sr. Antonio, Pati, Toninho. Pelo imenso carinho, pelo colo, pela digitação de tantos trabalhos. Por terem me concedido a dádiva de fazer parte da família.

A Paula, pela conversa amiga, pelo carinho. Pelas discussões. A Andréa por se fazer presente sempre que precisei. A Leda, pelo percurso que compartilhamos, pela amizade.

A todos os "meus alunos", com os quais, na convivência, pude amadurecer pessoal e intelectualmente. Pelo muito que representam em minha constituição profissional e humana.

Ao João pelo carinho, amizade, dedicação e profissionalismo sempre impregnados de notas florais. O meu respeito e reverência ao seu trabalho.

A Suzi Cristina, pela acolhida em Campinas, pela torcida e pelo incentivo sempre. A madrinha Valda, pelo carinho. A Ivani, Lucas, Diogo e Freitas, pelo amor e apoio incondicionais. A Cleusa, Reinaldo, Lô e Du, pela força e torcida. A Dona Natília e Sr. Antônio, pela força.

A Isa, Wallison, Jana, Tiaguinho e Mel, pela necessária alegria infantil e pelo carinho a cada encontro.

A tia Elza, pela amizade, pela força e incentivo sempre e toda semana do outro lado da linha. Ao padrinho Schoji, pela força. A Vó Dina, Vó Cota (in memoriam) e tia Nenê pelas bênçãos de incentivo que concederam a cada encontro. A tia Izabel, tia Elena e tio Omar. A Marcelo, Míria, Marcos, Letícia, Daniel, pela torcida.

Aos meus pais, Mariinha e Carlito. Responsáveis que são pelo desencadear deste percurso. Pelo amor e pelo apoio incondicional. Por compreenderem e, muitas vezes, incentivarem, apesar da saudade, a minha ausência, pois sabiam da importância de minhas escolhas. A minha mãe de maneira especial, pela primeira coleção de livros infantis, tão carinhosamente comprada e lida para mim, além de todo o incentivo que, certamente foi o início do percurso intelectual que ora estou realizando.

Sumário

Resumo	15
1. Para começar.....	17
2. Um pouco sobre a Análise do Discurso	19
3. Um breve recuo: tentando situar uma discursividade	29
3.1 Algumas considerações teóricas	29
3.2 O contar da história	33
3.3 Imprensa negra	35
3.4 Movimentos militantes	39
3.5 Organizando a discussão	43
4. Conhecendo o material de análise	45
5. Construindo o <i>corpus</i>	57
6. RAÇA BRASIL: buscando sentidos para o nome	61
7. Construção discursiva do leitor: a configuração do seu lugar	67
8. Visibilidade do sucesso	93
9. Visibilidade da reação	103
10. Visibilidade da beleza negra	119
Considerações finais	139

Abstract	143
Referências bibliográficas	145

Resumo

Objetivamos, na realização deste trabalho, compreender os processos discursivos instaurados pela revista **RAÇA BRASIL** - uma publicação dirigida aos negros brasileiros. Sustentados pelos princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD), mobilizamos conceitos teóricos como interdiscurso - entendida em AD como memória discursiva -, efeito-leitor e, como princípio essencial à prática analítica, o conceito de forma material. Na conjugação dessas questões teóricas, foi-nos possível estabelecer um lugar constitutivo de configuração da revista **RAÇA BRASIL**: ser uma revista, como tantas outras falar de moda, beleza, estética de maneira geral, mas também, pelo fato de recortar como seus leitores os negros brasileiros, se inserir em toda uma memória de luta do povo negro e, por isso, apresentar-se como militante. Questão que nos fez perguntar pela relação entre a militância e a “materialidade revista”.

Comprendemos, no percurso analítico, que na reivindicação de direitos para o negro há um deslocamento do discurso étnico para o discurso da cidadania: reivindica-se uma relação de igualdade entre cidadãos de uma mesma nação. Fato que nos permitiu dar visibilidade à relação entre a memória brasileira - repudiada enquanto escravidão e evocada enquanto sustentáculo da formação do país - e a memória africana - que traz os sentidos de liberdade e de realeza. Comprendemos, também, que a reivindicação de direitos para o negro enquanto sujeito brasileiro é formulada na relação com a necessidade de sua visibilidade. Visibilidade que sustenta o processo de identificação como busca de adesão para a luta e cuja textualização interpela o leitor, como condição de sua auto-estima, a se

projetar no lugar da beleza, do sucesso, da reação ao racismo e de consumidor, produzindo aí o efeito-leitor.

Levando em consideração a “materialidade revista”, mostramos a importância dos assuntos ligados à estética em **RAÇA BRASIL** e a necessidade de nos despojarmos do que consensualmente entendemos como assuntos sérios para pensar um outro tipo de militância. No caso do negro, pautada por um discurso de valorização do corpo. Ainda que apresentando um ponto contornado - o cabelo - , mostramos que a pele negra passa a ser símbolo de beleza e adquire voz no discurso da estética.

Essas compreensões nos mostram que a revista **RAÇA BRASIL** se constitui como um importante lugar de formulação e de circulação de sentidos outros para o negro que não aqueles estereotipados pela memória do dizer.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, Racismo, Negro, Revista **RAÇA BRASIL**.

1. Para começar...

Quando o trabalho acadêmico é feito de um lugar teórico e sobre um tema pelos quais somos apaixonados, sentimo-nos tocados e instigados. Os temas objetos de nossas paixões "reclamam sentidos"¹ e nos levam a muitas questões.

Corremos, no entanto, um risco - o de sermos tomados pelas paixões. Mas quando trabalhamos com uma teoria como a Análise do Discurso, que sustenta o recuo possível do analista em relação à materialidade do texto, temos a possibilidade de trabalharmos teoricamente nossas paixões. É por nos sustentarmos nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD) - na construção de um dispositivo teórico e de um dispositivo analítico - que podemos nos colocar em uma posição deslocada. Assim, se o tema e a pergunta são de nossa responsabilidade, como ressalta Orlandi (1999a), a construção do dispositivo nos levará a compreender o processo discursivo e a não incorrer no erro de interpretar antes de descrever, mas interpretar na relação com a descrição. Podemos compreender o que o material nos permite compreender.

Nosso interesse recai sobre as formas de manifestação dos negros contra o racismo. Tema amplamente discutido em nossa sociedade, sustentada pelo imaginário do ideal "democrático" de liberdade de expressão, bem como pelo dos direitos humanos e do "idealismo" jurídico que afirma serem "todos os homens iguais perante a lei".

O racismo apresenta-se, ao longo da história, como conhecido, como "familiar", entretanto há perguntas importantes a serem respondidas acerca dele. O desafio é, portanto,

¹ Cf. Paul HENRY. Vide página 22, neste trabalho.

sair do lugar que nos é aparentemente conhecido, que nos é familiar. Aqui retomamos Orlandi (1996a:99), quando a autora afirma que em uma perspectiva formalista *a proposta para se fazer ciência é 'tornar estranho o que é familiar'. Porque o que nos é familiar, não conhecemos, só reconhecemos*. Segundo Orlandi, na perspectiva da historicidade, que é a da AD, também se põe em questão a "familiaridade", a diferença é que isso é feito com outros meios e outros objetivos. O que se procura, segundo a autora, é *desfazer as evidências, ou melhor, se procura não ficar na 'familiaridade', conquanto esta representa efeitos de evidência produzidos por processos de significação bem menos transparentes e mais indiretos* (idem). Acrescente-se que o fato de pôr em questão a familiaridade, mesmo estando ligado à questão do conhecimento/reconhecimento, recusa a transparência da linguagem, fazendo *intervir não a vontade do saber (da verdade) do analista, mas o inconsciente e a ideologia na consideração do sujeito* (idem).

Neste trabalho, de maneira específica, procuramos analisar os processos discursivos instaurados pela revista *Raça Brasil*. A escolha dessa revista deve-se ao fato de que em uma prática de publicações de revistas, esse periódico afirma explicitamente como seu público-alvo as pessoas de etnia negra.

Buscamos compreender mais sobre a questão racial negra nessa relação com a mídia e esperamos contribuir de maneira significativa para a compreensão dessa "tomada de palavra pelos negros"/ "para os negros", seus "efeitos de sentido" e de que maneira esses gestos de sujeitos determinados histórico-socialmente provocam rupturas ou reafirmam estabilizações. Procuramos investigar em que medida o lugar do negro é ressignificado.

E é assim, buscando compreender o conhecido, que iniciamos esse trabalho.

2. Um pouco sobre a Análise do Discurso...

Ainda que o tema referido nos faça lembrar relações sociais, necessário se faz dizer que, situando-nos em uma posição discursiva, não é o enfoque sociológico que nos interessa. Não estamos tratando de pessoas, fatos, situações empíricas, mas buscando compreender funcionamentos discursivos. A revista **Raça Brasil** nos interessa enquanto fato de linguagem, enquanto fato discursivo, pois entendemos sua forma material como um acontecimento da língua em sujeitos afetados pela história.

Cabem, então, considerações importantes acerca desse lugar teórico ao qual nos filiamos - a Escola Francesa de Análise do Discurso. Segundo Pêcheux e Fuchs (1975), o quadro epistemológico da AD resulta da articulação de três regiões do conhecimento científico, articulação que retomamos por sua importância teórica:

- o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
- a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Pêcheux acrescenta que essas três regiões do conhecimento são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

O exposto nos leva a considerar com Orlandi (1996a:26) que a AD é uma disciplina de *entremeio*, pois *se a lingüística deixa para fora a exterioridade (que é objeto*

das ciências sociais) e as ciências sociais deixam para fora a linguagem (que é objeto da lingüística), a AD coloca em questionamento justamente essa relação excludente, transformando, por isso mesmo, a própria noção de linguagem (em sua autonomia absoluta) e a de exterioridade (histórico empírica). Orlandi explicita ainda que a AD questiona o que é deixado para fora, no campo da lingüística: o sujeito e a situação (idem). No que diz respeito à Psicanálise, Orlandi (1999a:20) nos mostra que a AD dela se demarca pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

É nesse questionar de exclusões que a AD constitui o seu objeto próprio: o discurso - definido por Pêcheux (1969) como *efeito de sentidos entre locutores*. Definição essa que implica em recusar a concepção de língua como mero instrumento de comunicação e como entidade autônoma e decorre da consideração, na construção de seu objeto, do sujeito e da situação. A língua nesse sentido tem uma autonomia relativa e se apresenta como a base material comum de *processos discursivos diferenciados* (Pêcheux, 1975:91), o que não significa que ela é um sistema desordenado, ao contrário, *todo sistema lingüístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma autonomia relativa que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Lingüística* (idem). E, tomando posição contrária aos logicistas, Pêcheux acrescenta que é *sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos, e não enquanto expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva, etc., que utilizaria "acidentalmente" os sistemas lingüísticos* (idem).

Afirmar que a utilização da língua não é acidental é considerar que a constituição do sujeito está intrinsecamente ligada a ela. O sujeito precisa estar sujeito à língua, é esta a condição para que ele constitua sua subjetividade. Orlandi (1999a) a este respeito explica

que *diante de qualquer objeto simbólico o homem é instado a se perguntar: o que isto quer dizer?* Ou seja, ele precisa produzir sentido. Isto significa que o sujeito precisa "interpretar". Diante da necessidade de significar o sujeito produz "gestos de interpretação" (Orlandi, 1996a).

Não se trata, entretanto, de uma concepção de sujeito "centrado", "dono de si", "origem do seu dizer", pois, como afirma Orlandi (1999b:17), *a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história*. Ampliando a questão, a autora acrescenta: *não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. Em outras palavras, para dizer, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia* (idem).

Atentemos para o fato de que, na perspectiva discursiva, a noção de ideologia adquire uma especificidade pela sua ressignificação. A ideologia não é entendida como representação ou ocultação da realidade. *Enquanto prática significante, discursiva, ela aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história, para que signifique* (Orlandi, 1996b:28).

Mas é imprescindível que tal processo se "apague" para o sujeito, pois é preciso, para ele, se manter na evidência de ser sempre já sujeito e ter, portanto, a ilusão de ser a origem do sentido. Entretanto, isso somente se torna possível em virtude do que Pêcheux (1975) chamou de "os dois esquecimentos". O **esquecimento nº 1** é do nível do inconsciente, por ele o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer, apagando-se a identificação à formação discursiva que o constitui. Já o **esquecimento nº 2** é da instância da enunciação e possibilita ao sujeito a ilusão de que o que ele diz somente poderia ser dito daquela maneira, pois lhe fica apagado que seu dizer se formula na relação de famílias parafrásticas, ou seja, há sempre outras maneiras possíveis de dizer.

Retornando às reflexões de Pêcheux sobre os processos discursivos, tomar a afirmação de que eles não são pura expressão do pensamento, pura atividade cognitiva, implica que há algo mais a se considerar: a história. Para a AD, a história *não é entendida como sucessão de fatos com sentidos já dados, dispostos em seqüência cronológica, mas como fatos que reclamam sentidos* (P.Henry, apud Orlandi, 1996a:33).

Quando dissemos ser no questionar de exclusões - a historicidade, deixada para fora pela lingüística, o simbólico, deixado para fora pelas ciências sociais, assim como o ideológico, pela Psicanálise - que a AD constitui o discurso como seu objeto, estamos considerando um conceito fundamental para o analista - o de *forma material*. Orlandi (1996b) afirma que a forma material pode ser definida pela consideração independente, mas inter-relacionada do sujeito, da língua e da história. Nesse sentido, continua a autora, não é possível uma divisão forma/conteúdo, pois a noção teórica de *materialidade é definida na ordem do discurso como forma material, relação da ordem simbólica com o mundo* (idem:28). Retomando Pêcheux, Orlandi (1996b:28) aponta que a noção de forma material tem vigência na perspectiva *que considera a relação entre a língua como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição dos efeitos lingüísticos materiais na história. É essa relação que produz sentidos*.

Dessa forma afirmamos, com Pêcheux (1969), que é impossível ao analista analisar um discurso como se estivesse analisando um texto, ou seja, como *uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma*. Faz-se necessário *referi-lo ao conjunto de discursos possíveis e a partir de um estado definido das condições de produção* (idem:79).

Segundo Orlandi (1999a:30), as condições de produção *compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso*. Por isso pensarmos sempre "o fora" como constitutivo do discurso e, nunca como

uma exterioridade empírica. A memória discursiva é tratada então, como interdiscurso, *'algo fala' (ça parle) 'sempre antes, em outro lugar e independentemente'* (Pêcheux, 1975:162). O que nos leva a dizer que o interdiscurso apresenta um efeito de sustentação para o dizer, ainda que o sujeito não tenha consciência disso, pois ele *disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada* (Orlandi, 1999a:31). Essa disponibilização de dizeres aparece no discurso na forma de pré-construído - conceito elaborado por Paul Henry para *designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é 'construído' pelo enunciado* (Pêcheux, 1975:99).

As considerações teóricas até aqui tecidas situam o trabalho do analista. São conceitos fundamentais para a prática analítica, posto que não possibilitam tomar a linguagem como transparente. E no âmbito da análise, como não nos deixarmos levar por um achismo na leitura do material a ser analisado?

Lembramos com Lagazzi (1988:51) que *é na linguagem que o sujeito se constitui, e é também nela que ele deixa as marcas desse processo ideológico*. Por isso, nas palavras da autora, *a linguagem configura as pistas para que possamos chegar um pouco mais perto do sujeito, e a Análise do Discurso possibilita que o conhecimento constitua-se além do 'achar' de cada pesquisador e fora de qualquer modelo pré-concebido*. Assim, é também na linguagem que ficam as marcas dos processos discursivos. Daí insistirmos na importância que tem, para o analista, o conceito de *forma material* já apresentado.

Como afirmamos, a construção dos dispositivos teórico e analítico possibilita que o analista faça a leitura de uma posição deslocada, o que significa fazer uma leitura não subjetiva do seu material. Orlandi (1996a:79), a esse respeito, afirma que a construção do dispositivo está relacionada ao *reconhecimento da materialidade da linguagem, da sua não*

transparência, e da necessidade, conseqüentemente, de um dispositivo para ter acesso a ela, para trabalhar sua espessura lingüística e histórica: sua discursividade.

Reconhecimento essencial para o analista de discurso, posto que à AD não interessa responder, conteudisticamente, "o quê" um objeto simbólico significa, mas compreender como os sentidos são produzidos, ou seja, como os objetos simbólicos produzem sentido. Assim, sendo o analista o responsável pela pergunta que desencadeia a análise, o objetivo do dispositivo teórico, sustentado em princípios gerais da Análise do discurso, é mediar o movimento entre a descrição e a interpretação (Orlandi, 1999a).

Compreender como os sentidos são produzidos implica, necessariamente, atingir a noção de funcionamento da língua e passar para o discurso. Daí dizer que o dispositivo da interpretação sustenta-se na noção de efeito metafórico, conceito elaborado por Pêcheux (1969).

Para elaboração desse conceito, o autor rejeita o procedimento analítico apresentado pela teoria da gramática gerativa, que procura responder à questão: "que regras lingüísticas são consciente ou inconscientemente aplicadas para produzir frases corretas de uma língua dada?", colocando, portanto, a organização da língua em torno do "sujeito falante". Pêcheux considera que esse procedimento possibilitaria, sem qualquer inconveniente, dispensarmos a análise dos *efeitos de superfície da seqüência discursiva*, pois estaria pressupondo a existência de um *sujeito psicológico universal* capaz de sustentar todos os discursos possíveis, uma vez que estaria apto a realizar todas as frases gramaticalmente corretas de uma língua. Assim proceder, significa que *a análise cede seu lugar à síntese*. O autor considera, ainda, inevitável que se faça opção pela análise, mas acrescenta a necessidade de explicitar os seus princípios: *a série das superfícies discursivas*

constitui um vestígio do processo de produção do discurso, isto é, da 'estrutura profunda' comum a um conjunto finito de realizações discursivas empíricas (Pêcheux, 1969:94).

O procedimento proposto, então, é *remontar desses 'efeitos de superfície' à estrutura invisível que o determina: é só depois que uma teoria geral dos processos de produção discursivos torna-se realizável, enquanto teoria da variação regulada das 'estruturas profundas'* (idem).

Para que os termos superfície lingüística e estrutura profunda não sejam erroneamente interpretados, é fundamental retomarmos a nota 20 feita à AAD - 69 por Françoise Gadet, Jacqueline León, Denise Maldidier e Michel Plon. Nela os autores comentam uma nota feita por Pêcheux a esse respeito. Dizem eles: *O próprio Michel Pêcheux tenta explicar o empréstimo terminológico que faz de Chomsky. A oposição estrutura profunda/estrutura de superfície representa uma analogia utilizada em 1969 para marcar a relação invariante/variações. MP destaca essa analogia em Langages 37 (pp. 72-73), ao mesmo tempo em que se volta de maneira crítica sobre a oposição invariante/variação, que lhe parece estar re-inscrita nas dicotomias tradicionais denotação/conotação, norma/desvio, e estar colocando novamente em causa a concepção da 'metáfora primeira e constitutiva'. Deve-se notar que a expressão 'superfície lingüística' será freqüentemente retomada na análise do discurso, fora do trabalho de MP e de seu grupo (Pêcheux, 1969:157).* Ainda em relação à utilização da expressão “superfície lingüística”, Serrani (1993) propõe a necessidade de sua substituição pela expressão “material lingüístico empírico”. Segundo a autora, essa substituição se faz necessária para que não se estabeleça nenhuma relação com os termos utilizados pela sintaxe transformacional.

Remontar à *estrutura invisível que determina os efeitos de superfície*, para voltarmos às palavras de Pêcheux, é possível pela consideração do *efeito metafórico*, cujo funcionamento aponta para o deslize e para a permanência do sentido. É, assim, chamado de efeito metafórico *o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse 'deslizamento' de sentido entre x e y é constitutivo do 'sentido' designado por x e y* (Pêcheux, 1969:96). Pêcheux acrescenta que, em um estado definido de condições de produção de um discurso, a substituição de um elemento da materialidade lingüística afeta os seus sentidos, tornado-o diferente, mas não produz um deslocamento da região de significação que sustenta o discurso. Dessa forma, o efeito metafórico produz, através da superfície do texto, o efeito de ancoragem semântica. Efeito que pode ser visualizado na figura que segue:

a, b, c, d, e, f
g, b, c, d, e, f
g, h, c, d, e, f
g, h, i, d, e, f
g, h, i, j, e, f
g, h, i, j, k, f
g, h, i, j, k, l

Orlandi (1996a) retoma e amplia esta questão. Segundo a autora, Pêcheux formulará mais precisamente a especificidade do efeito metafórico em relação ao dispositivo teórico de análise no livro *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, onde o autor dirá: *todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a Análise do Discurso* (Pêcheux, 1997a:53).

Orlandi acrescenta que é justamente *nesse lugar, em que se produz o deslize de sentidos, enquanto efeito metafórico, onde língua e história se ligam pelo equívoco (materialmente determinado) que se define o trabalho ideológico, em outras palavras, o trabalho da interpretação* (Orlandi, 1996a:82).

Trazer à visibilidade os efeitos metafóricos é tarefa do analista que, ao individualizar o dispositivo teórico, tem a possibilidade de *colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não disse mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras* (Orlandi, 1999a:59). Em outras palavras, é dar visibilidade aos "gestos de interpretação" que possibilitaram a produção de sentidos.

De acordo com Orlandi (1999a:27), *embora o dispositivo teórico encampe o dispositivo analítico, o inclui, quando nos referimos ao dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já 'individualizado' pelo analista em uma análise específica. E o que definirá a sua forma é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise.*

Portanto, a "individualização" do dispositivo teórico, que tem como característica a mobilização de determinados conceitos e não outros face às marcas lingüísticas, possibilita-nos o não encerramento dentro de um modelo pré-concebido e mecanicista de análise, uma vez que não corresponde à aplicação de uma fórmula única e "mágica" capaz de dar conta de toda e qualquer análise.

E é tomando esses pressupostos teóricos que buscamos compreender os funcionamentos discursivos instaurados pela revista **Raça Brasil**. Lembremos que compreender funcionamentos não significa encontrar atrás do texto um sentido escondido, um único sentido. Ao analisarmos a revista **Raça Brasil**, não objetivamos encontrar "o"

sentido instaurado por ela, mas sim, o funcionamento das discursividades ali compreendidas para que se possa *expor o olhar leitor à ação estratégica de um sujeito* (Pêcheux, 1999a: 14). Pois, ainda nas palavras de Pêcheux , para a AD *a questão crucial é construir interpretações sem jamais neutralizá-las nem no 'não-importa-o-quê' de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal* (idem: 16).

3. Um breve recuo: tentando situar uma discursividade...

3.1 Algumas considerações teóricas

Em nossa compreensão, ter como material de análise uma revista que se dirige explicitamente aos negros brasileiros traz a necessidade de situar uma discursividade acerca do negro no Brasil. Retomando Pêcheux, já afirmamos que é impossível analisar um discurso como uma estrutura fechada sobre si mesma, havendo, portanto, a necessidade de referi-lo ao conjunto de discursos possíveis e às suas condições de produção.

Diante dessa necessidade, o autor estabelece os elementos estruturais das condições de produção do discurso, a saber, a posição de seus protagonistas e a situação. Pêcheux assinala a importância de não pensarmos esses elementos como, respectivamente, *a presença física de organismos humanos individuais e realidade física*. Ao contrário, o que temos são *representações imaginárias*, pois *existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações)* (Pêcheux, 1969:82).

Não se trata, ao trazermos fatos históricos para este trabalho, de instrumentalizar nossa análise de fora para dentro, como se o contexto sócio-histórico estivesse fora da língua para justificar o que se diz. Trata-se, ao contrário, de considerar que os sentidos produzidos por esses fatos são constitutivos do dizer e, por isso, fazem parte das condições de produção da revista **RAÇA BRASIL**. Esta, ao recortar um público específico - os

negros brasileiros -, o faz inscrita em um contexto sócio-histórico que circunscreve seu discurso em já-ditos, em possibilidades de dizer configuradas pela memória dos sentidos historicizados sobre a condição do negro no quadro social brasileiro. Também as projeções que faz de seus possíveis leitores são efeitos de determinações históricas.

O conceito de memória, na perspectiva discursiva, não está associado a reminiscências de fatos localizados em “algum lugar do passado”, localizáveis e prontamente recuperáveis. Como muito bem afirma Pêcheux (1999b:52) *a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível*. Por isso, para Pêcheux, a memória discursiva é *estruturação de materialidade discursiva complexa estendida em uma dialética da repetição e da regularização* (idem).

Trazer para nossa discussão a questão da memória discursiva nos possibilita compreender e dar visibilidade aos processos de produção de sentidos na relação que estabelecem com a memória, visto que *a constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória)*. *Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)*. *É desse jogo que tiram seus sentidos* (Orlandi, 1999a:33).

Sem o objetivo de fazer uma historiografia que se pretenda exaustiva, traremos elementos que, por “reclamarem sentidos”, vão delineando uma discursividade acerca do negro e de suas formas de organização e resistência no Brasil. O discurso não brota, não

nasce do nada, do vazio. É histórico. É processo e, como tal, retoma outros processos discursivos.

Fundamental se faz, então, esclarecer que, ao trazermos para o nosso trabalho os textos de história, é preciso considerar que o discurso funciona, segundo Orlandi (1999a), por uma articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário. Tal fato tem relação com a exterioridade constitutiva da prática discursiva - o que significa que o fora não se refere a uma exterioridade empírica, mas ao interdiscurso.

Para Orlandi (1996a:39), o efeito de exterioridade permite a distinção entre real/realidade. Por isso, o real é *a função das determinações históricas que constituem as condições de produção materiais e a realidade a relação imaginária dos sujeitos com essas determinações, tal como elas se apresentam no discurso*. Isso se dá em um processo de constituição ideológica do sujeito pela sua ilusão de ser a origem do que diz e pela impressão da realidade do pensamento. São os dois “esquecimentos” aos quais já fizemos referência.

Assim, tomar a voz do historiador, é entender que seu dizer se constitui nessas relações, por isso, não se trata de atribuir-lhe o lugar de origem dos sentidos, mas de entender que sua tomada de posição, inscrita na história, o inscreve em uma rede de sentidos com os quais se identifica, ou seja, o historiador também faz “gestos de interpretação”.

Diante da necessidade de trazer para o seu trabalho os textos de história, Payer (1999:49) ressalta que é necessário considerar, no caso do seu objeto de estudo, *a interdição de uma língua não enquanto história cronológica, geográfica, em sua exterioridade em relação à linguagem, mas enquanto historicidade inscrita nos próprios textos que a executam e falam dela, através de representações imaginárias que no seu*

interior designam, para os protagonistas do discurso, a imagem do lugar (da posição) que eles se atribuem a si e ao outro, a imagem do seu lugar próprio e do lugar do outro.

Adotamos em nosso trabalho essa mesma perspectiva em relação aos textos históricos sobre o negro no Brasil, ou seja, procuramos entender seus sentidos enquanto historicidade inscrita nos próprios textos e que são igualmente constitutivos da memória discursiva que se tem do negro em nosso país.

Faz-se necessário, assim, fazermos um breve recuo ao período da escravidão africana no Brasil, isto porque essa foi a primeira forma de relação entre o negro africano e o país e, como mostraremos no decorrer do trabalho, é uma questão pertinente para o desenvolvimento da análise que faremos.

O contar dessa história se fixou no imaginário que se tem do negro em nossa formação social. São sentidos constantemente retomados, refutados, ressignificados. Fato que nos revela a historicidade e a determinação dos processos de significação, que podem se manter ou deslizar para outros processos. Afirmar que há determinação significa que os sentidos não são *fixados ad eternum, nem desligados como se pudessem ser quaisquer uns. É porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém* (Orlandi, 1999b:22). Por isso, continua a autora, *os sentidos e os sujeitos poderiam ser sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso. Nesse entremeio, nesse espaço da interpretação* (idem).

Portanto, esse é o lugar do nosso trabalho em relação à discursividade da revista: nem fora da história, nem na evidência dos sentidos já postos, pois consideramos com Pêcheux (1999:56) que compreender o “*papel da memória*” é considerá-la *estruturação da materialidade discursiva*, e não *uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um*

reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

3.2 O contar da história

Para que possamos compreender a constituição do imaginário que se tem do negro no Brasil e as representações (do negro) organizadas por esse imaginário que, conseqüentemente, afetam os sentidos da revista **RAÇA BRASIL**, é importante salientar alguns pontos no contar dessa história.

Pinsky (2000) nos mostra que, no Brasil, a escravidão advém de sua "descoberta" e do projeto da grande lavoura açucareira, uma vez que a agricultura de subsistência era considerada um desperdício de investimento e de mão-de-obra, o mais importante era produzir para o mercado. Configurava-se, assim, o lugar do negro: mão-de-obra para esse empreendimento. A partir daí, delineou-se o tipo de sociedade do Brasil colonial: dividida entre senhores e escravos, caracterizava uma posição de inferioridade para o escravo negro em relação à superioridade do senhor branco. Para a memória da raça negra, este é um ponto fulcral.

Pinsky ainda nos fala da representação do negro como uma figura primitiva, selvagem e dominada pelo instinto, e também da atribuição ao negro de características como leviandade nas relações pessoais e promiscuidade sexual, de sua representação associada à bebida e, ainda, do mito da "mulher quente" associado à mulher negra. Foram sentidos estabilizados por muito tempo, em meio a diferentes formas de resistência: fugas,

suicídios, assassinatos de feitores, senhores e de seus familiares, revoltas e a formação de quilombos.

Também como forma de resistência à escravidão, os negros constituíram sociedades secretas de cunho religioso nas cidades e nestas, preservavam antigas crenças, ou desenvolviam práticas sincréticas - a "síntese" entre o cristianismo e religiões africanas - e além disso treinavam lutas - capoeira - em que aprendiam golpes mortíferos para usarem contra os inimigos.

Tem especial destaque entre as formas de resistência negra a formação de quilombos. Segundo Moura (1981), com uma organização hierárquica bem definida, os quilombos não apenas se apresentavam como defensivos, em alguns momentos, também atacavam a fim de conseguirem artigos e objetos sem os quais não poderiam viver. Apresentavam, também, uma estrutura social bem definida, conseguindo se manter, não somente pela força militar que possuíam, mas também pelas "alianças" feitas com os moradores das cidades mais próximas e com os escravos das senzalas. Sendo os quilombos uma ameaça constante à ordem estabelecida, os governantes freqüentemente organizavam expedições de combate a eles.

O maior dos quilombos foi o de Palmares, no estado de Alagoas, que chegou a ter cerca de vinte mil habitantes. Palmares resistiu a todas as expedições punitivas de 1630 até 1695, quando foi morto Zumbi, seu líder, que se fixou no imaginário como o símbolo maior da resistência negra.

Segundo Moura (1983), ainda que intermitentes, frágeis e desarticuladas, as organizações foram sempre constantes, mesmos depois da abolição. Entre estas podem ser citadas as confrarias religiosas, irmandades, os cantos, na Bahia, os grupos religiosos afro-brasileiros como o candomblé, terreiros de xangô e umbanda.

Em um olhar pela história encontraremos muitas outras formas de manifestação e organização dos negros contra a condição de subjugados, contra o racismo e por uma afirmação de identidade. Souza (1993), inclusive, aponta o fato de, no campo da historiografia sobre a escravidão no Brasil, existir uma polêmica entre a descrição do escravo africano - ora apresentando-o como passivo diante do regime escravista, ora como agente ativo, rebelando-se contra a escravidão. Segundo o autor, da primeira concepção seriam adeptos historiadores, sociólogos, antropólogos e economistas. A segunda concepção se faz como um discurso de reação à primeira, cujo mote fundamental é *destruir a perspectiva histórica de que os escravos não lutaram contra o cativo*. Diante disso, continua Souza, *a estratégia é transformar em mito a passividade do negro e estabelecer a resistência como a verdade histórica* (idem:59). Nesse sentido, com o objetivo de instituição da resistência como verdade histórica, o episódio mais mobilizado é o das lutas de Palmares, incluindo-se aí vida e morte de Zumbi.

3.3 Imprensa negra

Segundo Moura (1983), não foi apenas através de entidades religiosas que o negro se organizou, houve também o que ele chamou de *imprensa negra*. Fato que muito interessa neste trabalho, dada a natureza de nosso material de análise.

De acordo com o autor, em São Paulo, embora pouco conhecida e estudada², essa imprensa possui significativa importância, tanto pelo papel social e ideológico que desempenhou, quanto pela possibilidade de trazer à tona a discussão das razões que

² Moura destaca que a obra *História da Imprensa Negra* de Nelson Werneck não registra a existência dessa imprensa.

levaram à necessidade de criação de uma imprensa especializada, uma imprensa alternativa que refletisse os anseios e reivindicações e o *ethos* de uma comunidade oprimida economicamente e discriminada pela cor. Continuando, Moura aponta que este tipo de imprensa, com circulação restrita à comunidade à qual se dirigia, acabava por exercer função social, política e catártica durante a sua trajetória.

A imprensa negra à qual o autor faz referência abarca um período que vai de 1915, quando surge o jornal *O Menelick*, até 1963. Durante o tempo em que circulou foi representada por jornais de pequena tiragem e curta duração, uma vez que esses não dispunham de recursos para se manterem por muito tempo. Segundo Moura, neles poder-se-ia visualizar o que o autor denomina de “painel ideológico e existencial do negro”, pois lá eram encontradas as festas, os aniversários, os acontecimentos sociais, as poesias do intelectual negro, os protestos contra o preconceito de cor e a marginalização do negro. Também não faltavam conselhos para o negro ascender cultural e socialmente. Na análise de Oswaldo Camargo (apud Moura, 1983:56) : *Os jornais que representam o pensamento da coletividade negra variam segundo a múltipla experiência do negro na vida paulistana. Alguns ficaram apenas no nível do contato de notícias sobre um pequeno grupo de negros; outros alcançaram um alto nível de exposição de idéias; outros ainda se propuseram a ilustrar e preparar o negro para o livre debate e procurar soluções dos problemas comuns sentidos dentro da coletividade negra.*

Bastante interessante salientar que havia uma constante preocupação com a educação - vista como um meio para “subir na vida” e chegar aos mesmos patamares do branco. Isso se abandonassem vícios como o alcoolismo, abstivessem-se de praticar arruaças em bailes e fossem um modelo de cidadão. Nesse sentido, os jornais

desempenhavam um papel moralizante, indicando que comportamento deveriam ter os membros da comunidade negra.

Uma outra característica marcante da chamada imprensa negra era ser setorizada, o que significava que o negro que quisesse obter informações de alcance nacional ou internacional deveria recorrer à imprensa *branca*, a chamada grande imprensa. Moura considera a setorização da imprensa negra, um fato singular, principalmente em São Paulo.

Ainda que os jornais tenham surgido como veículos de informações sociais e espaço para publicação da literatura de uma determinada comunidade, face aos preconceitos gerados pela cor, foram tomando conotação de reivindicação racial. Inclusive, segundo Moura, a imprensa negra reflete como os negros articulam o conceito de raça com relação a si mesmos, afirmando que os *negros concentram nesta marca o potencial de sua revalorização simbólica, do reencontro com sua personalidade* (Moura, 1988:211). Fato que os leva a referirem-se à “nossa raça” *sempre em nível de exaltação, pois tudo aquilo que para a sociedade discriminadora é negativo passa a ser positivo para o negro, e este fenômeno se reflete na sua imprensa. Não é por acaso que o seu mais significativo jornal tem como título ‘A Voz da Raça’. A ‘raça’ é, portanto, exaltada e quando o negro refere-se a outro, fala que ele é ‘da raça’* (idem). Esse é um ponto importante para nossa reflexão.

Dentre os jornais publicados no período acima referido, pode-se citar *O Clarim da Alvorada* (1924), fundado por José Correia Leite e Jayme Aguiar, que desempenhou uma expressiva influência no meio negro e foi o mais representativo até o surgimento de *A Voz da Raça*. Para o autor, este último *representa uma tomada de posição do negro em nível de uma opção política, pois era órgão da Frente Negra Brasileira*³ (Moura, 1988:207).

³ A Frente Negra Brasileira, segundo Moura, era uma organização com estrutura organizacional complexa. Inicialmente estruturada em São Paulo, teve núcleos também em outros Estados. Essa associação prendia-se a

Existiram ainda as revistas *Senzala*, *Ébano* e *Níger*. A primeira, editada por Geraldo Campos de Oliveira e que, segundo Moura, apresentava tendências socialistas.

Miriam Nicolau Ferrara, apud Moura (1988:212), analisa a periodização da imprensa negra em São Paulo, estabelecendo níveis de evolução para sua trajetória: *no primeiro período (1915/1963), há tentativa de integração do negro na sociedade brasileira e a formação de uma consciência que mais tarde irá ganhar força; o segundo período é marcado pela fundação do jornal 'O Clarim da Alvorada', em 1924, e atinge seu ápice em 1931 com a organização da Frente Negra Brasileira, que publicou em 1933 o jornal 'A Voz da Raça'. Este período termina com o Estado Novo; o momento das grandes reivindicações políticas marca o terceiro período (1945/1963), com elementos do grupo negro se filiando a partidos políticos.*

Embora não haja muitos estudos sobre o que, assim como Moura, chamaríamos de imprensa negra, a possibilidade de localizar a existência desse tipo de imprensa em São Paulo, bem como de ter acesso à sua caracterização - temática, modo de circulação, objetivos - nos trouxe elementos importantes para situar a discursividade da revista **RACA BRASIL** frente ao que chamamos de imprensa negra.

uma filosofia fundamentalmente educacional, pois entendia que o negro venceria à medida que conseguisse firmar-se nos diversos níveis da ciência, das artes e da literatura. Chegou a criar uma Milícia Frente Negra - organização para-militar que, segundo um de seus fundadores, aqueles que dela fizessem parte eram respeitados pelas autoridades policiais, conseguindo, inclusive, o ingresso na Força Pública de São Paulo (instituição policial). Tais ações fizeram com que a Frente Negra Brasileira se transformasse em um partido político que, depois do golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas, foi fechado.

3.4 Movimentos militantes

Tanto no que diz respeito à história da escravidão, quanto à existência de uma imprensa negra, vimos como há uma forte memória de luta, de reivindicação. São sentidos que nos levam ao espaço da organização e da militância.

Continuando nossa busca pela compreensão dessas questões, focalizaremos, agora, o modo de organização que assume a configuração de movimentos militantes. Esses movimentos são geralmente caracterizados pelos sentidos de coletividade, ou seja, grupos que se formam por terem projetos ou reivindicações comuns. E, pela estrutura organizacional que, via de regra, apresentam - nome, estatutos, sede, relações hierárquicas - adquirem uma institucionalidade. Fato que lhes permite ser um lugar legitimado de dizer em nome de um grupo, produzindo também a institucionalização de sentidos associados ao grupo que representam.

Retornando a Moura (1983), encontraremos referências a associações e movimentos militantes negros. De acordo com seus estudos, depois da fundação, em 1931, da **Frente Negra Brasileira**, somente em 1954 surge uma outra organização negra significativa: a **Associação Cultural do Negro**. A história dessa associação apresenta duas fases bem distintas: a primeira é caracterizada por uma intensa atividade cultural e artística e, a segunda, caracterizada por ter objetivos mais assistenciais e filantrópicos. Ainda que conseguisse se sustentar a sociedade foi se esvaziando até fechar as portas.

Depois do término da Associação Cultural do Negro, houve um momento de retrocesso no que diz respeito à organização do negro paulistano. Porém, algumas razões começam a impeli-lo a procurar o reagrupamento. Movimentos negros nos Estados Unidos,

como Black Power, Panteras Negras, Muçulmanos Negros e outros alcançam repercussão no Brasil. Também repercutem as grandes lutas e as lideranças radicais de Malcom X, Luther King Jr. e de outros.

Tiveram importância, ainda, no processo de rearticulação do negro no Brasil, especialmente em São Paulo: a violência que se abateu sobre os líderes negros, quase todos eliminados e, em contrapartida, a violência negra em cidades como Chicago, Washington, Nova Iorque, Filadélfia e outras. Também o surto de libertação das antigas colônias africanas levou os profissionais liberais, estudantes, funcionários públicos, e, também negros pobres a começarem a assimilar os movimentos de libertação da África e se conscientizarem da necessidade de se auto-afirmarem como negros.

Diante disso, foram fundadas muitas entidades voltadas para a África como nova pátria, na base da *diáspora negra*. Entre elas estavam **O Capucro** (grupo negro muito ativo, porém de vida efêmera e, talvez, o mais significativo nesse sentido) e o **CECAN – Centro de Estudos da Cultura e Arte Negra**. Também a Associação Cristã Beneficente, uma organização mais tradicional, incorporou a renovação e com ela grupos, na ocasião, mais recentes como o Grupo Latinoamérica, o Grupo de Artistas Negros, a associação Cultural e Recreativa Brasil Jovem e o IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. Houve, ainda, o surgimento e a renovação de outras entidades negras e a fundação da Federação das Entidades Afro-brasileiras do Estado de São Paulo. Acrescente-se o aparecimento de dois jornais – o *Jornegro* e o *Abertura*.

Segundo Moura, houve uma articulação dessas organizações em uma série de atividades culturais, sociais e recreativas que, às vezes, tomavam posição política contra o preconceito de cor.

Ainda em Moura (1983), vemos que a formação do Movimento Negro Unificado se deu pela unificação dos movimentos e entidades acima citados. Unificação consolidada em 18 de junho de 1978 com a realização do chamado *Ato Público*, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Os fatos que levaram à convocação desse ato foram: a morte do trabalhador negro Robson Silveira da Luz, torturado por policiais em uma delegacia de Guaianazes, bairro de São Paulo, a expulsão de quatro atletas negros do time juvenil do Clube Regata Tietê e o assassinato, por um policial, do operário negro Niton Lourenço.

Durante o ato, portanto, surgiu o **Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial**, hoje, apenas **Movimento Negro Unificado**, cujo documento que chamava à participação apresentava na conclusão a seguinte convocação: *Não podemos mais aceitar as condições em que vive o homem negro, sendo discriminado da vida social do País, vivendo no desemprego, subemprego e nas favelas. Não podemos mais consentir que o negro sofra perseguições constantes da polícia sem dar uma resposta.*

O autor esclarece que nem todas as entidades ou grupos negros de São Paulo aderiram ao MNU, por considerarem muito radicais suas propostas de luta.

Falar do MNU em nosso trabalho, permite compreender um pouco mais sobre a militância negra organizada. Entre outros movimentos que existiram e ainda existem⁴, o MNU é um dos mais expressivos movimentos negros do Brasil, constituindo-se como uma referência histórica para a militância negra. Acrescentamos que, embora tenha sido fundado em São Paulo, estendeu-se a outros Estados brasileiros tendo, ainda hoje, como objetivo uma atuação em nível nacional.

⁴ Dentre eles: o Fórum Estadual de Entidades Negras do Rio Grande do Sul, a União de Negros pela Igualdade (Unegro), o Fala Preta!, o Geledés (Instituto da Mulher Negra e o Quilombhoje.

Foi na segunda Assembléia Nacional do MNU, realizada em Salvador-BA, no dia 4 de novembro de 1978, que se estabeleceu o dia 20 de novembro como *Dia Nacional da Consciência Negra*⁵. Data que, ainda hoje, tem sido marcada por comemorações, debates e discussões. A denominação desse dia traz ainda, na opacidade lingüística da formulação “consciência negra”, sentidos que deslizam para outras formulações parafrásticas correntes em nossa formação social, principalmente associados às propostas de atuação de grupos militantes. Enunciados como: “ter orgulho de ser negro”, “estar consciente de ser negro” e “assumir a negritude” figuram como condição inalienável à construção de uma subjetividade para o indivíduo negro, por isso o discurso da militância muito trabalha nesse sentido. Questões que foram compreendidas a partir do contato com um documento do MNU chamado *Caderno de Teses*, elaborado a partir de discussões realizadas no *XII Congresso Nacional do Movimento Negro Unificado*, realizado em Salvador-BA em abril de 1998. Na leitura e análise das propostas de atuação do movimento, foi-nos possível compreender alguns lugares de reivindicação. “Recuperar a africanidade” é um gesto fortemente mobilizado e significado por outros, como: resgate da cultura, da identidade e da dignidade do povo negro. São nesses gestos que o Continente Africano é evocado como lugar da afirmação positiva, pois se constituem no imaginário da liberdade e da realeza, em oposição a uma memória brasileira marcada pela escravidão

⁵ Souza (1993) , tomando o *Manifesto do Dia Nacional da Consciência Negra* como um acontecimento discursivo, apresenta uma análise bastante interessante, apontando como através desse manifesto o Movimento Negro Unificado se constrói tendo como base uma cena fundadora anterior: a libertação dos escravos não é mais atribuída ao “gesto generoso” da Princesa Isabel, mas à ação heróica de Zumbi. Valendo-se do conceito de dêixis fundadora proposto por Maingueneau, Souza mostra que é possível afirmar que Zumbi e Palmares são vestígios de uma outra enunciação, no interior da qual o interdiscurso do *Manifesto institui e capta uma história. Este gesto de instituição discursiva descreve o ato fundador de um campo da subjetividade negra, ou seja, um modo de o negro ser referido e referir-se a si* (idem: 68).

Por isso, no discurso militante, evocar o passado de luta do povo negro adquire a função de conscientização, assim como resgatar a cultura e a dignidade são elementos essenciais para a auto-estima do negro.

3.5 Organizando a discussão

A breve exposição, tanto no que se refere ao período da escravidão, quanto ao surgimento de uma imprensa negra, assim como de formas de organização em grupos militantes, revela-nos como a memória de luta sempre esteve presente em relação à negritude. No caso da imprensa negra, queremos deixar como pontos que nos chamaram a atenção: o fato de ser setorizada, o que aponta a circunscrição de um espaço, e o didatismo que procurava ensinar ao negro como se comportar. No tocante ao discurso militante, destacamos a posição de luta, o viés de busca da África como lugar de afirmação positiva e da memória de liberdade e realeza e, principalmente, as questões ligadas à auto-estima.

Do ponto de vista discursivo, as formas de organização dos negros situam confrontos entre sujeitos, na busca de legitimação de posições de inclusão social no Brasil. Por pensar no discurso sempre como um processo que se constitui em “relação a” (Canguilhem, apud Pêcheux, 1997b), consideramos importante *tentar situar uma discursividade* acerca do negro no Brasil, trazendo para o nosso trabalho elementos que mostram como essa discursividade é historicamente instituída.

Vemos a revista **Raça Brasil** como um dos nós dessa discursividade que ecoa desde há muito tempo. Pêcheux (1999) afirma que assim como os métodos da Nova História, os da arqueologia foucaultiana chegam a tratar explicitamente o documento

textual como um monumento, "um nó singular em uma rede", que se coloca como vestígio discursivo de uma história. Considerando, na análise das discursividades, as posições teóricas e práticas de leitura de M. Foucault, a AD pôde construir os conceitos de intertextualidade e de interdiscurso. Como consequência, essa abordagem levou *a análise de discurso a se distanciar ainda mais de uma concepção classificatória que dava aos discursos escritos oficiais 'legitimados' um privilégio que se mostra cada vez mais contestável* (idem:9).

Assim, como as discursividades de luta dos negros ecoam desde há muito tempo, apresentando diferentes maneiras de formular essa luta, o estudo da revista **RAÇA BRASIL** enquanto um desses nós, requer que analisemos essa materialidade específica cuja forma de circulação é a mídia impressa.

4. Conhecendo o material de análise...



Ano 1, nº1, setembro de 1996

RAÇA BRASIL - A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS - foi com esta denominação que, a partir de setembro de 1996, começou a ser publicada, mensalmente⁶, pela editora *Simbolo-SP*, a revista objeto de nossa análise. Delineava-se, aí, um lugar de significação para o negro, em uma prática de publicação de revistas. Afirmamos no capítulo anterior que a revista *RAÇA BRASIL* se constitui em um dos “nós” de uma discursividade sobre o negro e que tem uma especificidade: sua forma material - ser uma revista e, portanto, ter como forma de circulação a mídia impressa.

⁶ *RAÇA BRASIL* teve periodicidade mensal até junho de 2001. Data a partir da qual passou a ser publicada com uma certa irregularidade - depois da edição de junho só foi publicada outra em setembro e, a seguir, em dezembro. Nessa edição através do editorial, a revista informou que, “por motivos editoriais”, *RAÇA BRASIL* passaria a ser publicada bimestralmente. Juntamente com a “quebra” no ritmo da publicação ocorreu uma mudança na configuração da revista. Mudança à qual voltaremos a fazer referência.

Temos aqui espaço para pensar no que afirma Orlandi (1996:12): *os sentidos não são indiferentes à matéria significativa, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significativa - e/ou a sua percepção - afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele.* Por isso, olhar para essa particularidade se torna imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho, pois, se pretendemos uma análise que seja discursiva, o conceito de materialidade deve estar presente com consequência. Isto significa que o fato desse “falar para e sobre o negro” se textualizar sob a forma de uma revista é um elemento fundamental de suas condições de produção e, portanto, faz parte da produção de sentidos na medida em que a afeta, trazendo determinações.

Continuando a reflexão, retomaremos um trabalho de E. Orlandi (2001) sobre o discurso de divulgação científica e sua relação com novas tecnologias de linguagem. Nele, a autora nos mostra que é preciso considerar *as novas tecnologias de linguagem como desenvolvimentos no domínio da tecnologia da escrita*, e aponta a necessidade de situar a escrita, enquanto forma de relação social, isto é, relação entre sujeitos em espaços histórico-sociais. Para Orlandi, *a transformação da relação do homem com a linguagem, no caso, com a escrita, desencadeia um número enorme de outros processos de transformação: a forma dos textos, a forma da autoria, o modo de significar* (idem:149).

Por tomar essas considerações, entendemos que é fundamental considerar a revista **RAÇA BRASIL** em seu modo de significar diferente dentro da discursividade negra. Ela não é um jornal, um texto acadêmico ou um programa político de um movimento organizado. E isso, a exemplo do que afirmou Orlandi (2001), não se restringe a um aspecto utilitário e pragmático, mas histórico discursivo, e traz consequências para o sujeito negro em sua discursividade. Por outro lado, a revista **RAÇA BRASIL** não é um lugar à parte de

toda discursividade que “ecoa” sobre o negro desde há muito tempo. Ela é um “meio outro” de circulação. Fato este bastante relevante, pois consideramos com Orlandi (2001:153) que *os meios não são indiferentes aos sentidos, não são apenas veículos neutros. Podem ser pensados como um “instrumento” no domínio da informação, instrumento tomado aqui no sentido em que Paul Henry o define.* Reafirmamos, pois, que os sentidos em **RACA BRASIL** não são indiferentes ao seu meio de veiculação.

Buscaremos, então, refletir sobre algumas peculiaridades do “veículo revista”. É preciso considerar de início a dificuldade que encontramos ao tentar classificar os “tipos de revistas”. Segundo Vilas Boas (1996), toda revista é de alguma maneira especializada já que pretende um público determinado. Tentando estabelecer uma classificação, o autor propõe uma divisão das revistas em três grupos estilísticos: as ilustradas, as especializadas e as de informação-geral, e admite a possibilidade, por exemplo, de as revistas de informação geral apresentarem características das ilustradas. Isso revela, como apontamos, a dificuldade de classificação, dado o modo heterogêneo de constituição das revistas. Ao apontar os grupos estilísticos em que podem ser divididos os periódicos, Vilas Boas afirma que a especialização de uma revista pode ser temática ou se dar segundo a segmentação de seus leitores. Em uma perspectiva discursiva, entendemos que não há a disjunção produzida por esse “ou”. Não há uma relação de exclusão entre a temática das revistas e a segmentação de seus leitores. Esse é um processo que se dá conjuntamente. Talvez pudéssemos pensar que a segmentação dos leitores pode determinar a temática da revista. É o caso, por exemplo, das revistas femininas. Poderíamos pensar também no contrário: a temática segmenta os leitores - uma revista sobre carros e motos, possivelmente, despertará maior atenção do público masculino. Ao apontarmos esses exemplos, não estamos sugerindo que a segmentação dos leitores se dá apenas segundo questões de gênero,

inclusive haveria subsegmentações dentro desta. Certo é, entretanto, que a temática e a segmentação dos leitores não são processos excludentes, mas concomitantes e interdependentes.

Apesar da grande dificuldade para classificar as revistas em grupos, ao observarmos a incontestável força da mídia impressa, verificamos que o número de publicações em que a especificidade do periódico vem marcada - tanto tematicamente quanto segundo a segmentação dos leitores - continua crescendo, não apenas no âmbito das redes eletrônicas, mas ainda no papel. A determinado assunto corresponde um público-alvo - sendo esse mais amplo ou mais restrito. Não nos seria difícil elencar uma série de revistas e reconhecer em cada uma delas uma especificidade: *Veja, Isto é, Exame, Quatro Rodas, Época, Caras, Tititi, Nova, Cláudia, Atrevida...*

Pensando o nosso material de análise e retomando o aposto “A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS”⁷, a afirmação explícita da direcionalidade da revista nos chamou a atenção. O efeito de sentido de delimitação produzido pelo artigo “a” não nos permite dúvida: é essa “a” revista dos negros brasileiros, as outras não são. Portanto, o específico em relação à revista **Raça Brasil**⁸ diz respeito à etnia, o que não ocorre com

⁷ O aposto esteve presente nas capas da revista até a edição nº 36 (agosto de 1999). Na edição seguinte, comemorativa do 3º aniversário da revista, ele não mais apareceu. E, nela, em uma reportagem sobre o papel desempenhado por **RAÇA BRASIL** desde o início de sua publicação, foi feita a seguinte referência: *Muita gente considerou o slogan 'A revista dos negros brasileiros' uma forma de racismo. E não faltaram 'especialistas' para anunciar que uma publicação desse tipo não teria espaço num país multirracial como o Brasil. Águas passadas. A avaliação dos últimos três anos mostra que RAÇA foi fundamental para a conscientização e a elevação da auto-estima dos 59% de não brancos que, de acordo com pesquisa do Datafolha, compõem a população do país. Apesar da resposta às críticas, o fato é que o slogan deixou de figurar nas capas da revista. Entendemos que a sua retirada, mesmo significativa, não diluiu o sentido de especificidade e delimitação étnica propostos pela revista, uma vez que esses sentidos são reafirmados pela sua constituição - interlocução com leitor, seleção de assuntos, aspectos visuais. Consideramos, ainda, que embora o enunciado não continue materialmente presente, os sentidos por ele produzidos, especialmente por estar na 1ª edição - momento inaugural da revista - e pela circulação durante os três anos seguintes foram importantes para a constituição e circunscrição do espaço proposto pela revista.*

⁸ Procedendo a uma pesquisa nas bancas de jornal, não encontramos em circulação nenhuma revista dirigida aos negros. Encontramos, entretanto, em Sodré (1999) referência a *Black People* como sendo uma revista da

outras publicações. Está aí um contraponto que nos instiga e nos faz perguntar pelos sentidos da publicação de uma revista que presume como público-alvo os negros brasileiros.

A primeira edição da revista traz, na seção Linha de Frente, que funciona como um editorial, a interlocução inicial com o leitor. É a revista “se apresentando”, explicitando quais são seus objetivos e suas propostas. Na voz de seu editor-chefe, a revista **RAÇA BRASIL** explica-se. Por isso, é um lugar interessante de observação e ao qual retornaremos durante o trabalho. Por ora, tomaremos esse primeiro editorial para, a partir da análise de alguns de seus aspectos, lançarmos algumas questões.

Essa é pra você!

Todos os dias nascem milhares de negros e negras neste país. Negros de todos os tons. Nascem exatamente como os outros brasileiros: com direito à vida e à dignidade. Como todas as crianças, aprenderão a andar, brincar e sonhar. Crescerão com suas famílias, irão à escola, criarão novas famílias e sonharão com um mundo melhor.

Todos os dias nascem negros neste país - mas o país não sabe disso, ou finge não saber. Estamos por toda parte. Nas ruas, nos escritórios, nos shoppings, restaurantes... no entanto somos invisíveis! Como pode um país não enxergar mais de metade de seu próprio povo?

Felizmente, os tempos estão mudando. Nadando contra a corrente, vamos aos poucos conquistando espaço, respeito e dignidade. Dizem até que a moda hoje é ser black. Pois eu acho que o negro sempre esteve na moda. Afinal, como diz Carlinhos Brown somos fortes, bonitos, poderosos.

RAÇA BRASIL nasceu para dar a você, leitor, o orgulho de ser negro. Todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima: ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, dançando, cantando, consumindo. Vivendo a vida feliz.

Todos os meses, RAÇA BRASIL vai falar de nossos problemas e apresentar soluções. Vai ajudá-lo a se cuidar melhor, a viver com mais alegria e segurança. Vai também discutir nossa identidade, resgatar nossa herança cultural e mostrar que a negritude é alegre, rica, linda. Estaremos atentos para negar o preconceito, mas, acima de tudo, queremos afirmar nossas qualidades.

mesma época de **RAÇA BRASIL** mas que não obteve o mesmo sucesso editorial. Há, também, circulando em rede eletrônica, a revista *Afirma* dirigida aos negros.

Nosso trabalho apenas começou. Quem vai continuá-lo é você. Lendo, discutindo, escrevendo, sugerindo, reivindicando. Queremos oferecer o que há de melhor. Ninguém neste país merece mais do que você.

Queremos a revista com a cara da nossa raça: black, colorida, com balanço e ginga bem brasileiros. Isto é RAÇA BRASIL. (Seção Linha de Frente, Ano 1, nº 1, setembro de 1996)

No recorte acima, a dimensão de especificidade do público da revista assume um caráter bastante forte, produzindo um efeito de cumplicidade entre revista e leitor negro⁹. Cumplicidade que é marcada pelas formulações “falar de nossos problemas”, “discutir nossa identidade”, “resgatar nossa herança cultural”, “afirmar nossas qualidades”. Aqui, os pronomes possessivos em primeira pessoa do plural circunscrevem um espaço para o negro dentro de uma prática de publicação de revistas. O “nosso” recorta o que pertence ao branco e ao negro, configurando um movimento concomitante de inclusão e exclusão.

Estabelecer cumplicidade com o leitor negro é um gesto que não se faz fora da história. Por isso, quando buscamos compreender a dimensão interdiscursiva da interlocução com o negro, as formulações acima nos mostram que esse falar para e sobre ele é um gesto que não vem dissociado de questões sociais de luta do povo negro, o que inclui denunciar a exclusão de direitos do negro brasileiro e reivindicar sua visibilidade.

Em nosso material, essas questões estão “formatadas” na materialidade da revista, e esta traz sentidos que a constituem enquanto tal. Um deles é o modo de organização textual em seções. Dessa forma, explicitados os objetivos - dar ao leitor o orgulho de ser negro, mostrá-lo bonito, ajudá-lo a se cuidar melhor, resgatar sua identidade, afirmar suas qualidades - a revista se divide em seções que buscam atender aos propósitos estabelecidos. Ao longo da análise, buscaremos compreender como os objetivos propostos são

⁹ Trataremos de forma mais detalhada e teórica a questão da interlocução com o leitor e da configuração do seu lugar na seqüência do trabalho.

organizados na discursividade da revista, aliando, na análise, aspectos verbais e não-verbais.

Procederemos, agora, a uma descrição dessa divisão. São alguns espaços que tornam visível o nosso material de análise – a revista **RAÇA BRASIL**.

LINHA DE FRENTE é a primeira seção e se caracteriza por funcionar como uma espécie de editorial, onde são apresentados e comentados os assuntos da edição da qual faz parte. Marca-se também por ser um lugar em que ocorre uma interlocução com os leitores, ou seja, em que a revista dirige-se explicitamente ao seu público-alvo. Essa seção já foi denominada *PRIMEIRA PÁGINA*, e hoje se chama *TOQUE DIRETO*.¹⁰

Como a maioria dos periódicos, **RAÇA BRASIL** possui uma seção para a publicação de cartas e e-mails de seus leitores. Em geral constam de comentários destes acerca das reportagens publicadas, sugestões de matérias, elogios ou críticas. Este espaço já apresentou diferentes denominações, entre elas: *OUTRAS PALAVRAS*, *CONEXÃO BLACK* ou simplesmente, *CARTAS*.

Geralmente agrupadas sob o subtítulo *GENTE*, são publicadas entrevistas com personalidades negras, ou reportagens sobre negros que desempenham alguma atividade de destaque no campo artístico, cultural, esportivo ou qualquer outra atividade considerada relevante para a comunidade negra. Ainda nesse eixo, esteve presente a seção *NEGROS GATOS*, onde eram publicadas fotos, em geral de artistas, acompanhadas de uma breve e esquemática biografia. Nesse agrupamento, uma seção bastante significativa sempre esteve presente: é a chamada *NOSSA GENTE*. Nela, mostram-se pessoas negras que alcançaram

¹⁰ Essa seção é assinada pelo editor-chefe da revista. À troca de nome da seção corresponde também a mudança do editor. O primeiro deles foi Aroldo Macedo; depois dele, em abril de 2000, entrou Amélia Nascimento e, em junho de 2001, passou a ser assinada por Francisco de Oliveira. Com a segunda mudança de editor-chefe, houve também uma mudança na configuração da revista.

sucesso profissional, relatando como elas conseguiram alcançar projeção em seus campos de atuação. O *PERFIL* de pessoas famosas também tem sempre lugar em **RAÇA BRASIL**. E, para as personalidades negras, geralmente já falecidas, os elogios e histórico de suas vidas estão na seção *GALERIA*.

CABELO BOM, *BELEZA PURA* e *MODA E ESTILO* são espaços dedicados ao corpo. O primeiro, como o próprio nome sugere, traz dicas de como cuidar dos cabelos, sugestões de cosméticos específicos para cabelos crespos, além da apresentação de técnicas de alisamento e permanente-afro. *BELEZA PURA* segue essa mesma tendência, porém voltada para uma estética corporal, sugerindo produtos para maquiagem, para o corpo, etc. Em *MODA E ESTILO* vamos encontrar um verdadeiro desfile de moda com modelos negras(os).

Também as dicas de cinema e vídeo, música, atividades culturais, lugares badalados estão presentes na revista nas seções *CINEMA E VÍDEO*, *MÚSICA POR AÍ*, *AONDE IR* e *CULTURA*. Há, ainda, *CULINÁRIA*, *ESPORTE* e *HORÓSCOPO*.

NEGROS NO MUNDO traz notícias de negros de outros países ou de acontecimentos a eles relacionados.

As reflexões sobre racismo encontram espaço nas seções *PONTO DE VISTA* e *OLHO VIVO*. Nesta, são publicados casos de pessoas que sofreram discriminação racial. Naquela, como o próprio nome sugere, é apresentado o ponto de vista de algum intelectual (antropólogo, psicólogo...) sobre questões raciais.

Sem que sejam organizadas dentro de uma seção, a revista **RAÇA BRASIL** publica reportagens sobre assuntos diversos ligados à negritude, como por exemplo: reportagens sobre relações entre casais de diferentes etnias, divulgação de organizações que realizam algum tipo de trabalho para a comunidade negra, ritmos e estilos musicais

associados aos negros, cultura africana, acontecimentos esportivos nos quais negros se destacaram, entre outras.

Visualizamos pela apresentação das seções um lugar fronteiro entre o mesmo e o específico. A revista **RAÇA BRASIL** apresenta uma configuração em seções que nos mostram assuntos que poderiam estar em outras revistas. Entretanto, dentro dessa aparente abrangência existe um recorte. Em seções como, por exemplo, de moda e beleza, temos a apresentação desses temas associados à negritude. É o caso também das seções de cinema, vídeo e música, nas quais vemos que os filmes e CDs divulgados são, quase que exclusivamente, aqueles protagonizados por atores, cantores e músicos negros. Os perfis e as entrevistas são de pessoas negras.

Retornando à circunscrição do espaço para o negro dentro da discursividade da mídia impressa, marcada pela formulação que traz os pronomes possessivos de primeira pessoa do plural, e associando-a a essas colocações, temos elementos para pensar no processo paratópico.

Desenvolvendo essa questão, tomaremos um trabalho de Souza (1999a). Nele, o autor - considerando o conceito de paratopia formulado por Maingueneau para propor um novo modo de relacionar obra literária e contexto - tem como objetivo pensar o modo de constituição do espaço literário *como um campo de enunciação determinado pela assimilação do sujeito escritor a um lugar problemático de expressão* (idem:109). O que está em foco, para Souza, é a *minoridade como condição de aparecimento do escritor e de sua obra* (idem). Dessa forma, o autor, busca, como ele próprio afirma, *experimentar uma análise em que a escravidão negra poderia constituir uma estrutura paratópica de enunciação* (idem). Sua questão é pensar *de que maneira a escravatura e a produção do negro como minoria social podem ser tomadas como uma paratopia, isto é, o não lugar*

que deriva as condições de enunciação que, no exercício da literatura abolicionista forjada sobretudo a partir da segunda metade do século 19, tornam possível a emergência do escritor? (idem)

Na análise que faz, Souza discute a posição problemática aplicada a Cruz e Souza por críticos literários e pontua o processo pelo qual o negro se torna escritor a partir de uma posição paratópica. Em sua análise, o que, para uma linhagem de críticos, seriam traços de uma identidade negativa do poeta - o modo de designar a cor, que tem como registro protocolar o poema “Deusa Serena”- se constitui como o próprio da condição paratópica do escritor negro: *nem reivindica, nem recusa uma posição afirmativa, para muito além desse discurso, rarefaz os precisos contornos do que constitui o balão inflado de uma desidentificação. Da falta de lugar para ser sujeito, no domínio da discriminação racial colonialista em que a cultura branca é a única referência personológica para o negro escravo, o poeta esculpe o nicho impossível de sua auto-designação (idem).*

A relação possível entre o nosso material de análise e o processo paratópico reside no fato de que *o próprio das enunciações paratópicas é sinalizar um processo discursivo de constituição de sujeito em que, ao enunciar, este coloca em cena sua deslocalização (idem:111-112) .*

Embora os estudos de Maingueneau estejam associados ao campo literário, Souza (1999a:113) aponta que : *Há múltiplas formas discursivas de ser menor e de conseqüentemente figurar uma paratopia, conforme dadas regras de enunciação, as mesmas que possibilitam as minoridades subjetivas: panfletos, manifestos, imprensa alternativa são, além das formas estéticas ou literárias de escritura, exemplos de espaços de enunciações deslocalizadas.*

Retornando à breve história da imprensa negra no Brasil, vemos a existência dessa imprensa escrita como um modo de materializar um não-lugar de enunciação. Em nosso material de análise, ao enunciar a segmentação de seu público, **RAÇA BRASIL**, quando tomada frente a outras revistas, também enuncia a sua deslocalização, a materialização de um não lugar. Entretanto, no interior de sua discursividade, como mostraremos na produção do efeito-leitor, dilui-se o efeito paratópico pela maneira como a revista naturaliza a beleza e força negras.

Pensar a “materialidade revista” é uma questão que nos faz voltar a Orlandi (2001). A autora nos explica que nos processos de produção do discurso estão três momentos: sua constituição - a partir da memória do dizer; sua formulação - em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; e sua circulação - que se efetua em certa conjuntura e segundo certas condições. Orlandi assinala que esses três momentos são igualmente relevantes.

Por isso, quando afirmamos que a interlocução com o negro estabelecida por **RAÇA BRASIL**, não é um gesto que se faz fora da história, temos um lugar de constituição para o seu discurso que se faz no imbricamento do lugar de uma revista que, como tantas outras, fala de moda, beleza, cultura, atualidades, comportamento, com o fato de, ao recortar como público os negros, se inscrever em toda a memória de luta dos negros, de uma memória que coloca o discurso da negritude em uma relação de militância.

Dessas afirmações emergem questões importantes para o desenvolvimento do nosso trabalho. Vimos que a apresentação das propostas e dos objetivos de **RAÇA BRASIL** se fazem em um tom de denúncia de exclusão, reivindicando um lugar de visibilidade para os negros. Perguntamos, então, se **RAÇA BRASIL** poderia ser considerada como uma forma de resistência a uma ordem social imposta pelo mundo

branco aos negros, possibilitando a abertura de um espaço outro para o negro que não aqueles estereotipados pela memória do dizer. Haveria um modo de adesão nessa forma de resistir? Afirmado com Pêcheux (1990) que as ideologias dominadas se formam sob as ideologias dominantes e não em outro lugar, perguntamos de que maneira a resistência é afetada pelas ideologias hegemônicas e quais as ideologias dominantes. Considerando que ao recortar seu leitor a discursividade da revista lhe configura um lugar, qual é esse lugar?

Apesar de não ser um veículo de comunicação ligado a nenhum grupo militante, ao apresentar propostas de atuação em favor dos negros e de luta por conquista de direitos, **RAÇA BRASIL** se apresenta como militante. Fato este que nos leva também a perguntar: como se significa a relação entre militância / “materialidade revista”?

5. Construindo o corpus...

Construir o corpus é uma das etapas da análise, isto porque, formuladas as questões, faz-se necessário buscar um "caminho" para respondê-las. É nesse processo que o corpus vai sendo delimitado.

À Análise do Discurso (AD) não interessa uma análise quantitativa, em extensão. Ao contrário, interessa-lhe uma análise em profundidade, que possibilite a compreensão do funcionamento dos processos discursivos instaurados em uma discursividade.

Temos como material de análise a revista **RAÇA BRASIL**, que tomamos enquanto fato discursivo, enquanto um espaço de análise para e sobre o negro na discursividade da mídia impressa.

À medida que não nos pautamos pela exaustividade, não estaremos enfocando todas as edições da revista. O contato com um conjunto de aproximadamente quarenta edições trouxe a familiaridade necessária para que as marcas pudessem se mostrar na "relação a", constituindo regularidades de funcionamentos. Trabalhando na perspectiva discursiva, o necessário é que o material vá adquirindo espessura suficiente para que as marcas, significadas como regularidades, dêem ao analista condições de avançar nos sucessivos recortes em direção às propriedades discursivas.

Fizemos, então, o primeiro recorte. Dentre todas as edições, selecionamos cinco: a primeira edição e as edições comemorativas do aniversário da revista até o ano 2000. Analiticamente, este recorte se configurou bastante interessante dado o fato de que, na primeira edição, temos o momento de "inauguração" da revista, em que esta delineia seus

objetivos, suas propostas e perspectivas, assim como a quem se dirige. As quatro outras edições selecionadas se apresentam como momentos de reatualização, de avaliação da própria revista. É uma discursividade que se volta sobre si, produzindo um efeito de metadiscorso e possibilitando a visualização de uma narratividade da "história" da revista e das conquistas que ela se atribui. A repetitividade que caracteriza as revistas em geral fica bastante visível nas edições de aniversário.

Cabem aqui algumas considerações teóricas acerca do recorte. Orlandi (1984:14) o define como *uma unidade discursiva*, esclarecendo que por unidade discursiva está entendendo *fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação*, portanto, para a autora, *um recorte é um fragmento de uma situação discursiva e o princípio segundo o qual se efetua o recorte varia segundo os tipos de discurso, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo os objetivos e o alcance da análise*. É por isso que na constituição do nosso corpus, embora o façamos apontando seções, não foi esse o fator previamente determinante. O movimento foi inverso. Observadas as marcas, procuramos os lugares "privilegiados" para compreendê-las. Portanto, não foi a divisão temática em seções que organizou nosso olhar. Talvez possamos dizer que nosso olhar, organizado pelas regularidades, voltou às seções para pensá-las no seu conjunto.

Selecionadas as edições, buscamos "uma porta de entrada" para nossa análise. E foi no processo de denominação da revista que a encontramos. Seu nome se mostrou um elemento bastante significativo da discursividade do periódico, pelo que significa e pelos caminhos analíticos apontados.

Passamos, então, à primeira seção da revista, antes chamada **Linha de Frente**. Sua especificidade está em funcionar como um editorial, um lugar de posicionamento da revista e de interlocução com o leitor. Portanto, lugar possível de análise para responder à questão:

que lugar a discursividade da revista configura para o sujeito leitor negro, ou seja, em que posição-sujeito ela o coloca? No artigo dessa seção da primeira edição da revista mostramos a militância dentro do periódico, o chamamento à resistência ao racismo e aos seus efeitos e a reivindicação de visibilidade para a negritude.

Esses gestos nos levam a afirmar que o caráter militante é forte dentro da revista. Perguntamo-nos, então, pela relação entre os editoriais e o conjunto da revista e foi nas seções **Beleza Pura, Olho Vivo, Cabelo Bom, Nossa Gente, Moda e Estilo**, na análise de quatro reportagens, de um encarte especial denominado *Cabelos & Fama* e no conjunto das fotos presentes em vários números de **RAÇA BRASIL** que conseguimos respostas importantes.

6. Raça Brasil: buscando sentidos para o nome

"Somos uma mistura já disseram muitos. Mas uma mistura indefinida. Uma mistura que se diz menos por colocar junto 'coisas diferentes e mais pelo fato de que há trânsito entre as diferenças. Trânsito. Circulação entre os lugares. Movimento. Entre uns e outros. Diferenças que não remetem senão à diferença. Nada de cópia, ou de modelo. Delineamentos que se movem continuamente. Perfis moventes". (Orlandi, Terra à vista, p.20)

Ao apresentarmos a revista **RAÇA BRASIL**, mostramos como ela circunscreve um espaço discursivo para o sujeito negro nas discursividades da mídia impressa. Nesse momento, nos ateremos ao processo de denominação da revista, isto porque consideramos que ele se constitui imaginariamente como "organizador" desse espaço. O processo de denominação da revista trouxe também questões e nos apontou caminhos. Por isso, consideramos importante analisá-lo.

Uma publicação precisa ser denominada, sem dúvida é uma forma de identificá-la. Mas denominar vai além da identificação necessária a um periódico em circulação, isto porque o gesto de denominação vem imbuído de sentidos: é uma forma de materialização dos "gestos de interpretação" do sujeito determinado sócio-historicamente. Por conseguinte, o nome, resultante desses gestos de interpretação, também traz determinações e não se reduz a uma simples e estável identificação entre o objeto denominado e a linguagem. A relação é mais complexa, uma vez que *o objeto é uma exterioridade produzida pela linguagem, mas não se reduz ao que se fala dela, pois é objetivada pelo confronto de discursos. Em que sentido isto se dá? No sentido em que o objeto é constituído por uma*

relação de discursos. A sua materialidade é este confronto. Assim a relação de designação é uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposta à diferença (Guimarães, 1995:74).

Assim, quando buscamos compreender os sentidos produzidos pelo processo de denominação da revista, a forma material **RAÇA BRASIL** nos leva a algumas questões: quem é a *RAÇA BRASIL*? Que discursos falam nessa denominação?

No procedimento de análise, é fundamental que se tenha clareza da diferença entre *ordem* e *organização*. Orlandi (1996a:45) a esse respeito afirma que para o analista *a ordem não é o ordenamento imposto, nem a organização enquanto tal, mas a forma material. Interessa ao analista não a classificação mas o funcionamento*. A autora continua, afirmando que não é a organização da língua que interessa ao analista de discurso e aponta que, por exemplo, não é a relação que se faz entre sujeito e predicado que é relevante, mas o que essa relação permite, faz compreender *dos mecanismos de produção dos sentidos (lingüístico-históricos) que aí estão funcionando em termos da ordem significante* (idem:46). Se o que interessa ao analista é a ordem, entretanto tal postura não significa que a *organização* deva/possa ser desconsiderada. Ao contrário, ela é uma passagem necessária, mas não ponto de estagnação da análise. Com Orlandi, diremos que é necessário tomar a organização *como lugar de passagem possível para explicitar mecanismos de funcionamento discursivos que nos levem a compreender fatos da ordem do discurso* (idem: 51).

Tomaremos a forma material, nesse caso a denominação **RAÇA BRASIL**, como lugar de ancoragem na materialidade do texto, buscando na superfície lingüística as pistas para chegar às propriedades discursivas.

Enquanto efeito de leitura o nome **RAÇA BRASIL** apresenta uma totalidade. Entretanto, gostaríamos de pensar na "sintaxe" desse processo de denominação. Existe uma relação de adjetivação estabelecida pelo substantivo próprio "Brasil" em relação à "Raça", adjetivação que produz uma determinação, ou seja, o que está em questão é uma raça específica, a *RAÇA BRASIL*. Mas se é uma adjetivação, por que não se formular "Raça Brasileira", utilizando o adjetivo pátrio correspondente ao Brasil? A especificação feita através do substantivo próprio "Brasil" afirma uma relação mais direta com o país. "Raça brasileira" inclui todos os brasileiros, com as diferentes etnias que a compõem.

Em uma consulta aos manuais escolares de história encontraremos a informação de que a constituição do povo brasileiro se deu a partir de três elementos étnicos: branco, negro e índio. "São estas a raças responsáveis pela formação do povo brasileiro".¹¹ Mas é interessante notar que, no imaginário brasileiro, ao se formular a palavra raça sem determiná-la, a relação que se estabelece quase que sinonimicamente é com raça negra. Tomemos um exemplo bastante particular, mas que mostra a força dessa memória: "jóias da raça" - nome de uma exposição - remete imediatamente aos negros. A possibilidade de formulação da palavra "raça" sem nenhuma determinação e sem que haja dúvida sobre a etnia referida, nos permite afirmar que a palavra "raça" parece já trazer a especificação "negra" como constitutiva do seu sentido. "Raça" também traz em sua memória os sentidos de força, de garra, de luta, de resistência. Lembremos a canção *Maria, Maria* de Milton

¹¹ Consideramos pertinente retomar o posicionamento do discurso científico sobre o uso da palavra "raça": *A Ciência atual já comprovou sobejamente a impossibilidade de se aplicar ao ser humano o conceito de raça, que surgiu em referência ao reino animal. Tratando-se de seres humanos, há uma total impossibilidade de falar-se em raça, conceito que desde o princípio do século XX foi substituído pelo de grupos étnicos. O termo "etnia", cuja origem etimológica é *ethnos*, "povo", remete à reunião de indivíduos que partilham de uma mesma cultura* (Bernd, 1994:11).

Como vimos, a ciência faz uma "interdição" ao uso do conceito de "raça" quando fazendo referência aos seres humanos. Mas é interessante notar como, a despeito dessa interdição, a palavra continua sendo usada. Diríamos que a historicidade dos sentidos irrompe com força capaz de ultrapassar os sentidos regulamentados como legítimos. Isso se dá pela tomada de posição dos sujeitos interpelados pela língua e pela história.

Nascimento e Fernando Brant: *...Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana, sempre.*

Dessa forma, se pensamos a denominação RAÇA BRASIL como paráfrase de raça negra, podemos afirmar que força e resistência estão aí significando, num movimento de exaltação à ascendência¹², que é africana. Exaltação que encontra expressão também no projeto gráfico da capa da revista:



A palavra "Raça" vem escrita em letras bem maiores que "Brasil", portanto se apresenta de maneira destacada. Destaque corroborado pela presença, nas capas da revista, de fotografias de belos negros e negras, via de regra, artistas, modelos ou pessoas de destaque profissional em outras áreas: "pessoas da raça".

No entanto, se essa ascendência africana é "adjetivada" pelo nome do país - Brasil - podemos visualizar uma tentativa de territorialização da africanidade: os de ascendência africana que estão no Brasil, que são brasileiros.

Ao circunscrever através do nome um espaço (Brasil) para o negro - "A revista dos negros brasileiros", produz-se o efeito de reivindicação fundante de reconhecimento de pertencimento ao país. O recorte do lugar atesta a constituição de uma subjetividade que se quer de ascendência africana e de nacionalidade brasileira. Reivindicação fundante aqui

¹² Apontamos, no capítulo 2, com base nos trabalhos de Moura (1988), um processo semelhante: a exaltação à etnia através do uso da palavra "raça". O autor apontou, inclusive, que o jornal mais significativo da imprensa negra de São Paulo chamava-se *A Voz da Raça*.

significa tentar silenciar uma memória de escravidão do negro brasileiro, para estabelecer com o país uma relação de pertencimento de fato. Evocar a ascendência africana, por sua vez, é a possibilidade do lugar de afirmação positiva, de não-escravidão, de liberdade e de força. É o que chamaríamos de uma identidade que se funda na nacionalidade, ou seja, no reconhecimento como brasileiro, afirmando a ascendência africana dessa nacionalidade seja em termos da memória, seja em termos de construção sintática: **RAÇA BRASIL**. O Brasil seria, assim, o lugar onde é preciso alocar a africanidade.

A análise acima nos permite afirmar que a denominação **RAÇA BRASIL**, além de dar nome à revista, funciona também como uma denominação para os negros. Uma denominação que projeta sentidos determinados para a negritude. São sentidos que vão se constituir na materialidade da revista. Na continuidade do nosso trabalho, estaremos buscando compreendê-los.

7. Construção discursiva do leitor: a configuração do seu lugar...

Apontamos anteriormente que a segmentação dos leitores é um elemento que leva à especialização das revistas e ressaltamos a imbricação entre a referida segmentação e a temática dos periódicos. O fato de **RAÇA BRASIL** delimitar explicitamente o seu público nos mostrou ser esse um importante eixo organizador de seus sentidos. Dessa forma, estamos considerando que, ao eleger seus leitores, a revista (se) inscreve (em) uma discursividade.

Tais fatos nos fazem afirmar que as revistas, de modo geral, e a **RAÇA BRASIL** não é uma exceção, estabelecem uma relação de identidade com os seus leitores, sustentada pelo imaginário e produzida a partir de mecanismos de "antecipação" que selecionam dentre um universo de leitores possíveis, um grupo determinado como seus supostos consumidores.

Mariani (1998:57), em seu trabalho sobre os comunistas no imaginário dos jornais, afirma que *na própria prática do discurso jornalístico, no 'como se diz', já se encontra aí embutido o 'quem vai ler'*. Podemos transpor essa afirmação para a prática do discurso das revistas na construção discursiva do seu leitor. Discursiva porque estamos trabalhando com a materialidade da língua cuja ordem simbólica, afetada pelo interdiscurso, produz sentidos. A seleção dos leitores a que fizemos referência pode ser visualizada na configuração da interlocução instaurada pelas revistas. A interlocução pode ser mais direta, o que corresponde ao "diálogo com o leitor" em seções em que a revista dirige-se explicitamente

aos seus leitores, ou menos direta, produzida pelo efeito da organização das seções e seleção dos assuntos, por exemplo.

É preciso deixar claro que não estamos concebendo a interlocução de forma linear tal como se apresenta no esquema informacional da comunicação. Pêcheux (1969) questiona esse esquema pelo fato de ele, ao inventariar, como fatores constitutivos de qualquer processo lingüístico, destinador - mensagem - referente - destinatário, nos fazer pensar em mensagem como transmissão de informação. Isso pressuporia uma linearidade: alguém, tendo como referente algo, fala, utilizando-se de um código e dirigindo-se a uma outra pessoa, que decodifica a mensagem. Pêcheux rejeita essa idéia e toma no lugar do termo mensagem o termo discurso. Em suas palavras, isso *implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um 'efeito de sentidos' entre os pontos A e B* (idem:82).

Para Pêcheux, *o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro* (idem).

Mariani (1998) afirma que a prática social de "dizer para alguém" funciona pelo imaginário, ou seja, pelo jogo de imagens ao qual fizemos referência. E esse jogo deve ser observado no processo histórico da produção de enunciados e sentidos. Pois, como afirma Orlandi (1988b:103), *os sentidos não são propriedades privadas: nem do autor, nem do leitor. Tampouco derivam da intenção e consciência dos interlocutores. São efeitos da troca de linguagem. Que não nascem nem se extinguem no momento em que se fala.*

Não objetivamos compreender como o leitor de **RAÇA BRASIL** lê, mas qual o lugar configurado para ele pela discursividade da revista, e para isso mobilizamos o conceito de efeito-leitor. Para compreendê-lo, retornaremos ao trabalho de Orlandi (2001)

sobre a divulgação do discurso científico. De acordo com a autora, do ponto de vista da Análise de Discurso, *ao produzir um texto, o autor faz gestos de interpretação que prendem o leitor nessa textualidade constituindo assim ao mesmo tempo uma gama de efeitos-leitor correspondente. A escrita (formulação) do discurso de divulgação científica corresponde pois o efeito-leitor que o institui e que o caracteriza no modo mesmo em que ele se apresenta na circulação de sentidos em uma formação social dada em sua história* (idem:151). A noção de efeito mostra que *o sujeito-leitor está representado (ou seja, presente, mas transformado) no texto pelo mecanismo da antecipação que, ao produzir os efeitos de sentidos produz o próprio efeito-leitor (um imaginário de leitura)* (idem:157).

RAÇA BRASIL, ao “falar para o negro”, ao se textualizar enquanto revista com dimensão verbal e não-verbal, se inscreve em uma posição de autoria¹³. De um “eu” organizado imaginariamente na unidade da revista. Por isso, a necessidade sempre de tomar as seções pensando-as no conjunto da revista, mesmo quando estas se mostrem aparentemente dissonantes entre si. Assim, referirmo-nos à revista pela sua denominação - **RAÇA BRASIL** - significa atribuir ao periódico um lugar materialmente constituído, uma posição-sujeito. E sua textualização (e isso compreende todos os elementos presentes em sua “forma”), inscrita na história e apontando como interlocutor o sujeito negro, também produzirá um efeito-leitor. Para que possamos compreender a dimensão interdiscursiva dessa interlocução e os sentidos que nela se fazem presentes, faz-se necessário estender a discussão teórica.

¹³ Orlandi (1996:69) esclarece que, *a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim*. Por isso, para a autora, ao contrário do que pensa Foucault, a função-autor não se restringe a um quadro privilegiado e restrito de produtores “originais”. Orlandi acrescenta, ainda, que *a função de autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações* (idem).

Procurando dar corpo à reflexão sobre a relação existente entre autoria e interpretação, Orlandi (1996a) retoma a distinção proposta por J. Authier entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, a partir da qual enfoca a relação com o outro (mostrada) e o Outro (constitutiva). Trazendo a questão para a especificidade do campo discursivo, Orlandi (idem:74) afirma que *o outro é o interlocutor (efetivo ou virtual) e o Outro é a historicidade, concebida sob a forma do interdiscurso*. Com essas considerações, continua a autora, *podemos dizer que a posição-autor se faz na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor). O que em análise de discurso, está subsumido pelo chamado efeito-leitor (idem)*.

Assim, diante da injunção à interpretação, o autor fica determinado, de um lado, pela sua relação com o Outro - memória do dizer -, por isso não pode dizer coisas que não tenham sentido. Por outro, fica determinado pelo interlocutor - o outro efetivo ou virtual - e, portanto, deve dizer coisas que tenham sentido para um interlocutor determinado (Orlandi, 1996a: 74). Especificando mais a questão, Orlandi nos mostra que *o Outro não é o interlocutor mas o lugar da alteridade constitutiva, presença do outro sentido no sentido, presença da ideologia (idem)*.

RAÇA BRASIL pode ser vista, assim, como um lugar de interpretação que se constitui na relação com o leitor negro (outro) e com uma discursividade negra (Outro). A questão é entender os sentidos produzidos nessas relações.

Iniciando nossa análise e buscando avançar na compreensão de como se dá a constituição do efeito-leitor na revista, tomaremos um enunciado presente na capa de sua primeira edição:

“Essa é pra mim!”

O enunciado acima, ou seja, essa "fala", está na capa da primeira edição da revista, logo abaixo do nome. E fala aqui já denota o efeito de discurso direto produzido pelo enunciado. É como se alguém estivesse dizendo: *"Essa é pra mim!"*. Mas quem está dizendo isso?

Relembremos as condições de produção do enunciado: estamos nos referindo à capa da primeira edição da revista **RAÇA BRASIL - A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS**. Portanto, podemos afirmar que é o primeiro momento em que o leitor é colocado na discursividade da revista. E, em sendo “a revista dos negros brasileiros”, o leitor que tem sua fala aí colocada é pressupostamente negro. Queremos salientar que ao dizer colocado, estamos pensando na virtualidade do enunciado, funcionando no jogo de projeções imaginárias que a revista faz do leitor negro, trazendo-o para a sua discursividade pela “simulação” de sua voz.

Na análise da forma material, temos o efeito de restrição produzido pelo pronome demonstrativo "essa", restrição que nos leva à paráfrase: "essa revista (**Raça Brasil**) é pra mim, as outras não são". Decorre daí, inclusive marcada pela pontuação exclamativa, a produção de sentidos de novidade, alegria, surpresa. Era tudo o que o leitor estava procurando e agora encontrou. Nos chama ainda a atenção, o concomitante movimento de determinação e indeterminação do pronome pessoal de primeira pessoa do singular "mim". Ao mesmo tempo em que podemos, dentro de suas condições de produção, localizá-lo como determinando "um leitor negro", dada a forma do referido pronome, essa mesma individualização alcança todos os negros. Ou seja, apesar do efeito produzido pela formulação ser de individualização, ela abarca cada um, em particular, que com ela se

identifique, assim como todos ao mesmo tempo. Funcionamento semelhante ao dos anúncios publicitários que, falando com todos, produz a ilusão de estar falando com cada um em particular.

Existe aí um jogo, entre o individual e o coletivo. A enunciação individualizada, na forma do discurso direto desse leitor virtual, passa a significar a de todos os negros, passa a ser a expressão dos anseios de todos. Retornando ao espaço que dissemos ser fundado a partir do nome da revista, esse lugar de identificação entre o leitor e a revista equivale à inclusão do primeiro à "**RAÇA BRASIL**".

A admiração, a satisfação de ter uma revista que lhe é "exclusiva" se sustenta nos anseios, desejos e necessidades que fazem parte da memória da negritude. Como, na primeira edição, o texto da seção *Linha de Frente* traz como título a resposta afirmativa para o que veio na capa - "*Essa é pra você!*"¹⁴, consideramos que o título-resposta configura a inauguração da interlocução entre a revista e seus leitores. Interlocução que continuaremos analisando em outros espaços da revista.

As análises acima nos levam a concluir que, na forma como é estabelecida a inauguração da interlocução - "*Essa é pra mim!*" / *Essa é pra você!* - mobilizada por toda uma memória do dizer, a revista **RAÇA BRASIL** parece afirmar ao negro: é disso que você precisa, que você gosta, é o que lhe estava faltando.

Perguntamo-nos, então: o que a revista propõe como necessidades e desejos dos leitores negros? Em busca de respostas, consideramos que um lugar privilegiado para alcançá-las seriam os editoriais.

Por serem textualizados sob a forma de uma "conversa" direta com o leitor, portanto, lugar em que se torna explícito o jogo de antecipações imaginárias, podemos formular

¹⁴ Texto transcrito na íntegra no capítulo **Apresentando o material de análise**.

algumas questões: que imagem se constrói agora do leitor? Que pré-construídos sustentam a imagem do leitor e a direção argumentativa desses textos especificamente? O que, tomados conjuntamente, eles nos apontam sobre a discursividade da revista?

Faz-se necessário aqui explicitar alguns conceitos. Estamos falando em texto, é preciso então esclarecer que *a AD está interessada no texto não como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto* (Orlandi, 1996:60). A autora afirma, ainda, que na perspectiva discursiva não interessa a *organização do texto, o que interessa é o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas: a sua materialidade* (idem:57). É considerando estas afirmações que tomaremos os textos como "organizadores de uma discursividade" inscrita historicamente, pois na perspectiva do discurso o texto *não é uma unidade fechada - embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira - pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)* (idem:54). O exposto justifica porque Orlandi considera o texto um "objeto lingüístico-histórico".

Feitas essas considerações procuraremos verificar como os editoriais de **RAÇA BRASIL** produzem sentidos e para tal fizemos alguns recortes a partir dos propósitos analíticos.

Passemos aos recortes:

(1) *Raça Brasil nasceu para dar a você, leitor, o orgulho de ser negro. Todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima: ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, dançando, cantando, consumindo. Vivendo a vida feliz.*

Todos os meses, Raça Brasil, vai falar de nossos problemas e apresentar soluções. Vai ajudá-lo a se cuidar melhor, a viver com mais alegria e segurança. Vai também discutir nossa identidade, resgatar nossa herança cultural e mostrar que a negritude é alegre, rica, linda. Estaremos atentos para negar o preconceito, mas, acima de tudo queremos afirmar nossas qualidades.

(Seção Linha de Frente - Essa é pra você!. Ano 1, nº 1, setembro de 1996.)

(2) Fazer Raça Brasil ganhar vida todo mês é um exercício diário de negritude. Isso vale para toda a equipe. São pessoas que abraçaram a causa negra como se sua própria vida estivesse em jogo. Não estou exagerando. Essa é a realidade da nossa redação. Em cada palavra escrita, em cada foto, em cada centímetro quadrado da revista, nos perguntamos: estamos contribuindo para devolver aos negros sua dignidade? É isso que o leitor negro precisa para viver melhor? Estamos dando o máximo de nós?

A resposta vem todos os meses, de todas as bancas do país. Sim, temos orgulho de sermos negros. Sim, é possível sermos felizes. Sim, já temos um caminho a trilhar. É isso que você nos diz – e diz a si mesmo – quando carrega esta revista nas mãos e no coração.

(Seção Linha de Frente - Um povo chamado Brasil. Ano 2, nº 13, setembro de 1997.)

O pronome "você" é a marca linguística que nos mostra que o texto dirige-se diretamente ao interlocutor. Vale lembrar que o uso desse pronome denota um grau de proximidade entre os interlocutores, caracterizando uma informalidade.

É interessante pensar nos sentidos que a referida informalidade produz nesse espaço de interlocução. Nos usos que fazemos do pronome de tratamento "você", a informalidade advém do grau de proximidade entre os interlocutores e da não necessidade de estabelecer relações hierárquicas que exijam um tratamento cerimonioso e, portanto, mais distante. Na perspectiva discursiva, é fundamental observarmos como, no jogo das projeções imaginárias, o lugar de proximidade - caracterizado pelo uso do pronome de tratamento - firmado para os interlocutores os faz ocuparem o mesmo lugar no discurso. Essa forma de

referir-se explicitamente ao interlocutor produz também um “efeito de participação”¹⁵, trazendo-o para dentro do texto, identificando-o ao lugar discursivo de onde se está falando. Considerando que firmar o lugar do outro é, constitutivamente, firmar o próprio lugar, na continuidade da análise, estaremos procurando entender também que representação a revista faz do seu próprio lugar enquanto “lugar da negritude”.

É preciso, então, avançarmos para que possamos, analiticamente, tornar mais específicas as imagens construídas na interlocução e para que possamos compreender, nas formulações, a constituição do efeito-leitor.

Um ponto sempre muito reiterado quando se fala da negritude é o passado de escravidão. Tomando o conceito de estereótipo que, segundo Ferreira (1993:69) se caracteriza pelo *funcionamento de certos enunciados que se apresentam como evidências, indistintamente repetidas e consensualmente aceitas*, diremos que, no Brasil, os estereótipos do negro que se fixaram no imaginário social se constituem muito fortemente em relação ao seu passado de escravo. É no contexto das relações escravocratas que, como mostra Brookshaw (1983), se fixaram os estereótipos do negro fiel, tal como os animais, do negro imoral, violento, incapaz.

Nesse processo de estereotipização a pele escura figura como um elemento bastante significativo. Segundo Brookshaw (1983:12), *o negro, mesmo antes de ter sido escravizado, tinha um defeito que para muitos serviu de justificativa para a sua escravatura, e esse defeito era sua cor*. O autor explica, ainda, que a *associação da cor preta com maldade e feiúra, e da cor branca com bondade e beleza remonta à tradição bíblica, resultando daí que o simbolismo do branco e preto constitui parte do patrimônio*

¹⁵ Essa formulação foi trabalhada por Suzy Lagazzi-Rodrigues na disciplina *Discurso, Linguagem História e Ideologia*, ministrada no segundo semestre de 2000 no Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, e vem sendo desenvolvida no texto “*O social formulado na mídia*”, inédito.

literário e artístico (idem). Retomando H.R. Isaacs, o autor afirma que, foi também da Bíblia que os europeus retiraram *suas explicações para a inferioridade dos negros, pela associação destes com os descendentes da tribo da Ham, amaldiçoada por Noé* (idem:13). E continua sua explicação acrescentando que, *se alguém ligar superstição a respeito de negritude com o ideal colonial de trazer a "luz da civilização" para a "escuridão da ignorância e selvageria" e, finalmente, com os efeitos degradantes de três séculos de escravidão negra, então poder-se-á entender por que o preconceito contra o homem negro está tão inculcado na cultura social branca como a superstição relativa à negritude* (idem).

Souza (2000), retomando as análises de Brookshaw, no âmbito literário, apresenta, em perspectiva discursiva, uma análise acerca do "significante cor da pele". O autor assinala que, na literatura brasileira, no período precedente à extinção do tráfico de escravos, o negro não tem visibilidade e, quando começa a ter é sob a forma da ausência. O africano e escravo é resignado, em oposição ao modo ficcional que vê no índio a grandeza racial própria dos nativos indígenas. Por isso, o negro, *sendo naturalmente inferior não serve como suporte da nacionalidade tão idealizada, por exemplo, em José de Alencar* (idem: 69).

Continuando, Souza afirma que, para que o negro seja alçado a um lugar de fala e subjetivação, é necessário que a cor da pele seja *apagada como diferença, para dar lugar a uma forma de subjetividade a interpelar o escravo sempre fixado no seu lugar* (idem). É por isso que a "escrava Isaura" só pôde ser bonita por ter sua cor silenciada, o que marca *a impossibilidade da beleza na negritude*. No dizer de Brookshaw, retomado por Souza, *Isaura foi a primeira e possivelmente a última mulata "excepcional" a aparecer na*

literatura. Na seqüência passam a ter proeminência as imagens do escravo fiel, escravo imoral, escravo demônio (idem:70).

Finalizando sua análise desse painel literário, Souza afirma que *desmembrada da ordem simbólica de representação visual, a imagem de escravo bom e fiel só pode ser apresentada pela palavra exilada de qualquer ordem referencial visualmente perturbadora. Os qualificativos da bondade e da lealdade atribuídos aos negros lhes davam licença para afirmarem-se enquanto sujeitos, apesar de seus incômodos traços físicos. Descrever neles a nobreza de caráter, a resignação, a fidelidade, era aproximá-los dos animais dóceis e fiéis. Apaga-se, assim, o real da cor da pele, para tolerar o diferente desfilando na mesma linha que os incontestavelmente iguais. Afinal, como afirma o autor a pele escura metaforiza o avesso da beleza (idem:71).* É nessa perspectiva que circulam socialmente os sentidos "repetidos e consensualmente aceitos" do negro associado à feiúra, à pobreza, ao insucesso. No entanto, veremos que não é esse o lugar em que **RAÇA BRASIL** interpela seu leitor. É um lugar que permite a exaltação da negritude.

No recorte (1), as afirmações de que a revista "nasceu para dar ao leitor o orgulho de ser negro", de que "todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima: ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, cantando, dançando, consumindo, vivendo a vida feliz" reorganizam a relação com a estereotipia de que o negro não tem orgulho de si e não possui auto-estima. Quando **RAÇA BRASIL** afirma que vai falar "dos seus problemas e apresentar soluções, vai ajudá-lo a se cuidar melhor, a viver com mais alegria e segurança", ela se constitui como o lugar da solução, se propondo a mostrar que "a negritude é alegre, rica e linda". Assim, no editorial vai sendo delineado um agenciamento de sentidos para o leitor, interpelando-o a se constituir positivamente, e produzindo como efeito-leitor o sentido de orgulho de si e elevada auto-estima.

Ainda nesse recorte, queremos chamar a atenção para a construção reflexiva do verbo “ver-se”, isto porque ela nos aponta para um funcionamento discursivo da revista **RAÇA BRASIL** na constituição do efeito-leitor: o processo de identificação que se pauta por levar o “outro” a se reconhecer na materialidade da revista e, por isso, ela estaria desempenhando o papel de espelho dos negros. Espelho esse que mostra a beleza, o sucesso, o orgulho.



Ressaltamos que, na configuração desse leitor, as fotos são fundamentais enquanto lugar de visibilidade e atestação dos sentidos agenciados pela discursividade de **RAÇA BRASIL**.

Voltando ao recorte (2), atentemos para a formulação construída no jogo retórico de se perguntar e responder: *"estamos contribuindo para devolver aos negros sua*

dignidade?"/ "Sim temos orgulho de sermos negros. Sim, é possível sermos felizes. Sim já temos um caminho a trilhar." A interpelação do leitor se dá pautada pelos sentidos de dignidade, orgulho e felicidade para os negros. Dessa forma, o lugar do leitor é o de quem, com certeza absoluta, vai ser digno e feliz. Ressalte-se que as respostas são materializadas pelo gesto de "carregar a revista nas mãos e no coração", o que nos leva à imagem da revista como o lugar que traz a felicidade e a dignidade.

A análise até aqui empreendida se fez sobre o recorte dos dois primeiros editoriais da revista. Examinando os outros, vemos como o fio narrativo vai sendo tecido na configuração desse lugar do leitor, sustentando a argumentação do papel fundamental desempenhado pela revista na mudança de condição do negro. Vejamos os recortes:

(3) *De lá para cá muita coisa mudou no Brasil, para surpresa de muitos e incredulidade de tantos outros. Definitivamente, o país está mais negro. E o negro cada vez mais orgulhoso da sua raça.*

(Seção *Linha de Frente* - *O Brasil mostra sua cara!* Ano3, nº 25, setembro de 1998)

(4) *E naquele belo dia de setembro de 1996, a Raça foi para as bancas e o Brasil negro e mestiço começou a se ver no espelho. Com seus defeitos, sua beleza e suas contradições. Mas, o mais importante, é que começava naquele momento a se aceitar e, principalmente a se admirar.*

(Seção *Linha de Frente* - *O sol brilha na RAÇA.* Ano4, nº 37, setembro de 1999)

Nesses recortes, temos as afirmações de que o "negro está cada vez mais orgulhoso de sua raça", e "o mais importante, é que começa naquele momento a se aceitar e, principalmente a se admirar". As formulações "cada vez mais" e a forma verbal "começava", mostram um processo em curso e irreversível: a mudança do negro marcada pelo início da publicação da revista, fato atestado também pela demarcação temporal "de lá para cá", "naquele belo dia de setembro de 1996" e "naquele momento". Novamente as

formas reflexivas aqui presentes nos levam ao processo de identificação proposto pela revista e nos fazem perguntar como tal processo se textualiza em sua materialidade.

Tomando em conjunto os enunciados: “devolver ao negro sua dignidade” , “dar ao leitor o orgulho de ser negro”, “levá-lo a se aceitar e a se admirar”, vemos como há sentidos que se reiteram nessas diferentes formulações, estabelecendo uma relação parafrástica que se sustenta no discurso da “consciência de ser negro”: bonito, feliz, fazendo sucesso, consumindo, tendo orgulho da sua raça.

Por isso, na construção discursiva do leitor , ele é projetado no lugar da beleza, do sucesso, do orgulho de si, lugares de significação que se constituem como condição de sua auto-estima. São, ainda, pontos que nos fazem trazer para a discussão a corporalidade posta discursivamente.

Pressupor isso, colocar o leitor nesses lugares é condição de argumentação da revista, é justificar as razões de sua existência, uma vez que argumentar “é prever, tomado pelo jogo de imagens” (Orlandi, 1998). Não estamos falando de uma argumentação intencional, centrada na vontade do sujeito. Para a AD *as intenções – que derivam do nível da formulação – já foram determinadas no nível da constituição do discurso em que as posições do sujeito já foram definidas por uma relação desigual e contraditória com o dizer. As intenções são assim produtos de processos de significação aos quais o sujeito não tem acesso direto* (idem:78).

Nesse sentido, a revista se coloca na posição de quem possui "o saber" necessário para "suprir" as necessidades do negro. Quando diz: "vai falar dos nossos problemas", o nosso aqui abarca a revista e o leitor, e o efeito produzido é o de quem, também na posição do negro, compartilha seus problemas e traz a solução. E, quando formula: "...estamos contribuindo para devolver aos negros sua dignidade?" , o "nós" aqui implícito não inclui o

leitor, produzindo o efeito de anterioridade, "aquele que tem condições de resolver" e está disposto a fazê-lo de forma comprometida. Efeito este visível na formulação: "São pessoas que abraçaram a causa negra como se sua própria vida estivesse em jogo". É como se a revista dissesse: "também somos negros e, por isso, sabemos do que você precisa". Projetar-se nesse lugar se constitui como um argumento muito forte, pois somente terá condições de resolver, aquele que conhece bem o problema e tem a solução.

Prosseguindo em nosso percurso analítico, apresentaremos um conjunto de recortes que colocam, no tecer da conversa com o leitor, a relação com a nacionalidade:

(5) "Todos os dias nascem milhares de negros e negras neste país. Negros de todos os tons. Nascem exatamente como os outros brasileiros: com direito à vida e à dignidade. Como todas as crianças, aprenderão a andar, falar, brincar e sonhar. Crescerão com suas famílias, irão à escola, criarão novas famílias e sonharão com um mundo melhor.

Todos os dias nascem negros neste país - mas o país não sabe disso, ou finge não saber: estamos por toda parte. Nas ruas, nos escritórios, nos shoppings, restaurantes... no entanto somos invisíveis! Como pode um país não enxergar mais de metade de seu próprio povo?"

Felizmente os tempos estão mudando. Nadando contra a corrente, vamos aos poucos conquistando espaço, respeito e dignidade. Dizem até que a moda hoje é ser black. Pois eu acho que o negro sempre esteve na moda. Afinal, como diz Carlinhos Brown, somos fortes, bonitos, poderosos."

"(...) Nosso trabalho apenas começou. Quem vai continuá-lo é você. Lendo, discutindo, escrevendo, sugerindo, reivindicando. Queremos oferecer o que há de melhor. Ninguém neste país merece mais do que você.

Queremos esta revista com a cara da nossa raça: black, colorida, com balanço e ginga bem brasileiros. Isto é RAÇA BRASIL".

(Seção Linha de Frente. Essa é pra você. Ano 1, nº 1, setembro de 1996)

Pela leitura do recorte acima, podemos afirmar que há um tom de incredulidade da indiscutível força, beleza e poder da negritude não vistos no Brasil: nascem milhares de negros todos os dias no país, mas ele não "sabe" ou "finge não saber" e não "vê". Aqui nos parece significativa a cobrança que se faz pela personificação da nação. Cobra-se do país

que saiba disso e o veja: *Como pode um país não enxergar mais da metade do seu próprio povo?* Nesse sentido a cobrança é feita de forma generalizante, na medida em que cobra do país enquanto unidade. Se um país deve ter uma relação de unidade com o seu povo é inaceitável que ele não "veja" o que lhe pertence: *mais de metade do seu próprio povo*. A introdução da pergunta feita pela expressão "como pode um país" intensifica a inaceitabilidade desse gesto que transgride a relação estabelecida entre a nação e "o seu próprio povo". E o mais importante, um povo belo, forte e poderoso.

Verificando a justificativa para essa "cobrança" atentemos para a formulação: *Todos os dias nascem milhares de negros neste país. Negros de todos os tons. Nascem exatamente como os outros brasileiros: com direito à vida e à dignidade*. Parafraseando, teríamos: "os outros brasileiros (que não são negros) nascem com direito à vida e à dignidade. Por nascerem nesse país e, portanto, serem brasileiros, os negros possuem os mesmos direitos". A partir dessa paráfrase, diremos que a argumentação se constrói no/pelo discurso da cidadania, que se marca pela relação de unidade com o país. Dessa forma, a reivindicação transcende a relação étnica, pois podemos afirmar que, no recorte, "outros brasileiros" está em relação de oposição a negros. É interessante observar que, na formulação, o par opositivo não é "negros/brancos" é "negros/outros brasileiros". Portanto, é possível afirmar que a oposição se desloca da relação étnica para a relação de nacionalidade. Reivindica-se uma relação de igualdade entre cidadãos de uma mesma nação.

Pensando a constituição de nossa formação social como sociedade de direito, vemos que essa é a discursividade possível para a reivindicação de direitos, posto que a lei estabelece "direitos iguais para todos os cidadãos". O deslocamento para esse lugar "neutraliza" a argumentação contrária, não se pode questionar "a igualdade perante a lei",

pois todos os cidadãos brasileiros têm os mesmos direitos. Dessa forma, o negro, ao reivindicar um lugar de igualdade no país, afirmando ser um cidadão brasileiro, tem a possibilidade de legitimar os mesmos direitos dos "outros brasileiros".

Ainda nesse recorte queremos tomar uma formulação em que a revista se dirige diretamente ao leitor: *Queremos oferecer o que há de melhor. Ninguém nesse país merece mais do que você!* O desejo de fazer uma revista da alta qualidade é justificado pelo merecimento que o leitor tem. Ressaltamos que esse merecimento está configurado na relação com o país: entre todos os brasileiros, você negro, merece mais. E por que mereceria mais, uma vez que na formulação acima é afirmado o direito de igualdade para todos os brasileiros?

Como vimos afirmando, existe nos recortes um tom de cobrança, de reivindicação de direitos dos negros enquanto cidadãos brasileiros. Dizer *Ninguém neste país merece mais do que você* mobiliza sentidos de reconhecimento, de que seja "feita justiça". Aqui significam as afirmações estabilizadas no imaginário de que o negro foi a força de trabalho desse país, mas que não foi, em nenhum momento, reconhecido por isso. Afirmações estas que se fazem presentes no discurso da militância, instituindo-se como lugar de reivindicação e de forte argumentação, posto que colocam em evidência a questão dos direitos e deveres dos cidadãos, ou seja, o dever de contribuir para o crescimento da nação e o direito de ser acolhido e aceito por ela. Para que se torne mais presente, tomemos um trecho das teses do Movimento Negro Unificado: *O negro foi o primeiro trabalhador brasileiro. Um trabalhador escravizado, porém empenhado em destruir o sistema primeiro que o oprimia. Recuperar essa verdade histórica é um passo importante no sentido de recolocar o negro como sustentáculo da formação da riqueza da sociedade brasileira, e como precursor da história de luta dos trabalhadores.*

Prosseguindo essa análise, um outro recorte do editorial, agora da edição de três anos de "aniversário da revista", também nos fez parar pelo retorno às questões ligadas à relação do negro com o país. Vejamos:

(6) *"Hoje, até podemos abrir um champanhe ou brindar com a nossa popular cachaça esta vitória de todos nós. Da gente, deste lado da redação, e de vocês, leitores. Aliás, cá pra nós, estamos do mesmo lado. Estamos do lado forte da história.*

Fala-se muito das comemorações dos 500 anos do Brasil. Muitos reclamam que nós negros não fomos incluídos nessa festa. Meu leitor, no fundo, nós nem precisamos ser convidados para qualquer festa de 500 ou 1000 anos, pois nossa história foi iniciada bem antes disso. Começou lá do outro lado, naquele imenso e belo continente, onde muitos de nós éramos reis, príncipes e rainhas. Éramos felizes... e sabíamos. A bênção, Mãe Stella...Abençoe com a sua força e independência esta nação Zumbi.

(Seção *Linha de Frente*. *O sol brilha na RAÇA!* Ano 4, nº 37, setembro de 1999)

A vitória a que se faz referência é o aniversário de três anos da revista **RAÇA BRASIL**, motivo pelo qual se propõe um brinde, pois os responsáveis por essa vitória são de um lado, a redação da revista e, do outro, os leitores que, como dito, estão do mesmo lado: *o lado forte da história*. E qual é o *lado forte da história*?

Observemos que, na seqüência, temos a afirmação de que os negros não precisam ser convidados para a festa, uma vez que sua história foi iniciada *antes disso*. Essa formulação parece deslocar a relação com o país. É aniversário do Brasil, mas o início da história dos negros não coincide com a do país, pois *começou lá do outro lado, naquele imenso e belo continente, onde muitos de nós éramos reis, príncipes e rainhas. Éramos felizes e sabíamos*. Aqui, o tempo pretérito perfeito dos verbos ser e saber - *éramos felizes e sabíamos* - localizam a felicidade em outro lugar, ou seja, *do outro lado, naquele imenso e belo continente*, o continente africano, lugar onde muitos eram príncipes e rainhas. Espaço de memória também evocado no discurso militante do MNU: *O negro foi marginalizado como trabalhador não porque fosse incapaz de participar do novo sistema, mas porque era*

identificado com a rebeldia. Sempre fomos rebeldes e nunca baixamos a cabeça para os prepotentes. Éramos Reis e Rainhas em nossos grupos em África.

Ainda neste recorte, o pedido: *A bênção, Mãe Stella...Abençoe com a sua força e independência esta nação Zumbi* intensifica o laço com a memória africana, isto porque, Mãe Stella de Oxóssi, segundo informações dadas em uma entrevista nessa mesma edição da revista, é "a ialorixá mais respeitada da Bahia" e "impressiona pela beleza, sabedoria, serenidade e independência de pensamento". Aqui, o laço com a tradição africana se estabelece pela religiosidade, uma vez que a ialorixá está ligada ao candomblé, religião de origem africana.

Pelo fato de essa seção da revista funcionar como um editorial e, portanto, fazer referência ao conteúdo da edição, o recorte que analisamos antecipa questões que são discutidas na matéria:

(7) Especial 500 anos - Esta festa é nossa?

Ao comemorar os 500 anos do Brasil, o país inteiro relembra sua história. Boa hora para revisar o passado e exigir que se reconheça a real contribuição do povo negro na construção da identidade brasileira.



Ano 4, nº 37, setembro de 1999

UNICAMP₈₅
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A pergunta que compõe o título da matéria faz referência à alardeada e comentada festa dos 500 anos do Brasil idealizada pela Rede Globo de Televisão. Lembremos que o interlocutor previsto pela revista **RAÇA BRASIL** é o negro brasileiro, por isso, a pergunta poderia ser: a festa de 500 anos do Brasil é (também) dos negros?

No subtítulo da reportagem nos chamou a atenção a recorrente cobrança pelo reconhecimento da contribuição do negro ao país, uma vez que se propõe que é o momento da comemoração: *É uma boa hora para revisar o passado e exigir que se reconheça a real contribuição do povo negro na construção da identidade brasileira.* É significativo, aqui, o uso do verbo "revisar", diríamos que ele está em relação parafrástica com "corrigir" o passado. Também é bastante significativa a formulação com o verbo "exigir", pois se é preciso "exigir que se reconheça a real contribuição do negro" é porque o tipo de contribuição que foi reconhecida não é a verdadeira, quem exige tem razões indiscutíveis e pode fazê-lo. Indiscutibilidade que vem atestada na ilustração da reportagem, ao mostrar visualmente a contribuição do negro para o país. Assim, em linhas gerais, a reportagem vai fazer uma espécie "de balanço" da situação do negro no Brasil. Para isso, destaca a importância histórica do negro na construção das primeiras cidades brasileiras, no ciclo da mineração, na produção artística. Por outro lado, são apresentadas estatísticas que revelam que a qualidade de vida dos afro-descendentes apresenta níveis inferiores em relação aos "pardos" e "brancos".

Tomemos, agora, alguns recortes da referida reportagem:

(8) Uma festa para ninguém botar defeito. Resta, porém, saber se seremos convidados.

Conformados com a exclusão, alguns dos nossos podem até achar natural que, mais uma vez sejamos apontados como figurantes nesse enredo que, há meses, tem contagem regressiva em rede nacional. Outros, porém têm certeza de que nossa gente merece o prêmio de protagonista pelo desempenho na história e pela persistência em continuar atuando cada vez melhor.

Merecer o "prêmio de protagonista pelo desempenho na história" é considerar-se parte da história brasileira, mas ressignificar o seu "papel": passar de coadjuvante a protagonista. É novamente trazer à discussão do papel do negro na história do Brasil. Vale lembrar aqui a referência que fizemos às descrições do negro como ser passivo diante do regime escravocrata e por, outro lado o discurso de reação combatendo esta visão. Afirmar que o negro não se mostrou passivo diante da história é argumento constantemente retomado pela militância. Para nós, lugares onde há visibilidade de filiações de sentidos.

Os recortes que seguem continuam dando "corpo" a essa reflexão.

(9) Enfim está aí a frenética e regressiva contagem para a comemoração dos 500 anos data em que Cabral tomou posse das terras brasileiras, em nome do rei de Portugal. Resta saber se o que se está festejando é o sucesso da missão ou o conseqüente amálgama cultural que é o povo brasileiro.

Novamente vemos um movimento de inclusão e ressignificação da memória brasileira, a reivindicação de ser reconhecido como parte do Brasil, já que houve um "conseqüente amálgama cultural" e o negro faz parte deste amálgama. E como parte tem os mesmos direitos que "as outras partes".

(10) Pesquisas têm mostrado que a vida dos afro-descendentes no Brasil mudou, mas ainda é de qualidade inferior, se comparada a outros grupos étnicos. Os negros são considerados cidadãos de segunda classe no país que construíram.

O retorno à questão da cidadania se faz presente também neste recorte. E é reforçada pela denúncia da injustiça de serem considerados cidadãos de "segunda classe" no país que construíram. Por isso, na conclusão do texto, temos a resposta para a pergunta-título da matéria:

(11) São 500 anos de equilíbrio na corda bamba da história. Sobram quedas, lesões, lágrimas, desestímulos. Mas persistimos em levantar, sacudir a poeira e retomar o espetáculo. Cada vitória individual, uma satisfação coletiva. E nossos

meninos e meninas vêm, dia-a-dia, revelando que aqueles que vieram nos porões dos navios têm plena capacidade de assumir o leme, quer nas artes, nos esportes, ou seja qual for a área do conhecimento humano. Nossos jovens estão brilhando. Dá até uma vontade de esquecer os números dramáticos e também entrar na festa, ao ver tantos talentos negros na jovem seleção brasileira de futebol, ou a maravilhosa dupla conquista da pequenina gaúcha Diane dos Santos, nos jogos Pan-Americanos. Com licença, senhores organizadores das várias comemorações, mas "hoje a festa é nossa!"

Considerar que "hoje a festa é nossa" é reavaliar indiscutivelmente o papel do negro nessa história. Para nós, é significativo o fato de que, mesmo a reportagem trazendo uma série de informações negativas sobre a qualidade de vida do negro no Brasil, o texto termina ressaltando as questões positivas. Fica estabelecida uma temporalidade que localiza passado, presente e projeta o futuro. Arriscaríamos dizer que uma característica recorrente do discurso militante: o que era preciso alcançar, o que já se alcançou e o que há ainda a conquistar.

Continuando a análise e buscando compreender a relação que se estabelece com o país retomaremos um recorte do conjunto dos editoriais:

(12) *"Com 1 ano apenas, aprendemos a caminhar. Mas com passos firmes e muita fé. Agora temos certeza: algum dia surgirá no horizonte deste país a consciência coletiva de que fazemos parte de um povo maravilhoso. Sem preconceitos ou diferenças. Um povo de raça. Um povo chamado Brasil."*

(Seção *Linha de Frente*. Um povo chamado Brasil. Ano 2, nº 13, setembro de 1997)

(13) *"Quando volto no tempo e começo a lembrar do dia em que RAÇA BRASIL foi às bancas pela primeira vez, é inevitável um sorriso de felicidade e satisfação chegar ao meu rosto. De lá para cá, muita coisa mudou no Brasil, para surpresa de muitos e incredulidade de tantos outros. Definitivamente, o país está mais negro. E o negro, cada vez mais orgulhoso da sua raça. Centenas de negros que se destacaram nas mais variadas atividades saíram na seção Nossa Gente, nos enchendo de orgulho. Seus exemplos contribuíram para que pudéssemos vencer as inúmeras barreiras e dificuldades, fazendo com que partilhássemos um pouco de suas lutas. Nossa gente somos nós todos.*

Finalmente ultrapassamos a fase de apenas 'colorir' as matérias de outras revistas do mercado, para tornarmos assunto de capa. Somos solicitados para dar entrevistas em programas de tevê. Teses são levantadas nas universidades, em todo o país. Afinal, temos muito a contar da nossa história, não é mesmo? Foram anos e

anos, com um passe de mágica impossível de se descobrir o 'truque' de quase absoluta invisibilidade da maior parcela da população do Brasil.

E hoje a RAÇA está aqui, ao seu lado, completando 2 anos de existência! E, após esse tempo de muita luta, quase consigo ouvir ecos de satisfação do nosso povo. 'Barbaridade!', diriam os gaúchos; os cariocas: 'É isso aí, meu irmão!'. Os mineiros: 'Ô trem bão sô!'. Os paulistas: 'Beleza, mano', e por aí vai, pois o Brasil é um 'continente black'.

(Seção *Linha de Frente*. *O Brasil mostra sua cara!* Ano 3, nº 25, setembro de 1998)

Neste conjunto de recortes algumas formulações ressoaram fortemente em relação ao percurso analítico que estamos fazendo: a relação entre a ascendência africana e a nacionalidade brasileira.

No primeiro recorte (12), como podemos observar, está-se comemorando um ano de existência da revista. Comemoração que se justifica por ela ter "aprendido a caminhar com apenas um ano". Entretanto, interessa-nos de maneira particular, a expressão do desejo de que se opere uma mudança na "consciência coletiva do país" e de que surja, a partir dessa mudança, "um povo maravilhoso", "sem preconceitos ou diferenças", "um povo de raça", "um povo chamado Brasil". Essa formulação, em frases justapostas, produz um efeito de gradação explicativa, como se cada uma fosse retomando a anterior e ampliando seu sentido, ou seja trazendo elementos para a composição do sentido de "povo chamado Brasil". Novamente aqui vemos a relação bastante direta com o país, uma vez que "seu povo" é nomeado pelo seu próprio nome. Mas o povo só será "Brasil", ou seja, o país só será "inteiro", quando conseguir ver como constitutivo do seu sentido a "raça". Vale dizer que "raça" joga com os sentidos de força e resistência da negritude.

No segundo recorte (13), parte da edição de segundo aniversário, na marcação temporal estabelecida pelo surgimento da revista - "de lá para cá" - estabelece-se a causa de o "país estar mais negro": a visibilidade trazida aos negros pela revista **RAÇA BRASIL**

depois de "anos e anos de quase absoluta invisibilidade da maior parcela da população do Brasil".

Incorporar ao Brasil sentidos de negritude é um gesto materializado pela formulação que traz a simulação das "vozes" do "nosso povo" (negro): "'Barbaridade!', diriam os gaúchos; os cariocas: 'É isso aí, meu irmão!'. Os mineiros: 'Ô trem bão, sô!. Os paulistas: 'Beleza, mano"'. Mesmo não citando todos os estados brasileiros, os sentidos são de totalidade do Brasil, efeito produzido pela conclusão: "e por aí vai, pois o Brasil é um continente black" . Essas "vozes" parecem estabelecer os contornos de uma "celebração nacional" pelo sucesso da revista e, conseqüentemente, pela visibilidade dos negros. Visibilidade que fez emergir a "negritude" do Brasil.

Perguntamo-nos, anteriormente, pelos pré-construídos que estariam sustentando a construção da imagem do leitor. Como nos mostra Orlandi (1998:76), *as condições de produção constituídas pelas formações imaginárias são atravessadas (determinadas mesmo) pelo interdiscurso, exterioridade constitutiva, saber discursivo, não datado, não representável*. A questão é buscar compreender quais são as relações estabelecidas com essa "exterioridade constitutiva".

Observamos, na análise da discursividade da revista **RAÇA BRASIL**, uma relação entre dois espaços de memória - a brasileira e a africana. Na perspectiva discursiva, podemos afirmar que todo dizer se inscreve no já dito. Porém, as posições ocupadas pelos sujeitos no discurso é que vão estabelecer diferentes relações com esse já dito. Ainda que o sujeito se mantenha na ilusão necessária de ser origem do seu dizer, o que ele não diz está constitutivamente no seu dizer. Sendo assim, trazer o outro lado do Atlântico é a busca da afirmação da liberdade e posição de não submissão, a de senhor e não de escravo.

Enunciar-se brasileiro, é a possibilidade de reivindicar cidadania. E qual é, então, a relação entre a memória brasileira e a africana?

De acordo com a análise que fizemos, é possível afirmar que se configura um movimento de expansão no espaço da memória, uma retroatividade que alcança o continente africano como marco inicial da história dos negros. Assim, o que veio depois é parte constitutiva, mas não determinante. Para que a africanidade se territorialize no Brasil, é necessário recobrir, ressignificar o período da escravidão: repudiado enquanto memória de submissão e evocado enquanto sustentáculo da formação do país, lugar que pode legitimar, que pode dar direito ao negro de ocupar a posição de sujeito brasileiro. Repudiar a escravidão enquanto submissão é também repudiar os estereótipos que se constituíram no imaginário brasileiro para o negro a partir de sentidos vindos de seu passado de escravo.

O pré-construído que sustenta a discursividade da revista é o da unidade entre povo, território e nação, que constitui a posição sujeito-de-direito, a posição cidadão. Não é a relação de oposição étnica negros x brancos que sustenta a discursividade negra de **RAÇA BRASIL**, mas uma relação de negritude pautada pela cidadania que reivindica direitos iguais. A posição-sujeito “negro brasileiro” se constitui na confluência da memória africana e da brasileira, no sentido de que, como já afirmamos, há um movimento de tentativa de nacionalização da africanidade pela cidadania. A “memória dividida” - brasileira e africana - se fundem em território brasileiro, fazendo emergir a **RAÇA BRASIL**. Afinal a revista **RAÇA BRASIL** tem a cara da raça negra: *black, colorida, com balanço e ginga* (mas) *bem brasileiros*.

Como vimos analiticamente mostrando, a reivindicação de direitos para o negro enquanto sujeito brasileiro é formulada na relação com a necessidade de visibilidade. Incitou nossa reflexão sobre os sentidos de "ver", "ter visibilidade" o que diz Orlandi

(1990), em seu livro *Terra à Vista*. Ao analisar o verbo "ver" no contexto da "descoberta do Brasil", a autora diz que esse verbo, naquele contexto, tem um sentido bastante específico, pois *o que é visto ganha estatuto de existência. Ver, tornar visível, é forma de apropriação. O que o olhar abarca é o que se torna ao alcance das mãos. O visível (o descoberto) é o preâmbulo do legível: conhecido, relatado, codificado. Primeiro passo para que se assente a sua posse. A submissão às letras começa e termina no olhar* (idem:13). De volta à nossa reflexão, ressoou muito fortemente a afirmação : *o que é visto ganha estatuto de existência*. Fortemente porque nos fez perguntar de maneira mais específica: como se dá a formulação da visibilidade na revista **RAÇA BRASIL** ?

8. Visibilidade do sucesso

Estabelecer a relação negro/sucesso é um gesto fortemente mobilizado pela discursividade de **RAÇA BRASIL** e explicitamente formulado na primeira edição da revista, em que esta coloca entre as necessidades de “todo cidadão”, como condição de sua auto-estima, “ver-se fazendo sucesso”.

Fazer sucesso é ser bem sucedido na realização de alguma atividade. Pensando um pouco mais profundamente sobre os seus sentidos e, sem nos dissociar da idéia de ser bem sucedido, é possível apontar uma significação de sucesso como “o que vem a público”, “o que é conhecido/reconhecido por muitas pessoas como bom”. É o que se diz do cantor, do ator, do programa de televisão, do filme: “está fazendo sucesso”. E está fortemente associado à visibilidade dada pela mídia.

Há, dessa forma, um “ser bem sucedido” e “um ser bem sucedido publicizado”. Os dois eixos de sentido de sucesso estão presentes na discursividade da revista. Faz-se necessário, aqui, retornar à questão para a qual temos chamado a atenção desde o início desse trabalho no que concerne à natureza do nosso material de análise, ou seja, a “materialidade revista”.

O sucesso, enquanto ponto de chamamento à identificação, não é um funcionamento particular da revista **RAÇA BRASIL**. Ele é, arriscamos afirmar, um funcionamento geral de mídia. Mas, dada a especificidade da revista, esse funcionamento também adquire contornos peculiares pela relação que estabelece com os leitores, determinando a produção do efeito-leitor, pelas relações interdiscursivas que o sucesso estabelece no espaço de

memória, uma vez que o sucesso a que se faz referência é o do negro. Por isso, objetivamos compreender os efeitos de sentidos produzidos pela relação negro/sucesso na discursividade de **RAÇA BRASIL**. Salientamos, ainda, que em nossa formação social, os sentidos de sucesso estão em uma relação muito próxima com o trabalho, com o campo profissional.

O estabelecimento da relação entre negritude e sucesso é formulado já nas capas da revista. É importante considerar que, na “materialidade revista”, as capas desempenham um papel bastante significativo. São o que se pode chamar de primeira página de uma publicação, por isso, um lugar de “propaganda” do que virá “dentro”. Captura-se pelo olhar. São as capas que ficam expostas nas bancas, na tentativa de capturar, conquistar o leitor. Chamar sua atenção é, em essência, a função delas.

Dessa forma, além das “chamadas” indicativas do conteúdo da edição, as pessoas que são colocadas na capa da revista também funcionam como forma de chamar a atenção do leitor e, nesse aspecto, pessoas que têm visibilidade na mídia impressa ou televisiva preenchem as condições de reconhecimento esperadas por esse tipo de publicação e necessárias à identificação dos leitores. Nas capas de **RAÇA BRASIL** estão, via de regra, pessoas de sucesso profissional com visibilidade na mídia. Em geral, são atores, atrizes, cantores, modelos e, menos freqüentemente, profissionais de destaque em outros campos que não o artístico.

Nesse processo de reconhecimento, chamamos a atenção para a importância das fotografias da capa. São elas que dão visibilidade material às pessoas negras e possibilitam o desencadear de sentidos de sucesso produzidos pela sua imagem. Ressaltamos que estamos nos referindo à imagem tal como é compreendida no jogo de projeções imaginárias. A presença, por exemplo, da imagem de Isabel Fillardis na capa da revista

permite a pronta associação entre seu sucesso e a sua negritude. Também em espaços como os de entrevistas, publicação de “perfis” o sucesso publicizado está bastante presente.



Ano 5, n° 49, setembro de 2000

Continuando nossa análise, tomaremos um espaço da revista que nos trouxe a possibilidade de compreensão da relação negro/sucesso no sentido de ser bem sucedido sem estar, necessariamente, associado ao conhecimento/reconhecimento público e fortemente associado à relação de trabalho. Foi a seção **NOSSA GENTE**. A cada edição, são apresentados nesse espaço relatos da trajetória profissional de pessoas negras bem sucedidas profissionalmente.

Já na denominação da seção, visualizamos o reafirmar da circunscrição do espaço - funcionamento que apontamos na apresentação do material de análise. Existe aí uma delimitação "carinhosa" feita pelo pronome possessivo "nossa", que instaura o processo de

identificação, pois, se o “nossa” inclui o leitor, produz-se o efeito de que ele também pode ter uma posição de destaque.

Na primeira edição da revista a seção foi “apresentada” com o seguinte enunciado: *Eles estão aí, brilhando em diversas áreas! São executivos, artistas, empresários, que mostram toda a força dessa RAÇA BRASIL.* Paramos nessa formulação para compreender o funcionamento da interlocução aqui configurado. Em uma perspectiva informacional poderíamos fazer a seguinte descrição: alguém fala (revista) para um destinatário (leitor), sobre algo (eles - negros - que estão fazendo sucesso). Do ponto de vista discursivo, sabemos que não existe uma relação linear na interlocução, existem “efeitos de sentidos entre locutores.” Afirmação que nos leva a “desestabilizar” a cena interlocutiva e compreender, nesse espaço, o funcionamento discursivo do processo de identificação com o leitor.

Tomemos a princípio a referência do pronome “Eles” como sendo os negros que “estão brilhando em diversas áreas”. Lembremos que, na análise do processo de denominação da revista, afirmamos que **RAÇA BRASIL** é paráfrase de raça negra. Dessa forma, se “Eles” fazem parte da **RAÇA BRASIL**, o “eles” significa “nós”. Podemos, então, assim parafrasear: “todos nós negros somos fortes e brilhamos em diversas áreas”.

É preciso considerar, ainda, que a afirmação exclamativa “Eles estão aí brilhando em diversas áreas!” se inscreve como uma constatação. O uso do verbo “estar” no presente produz um efeito de verdade provada e constatada. Nesse aspecto, o efeito é levar o outro a conhecer, a saber ou, retornando à proposta da revista, levar o outro a “ver-se”, ou seja, é tornar visível o que já está acontecendo. Essa formulação também presentifica e assevera o dizer, pois diz quando (já estão) e onde (aí brilhando em diversas áreas), o que nos possibilita parafrasear: “já brilham, já fazem sucesso, agora você leitor vai ver, vai

conhecer”. Constitui-se aí, como efeito-leitor, a visibilidade do sucesso, a certeza de que o negro poder fazer sucesso.

Dando continuidade à análise, observemos que a formulação “estão brilhando em diversas áreas” funciona ao mesmo tempo como uma especificação e ampliação do advérbio de lugar “aí”. Na seqüência temos: “São executivos, artistas, empresários”, em que a construção do enunciado, mesmo explicitando apenas três profissões, separadas por vírgulas e sem indicação, por exemplo, de um “e” que fecharia a seqüência, permite a extensão da lista para várias outras profissões, produzindo um efeito de uma não limitação para o negro a determinadas profissões. Destacamos que as profissões colocadas são valorizadas em nossa formação social, ou seja, têm prestígio.

Tomar essas e não outras profissões nos remete ao fato de que dizer é estabelecer relações com outros dizeres que seriam possíveis, enunciar significa se posicionar na perspectiva do dizível. Por isso, não é aleatória a escolha das três profissões que foram apontadas no enunciado em análise. Se nos reportarmos ao imaginário profissional do negro em nossa sociedade, veremos que, no campo profissional, há dois extremos que figuram consensualmente, diremos mesmo, à maneira do estereótipo. De um lado o sucesso profissional do negro associado, quase que exclusivamente, ao campo artístico - especialmente à música -, e ao campo esportivo - especialmente ao atletismo e ao futebol. De outro, os estereótipos das profissões significadas como inferiores e de baixo prestígio, como no caso da empregada doméstica. Assim, a formulação “brilhando em várias áreas”, tomada nessa memória, vem desestabilizar o imaginário de restrição a algumas profissões como características dos negros. Ressaltamos que a referida desestabilização é formulada na/pela exaltação do potencial profissional do negro, pois “estar brilhando” significa mais do que ocupar um cargo, significa ocupá-lo de forma destacada, com sucesso.

Buscando avançar na compreensão da relação negro/sucesso na discursividade da revista, analisaremos o funcionamento discursivo dos relatos em que são apresentados os bem sucedidos.

Recortamos para a análise os relatos abaixo:

(1)

Não tem para ninguém

Sérgio Negrão, gerente de negócios do banco BNC, acredita que está em um momento singular. "Tudo que eu toco dá certo." E, jura ele, não se considera um Midas. "Isso é o resultado da maturidade que atingi, que me faz tomar decisões mais seguras e estar feliz comigo." Aos 37 anos, Negrão, formado em engenharia mecânica, afirma que nunca enfrentou qualquer problema de racismo em 15 anos de carreira na área financeira. "Desde criança não me permiti sentir vergonha por ser negro. Sempre procurei ser autoconfiante e ampliar meu universo, buscar novas informações." (Ano 1, nº 1, setembro de 1996.)

(2)

Primeiro ministro negro do Tribunal Superior do Trabalho

Aos 54 anos de idade, o mineiro Carlos Alberto Reis de Paula chegou ao auge de sua carreira profissional. Primeiro negro a assumir o cargo vitalício de ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST), ele considera que chegar à posição em que se encontra foi conseqüência de seu esforço e perseverança, que teve desde o início de sua carreira. A força de vontade à qual se refere o atual ministro fica evidente quando se fala dos cargos que ocupou e sua vida profissional. Pós-graduado em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, já foi Procurador Geral da República e juiz substituto do Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais. No dia 25 de junho, em Brasília, durante uma cerimônia no TST, que contou com a presença de representantes do primeiro escalão do Poder Judiciário e de dirigentes de entidade do movimento negro, Reis de Paula assumiu o posto de ministro do TST, denunciando o racismo da sociedade brasileira. "Os negros não têm as mesmas chances de pessoas de outras etnias. A sociedade dificulta nossa ascensão social. Nós temos mais pedras no caminho", declarou, lembrando ainda que "mais de 50% da população brasileira é de origem negra, mas não há a mesma proporção ocupando o poder". (Ano 3, nº 25, setembro de 1998.)

(3)

Mais perto da justiça

Depois de uma bem-sucedida carreira pública, na qual chegou a ser a única diretora-geral negra do Tribunal Regional Federal da Terceira Região, Namirair Silveira, de 49 anos, pendurou a toga e se aposentou. Mas não conseguiu ficar muito tempo longe dos corredores da Justiça. Hoje ela é a combativa advogada que vê com bons olhos o fato de os brasileiros estarem recorrendo mais à Justiça: "O povo está mais

informado. Já sabe que pode e deve cobrar quando se sentir prejudicado.' A lentidão dos processos, principal queixa dos clientes, não deve, segundo a advogada, desanimá-los. 'Nossa legislação ainda é falha e precisa ser mudada.' (Ano 5, nº 49, setembro de 2000)

(4)

Abaixo os rótulos

Foi-se o tempo em que artista negro só interpretava escravos. O ator Luciano Quirino, 31 anos, além de viver o inspetor de polícia Omar, na novela Ossos do Barão, do SBT, apresenta tam'bem o programa Telecurso, exibido pela tevê Globo e TVE. 'Não tenho nenhum problema em fazer bandido ou empregado, mas sou contra rótulos', dispara.

Luciano começou a carreira há dez anos, no espetáculo Emoções Baratas, de José Possi Neto. Em 1993, atuou na peça Seis Graus de Separação, de Jorge Takla. Na TV, sua experiência vem da participação na minissérie Canto das Sereias, na Manchete, e das novelas O Campeão, na Bandeirantes, e Sangue do meu Sangue, no SBT. 'Para não ser discriminado, o negro brasileiro precisa primeiro resolver seu conflito interno e não se sentir inferior. Em Ossos do Barão, era isso o que ocorria com o meu personagem. Na minha vida pessoal, precisei travar uma luta interior para não me sentir inferiorizado', confessa. (Ano 2, nº 13, setembro de 1997)

É possível afirmar que esses relatos se inscrevem na discursividade da ascensão social, do sucesso profissional. Por isso, a regularidade dessa seção é fazer a apresentação das pessoas sob a forma de relato de sua trajetória profissional, contando como chegaram ao sucesso e mostrando que, para isso, foi fundamental uma postura de luta e de determinação. Acompanhando cada relato estão as fotografias das pessoas de quem se está falando.



Primeiro ministro negro do Tribunal Superior do Trabalho

aos 53 anos de idade, o ministro Carlos Roberto de Paula Pinheiro ao lado de sua carreira profissional. Primeiro negro a ocupar o cargo vitalício de ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST), ele considera que chegar à posição em que se encontra foi consequência de um esforço e persistência que teve desde o início de sua carreira. A força de vontade e o estudo se refletem em suas realizações, fato evidente quando se fala dos cargos que ocupou em sua vida profissional. Pós-graduado em Direito Constitucional e especialista em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, ele foi Procurador Geral da República e foi substituído no Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais, há 14 dias em junho, em Brasília, durante uma cerimônia no TST, que contou com a presença de representantes do primeiro escalão do Poder Judiciário e de dirigentes de entidades do Movimento Negro. Reis da Paula assumiu a pasta de ministro do TST, desmontando o tradicional do Tribunal Superior do Trabalho. "Os negros não têm as mesmas chances de sucesso de outros grupos. A sociedade brasileira ainda discrimina. Não tenho mais preconceito no trabalho", declarou, lembrando ainda que "mais de 30% da população brasileira é de origem negra, mas não há a mesma participação ocupando a pasta".



Ano 3, nº25, setembro de 1998

Lembremos que todos os relatos são de pessoas negras. Nesse sentido, a relação entre ser bem-sucedido e ser negro sustenta a organização da seção e produz o efeito de abrangência. Ser negro é o fator comum que unifica e traz, para o leitor, a possibilidade de identificação, pois cada indivíduo presente na seção **Nossa Gente** está nesse espaço não somente como executivo, artista, empresário. Está enquanto um profissional negro bem sucedido. A exposição de seu sucesso não vem dissociada da cor de sua pele. Há um imbricamento de sentidos de negritude e sucesso, e o efeito de sentido resultante desse imbricamento é uma relação “simbiótica” entre negritude e sucesso.

Temos, aqui, o que mostra Souza (2000). Na análise desse autor, **RAÇA BRASIL** é considerada uma vertente de mídia menor e, por isso, o talento do enunciador, embora não aponte para si, *é a possibilidade da enunciação coletivizada, na medida em que formula uma história de vida inscrita em projeto político* (idem:79).

Quando afirmamos que são “relatos da trajetória”, estamos pensando mesmo no caminho percorrido pelas pessoas, no “como conseguiram” ser profissionais de destaque. Nesse caminho, a perseverança e o esforço pessoal são significados como fundamentais. É o que vem explicitamente formulado no recorte (2): “(...) ele considera que chegar à posição em que se encontra foi consequência de seu esforço e perseverança, que teve desde o início da sua carreira.” São sentidos inscritos em uma ordem neo-liberal que afirma que as oportunidades estão aí para todos e depende de cada um transformá-las em sucesso.

Ressaltamos que ter determinação inclui assumir um posicionamento de orgulho em relação à própria negritude. Para compreender, tomemos do recorte (1) a fala de Sérgio Negrão: “Desde criança não me permiti sentir vergonha por ser negro. Sempre procurei ser autoconfiante e ampliar meu universo, buscar novas informações.” Não se permitir sentir vergonha de ser negro é uma atitude que contribuiu para que a trajetória de sucesso se

efetivasse. No recorte (2) essa questão não vem explicitamente formulada, entretanto quando o ministro do TST afirma “Os negros não têm as mesmas chances de pessoas de outras etnias. A sociedade dificulta nossa ascensão social. Nós temos mais pedras no caminho”, declarou, lembrando ainda que ‘mais de 50% da população brasileira é de origem negra, mas não há a mesma proporção ocupando o poder’”, fica posto que as dificuldades enfrentadas pela negritude impõem a necessidade de lutar. E lutando ele chegou a ser o “primeiro ministro negro do Tribunal Superior do Trabalho”. Em (4), a fala de Luciano Quirino também aponta para a relação que o negro tem com a própria negritude. Não carregar o sentimento de inferioridade por ser negro apresenta-se como condição para vencer.

Afirmamos anteriormente que ocorre uma desestabilização do imaginário de restrição a algumas profissões como características dos negros, acrescentamos que esse movimento de sentidos se constitui no imbricamento com o da produção de sentidos de ruptura, de disponibilização de novos sentidos. O título do recorte (2) - “Primeiro ministro negro do Tribunal Superior do Trabalho” - já nos mostra o efeito de rompimento com estabilizações, pois ser “Primeiro negro a assumir o cargo vitalício de ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST)” rompe com a impossibilidade de que um negro ocupe tal cargo. No relato (4), a trajetória bem sucedida de Namirair Silveira permitiu-lhe ser “a única diretora-geral negra do Tribunal Regional Federal da Terceira Região”. Das predicções que ressaltam o inusitado, resulta um efeito de que há dificuldade, mas não impossibilidade de que o negro ocupe lugares que nunca tenha ocupado.

Na relação que estabelecem com o leitor, os relatos adquirem o estatuto de modelos, de exemplos a serem seguidos. É como se afirmassem: "assim como eles, existem tantos outros e um deles pode ser você". Nesse aspecto, o sucesso profissional apresentado

na discursividade de **RAÇA BRASIL** se reveste de um tom liberal-militante, pois interpela o leitor a ter “orgulho de si” enquanto negro como condição para alcançar o sucesso.

Retornando à nossa discussão inicial sobre a diferença entre “ser bem sucedido” e “ser bem sucedido publicizado”, consideramos que, se de um lado o sucesso público de atores, atrizes, cantores, modelos que estão nas capas, nas entrevistas, nos perfis da revista preenchem o que chamamos de condições de reconhecimento para o público, por outro lado, na seção **Nossa Gente**, como o sucesso das pessoas apresentadas não se restringe ao publicizado, o efeito de que ele é extensivo a todo e qualquer negro se torna mais forte.

Dar visibilidade aos sentidos de sucesso associados ao negro através da formulação e da circulação pode produzir deslocamentos importantes na memória do dizer, pois colocam-se em movimento sentidos outros que não aqueles fixados por uma discursividade racista.¹⁶

¹⁶ Queremos fazer referência aqui ao trabalho de Payer (1999). Estudando as relações entre memória, escrita e oralidade no campo discursivo da imigração italiana no Brasil, a autora aponta a importância que tem a formulação em contextos em que houve silenciamentos. Em suas palavras: *o mecanismo da produção discursiva sobre o passado abre no dizer a possibilidade de uma **formulação discursiva** daquela região de sentidos ligadas ao imigrante, que mostramos ter sido apagada na memória social, conforme a história de silenciamento desse lugar discursivo junto aos discursos públicos, em que tem lugar de destaque a escola* (idem: 136).

9. Visibilidade da reação

Procedendo à apresentação da revista, pela descrição de suas seções e pelas questões iniciais propostas pelos editoriais, mostramos como há uma relação muito forte entre negritude e militância. A militância negra tem na luta contra a discriminação sofrida pelo negro em virtude do racismo seu sentido fundante. Por isso, queremos compreender como a discursividade da revista **RAÇA BRASIL** “trabalha” a questão em sua materialidade.

As discussões sobre o racismo textualizam-se de diversas formas na revista **RAÇA BRASIL**¹⁷: em entrevistas nas quais o entrevistado tem alguma relação com a militância ou é pesquisador da área humana, ou ainda quando a própria revista, independentemente da área de atuação do entrevistado, faz perguntas que colocam o assunto em discussão; na seção **PONTO DE VISTA**, na seção **OLHO VIVO** e em reportagens.

Estabelecendo como recorte as discussões sobre o racismo e procurando compreendê-las na relação com a interpelação do leitor, tomaremos para análise uma reportagem e a seção **OLHO VIVO**, espaço pelo qual iniciaremos.

Significativo ser esse o nome da seção destinada à publicação de relatos de pessoas que sofreram discriminação racial. Buscando uma relação parafrástica, estar de “olho vivo” pode também significar “estar atento”, “estar prestando atenção”, “não deixar que algo escape aos nossos olhos”, “não deixar que algo passe despercebido”. É o lugar

¹⁷ Estamos aqui nos referindo à formulação das discussões sobre o racismo, pois entendemos que a existência mesma da revista já se significa em uma relação de reação ao racismo.

onde a discursividade da revista **RAÇA BRASIL** diz: “estamos atentos aos casos de racismo”.

Esse dizer se faz pela publicação dos relatos enviados pelos leitores e produz um efeito de denúncia, na medida em que faz conhecer. Situações em que houve práticas racistas saem da invisibilidade, tornando-se públicas. É também um espaço em que, eventualmente, são publicadas leis existentes no Brasil, que caracterizam como crime as práticas racistas, assim como prevêm punição para quem as comete.

Para que esse funcionamento se dê, o leitor é interpelado pela revista a dar visibilidade aos casos por ele presenciados ou vividos. Assim, a seção *Olho Vivo* se configura como um lugar de chamamento à resistência ao racismo pela exposição de situações em que esta prática se deu. A materialização desse chamamento aconteceu, em muitas edições, pela seguinte formulação, colocada logo após cada relato:

Se você tiver vivido ou presenciado algum tipo de discriminação, escreva para a redação de RAÇA BRASIL, seção Olho Vivo. Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, CEP 01333-000.

O enunciado acima nos mostra que a dinâmica de funcionamento da seção *Olho Vivo* está no envio e recebimento, feito pelos leitores, dos relatos. Estabelece-se, assim, uma interatividade revista/leitor que produz um “efeito-de-participação”, ou seja, a possibilidade de contribuição para as discussões sobre o racismo. A fala do leitor é incorporada pela discursividade da revista, uma vez que ela conta “as histórias dos leitores”. A denúncia do leitor é a denúncia da revista.

Essa participação do leitor, de forma interativa, é uma prática bastante comum na discursividade das revistas e pode acontecer de diversas maneiras. As sempre presentes seções de “cartas do leitor” é uma delas, e, geralmente, nelas os leitores comentam

reportagens, dão sugestões, fazem críticas e elogios. É também bastante característico das revistas pedir que os leitores enviem opiniões sobre determinados assuntos.

Nesse momento, entretanto, queremos chamar a atenção para um tipo peculiar de interatividade revista/leitor, que é a participação do leitor “com sua própria história”. Sabemos que esse não é um funcionamento específico da revista **RAÇA BRASIL**, porém, cada publicação, dentro da temática discutida, ou dos propósitos estabelecidos por ela, publicará a história que irá “servir” para a discussão que está sendo realizada. Em sendo assim, as histórias publicadas pela **RAÇA BRASIL** são as de pessoas negras e, dentro do propósito da seção, histórias em que os protagonistas sofreram discriminação racial. O interessante desse funcionamento é que o leitor vem contribuir com uma história que movimenta os sentidos que estão sendo discutidos dentro desse espaço, revestindo-se de um caráter exemplificativo.

Por isso, queremos especificar um pouco mais o que até aqui chamamos de relatos. Mais do que exposição, narração de um acontecimento, esses relatos adquirem um estatuto de depoimento, de testemunho. Tanto que o enunciado de interpelação do leitor que apresentamos acima é formulado pela expressão condicional: “**Se você tiver vivido ou presenciado algum tipo de discriminação**, escreva para (...)”. Isto porque só é possível alguém depor ou testemunhar, se tiver vivido, presenciado, ou seja, tiver sido testemunha de um acontecimento. Os sujeitos passam a ser a prova viva e concreta da discursividade racista e também da discursividade de reação a ela, posto que os depoimentos tiram o falar sobre o racismo e a necessidade de reagir a ele da virtualidade. São casos com nome, sobrenome, local, data e horário, acontecidos em situações cotidianas, publicados na revista ao lado das fotos dos protagonista que, pela presença desses elementos, assumem uma dimensão muito forte de realidade. São também a possibilidade da identificação, dado que a

história de vida de um, pelo ponto comum de “ser negro”, mobiliza outras histórias de vida, inscrevendo aí como efeito-leitor a adesão à luta contra o racismo.

UMO VIVO

Questão de pele Depois de quase três anos, pintora ganha causa de discriminação contra supermercado, mas não entende por que tanta presença

Em 21 de setembro de 1981, foi a primeira vez que Dilce Fret, 78 anos, estava lá. Não vendia algum de seus quadros e pretendia fazer uma surpresa para seu marido, o também pintor e autor de livros Walter Leão, então representante. Dilce foi a loja com produtos superados, como queimados, gelado e “meus diferentes cozinhos”. Junto com sua filha, Evelyn Leão, foi ao SE Super-

ta nos mercados. Como tinha uma quantidade maior na bolsa, por causa da queda dos preços, foi quieto enquanto pensava se devia de um assalto”, conta a pintora.

Dilce perguntou a ele o porquê daquela “repressão, de discriminação, mas depois chegou ao conhecimento de que aquela mulher não se queira. As palavras dele foram essas: “para quem você está aqui se só para comprar”. Minha

Dilce Fret da Silva chegou a registrar o ocorrido na Delegacia de Crimes Raciais e abriu processo contra o supermercado. Procurado por causa da reviragem, o SE Supermercado não quis reconhecer a atitude e não quis pagar indenização de 2,500 reais por danos morais mais custos e despesas processuais.

“Nem mesmo o pedido de se manifestar, o supermercado, por meio de seu gerente de marketing, Marcos Valentin, informou que a empresa contra o curso do decurso de tribunal, mas não podia emitir qualquer opinião sobre o assunto, já que seus advogados estavam viajando.

“Mas conforme Adenão Afonso Pereira Neto, advogado da pintora, o SE sofreu contradição de declaração — recurso que permite esclarecer nomes que não devem constar no processo —, não concordando, portanto, em discutir o assunto.

Dilce Fret entende que, apesar de ter sido feita justiça quanto à questão e à humilhação por que passou, a questão resolvida não trouxe ao benefício (110.000 reais) e o recurso da advogada. “Sempre foi uma pessoa honesta e trabalhadora”, diz. “Mas não reconheço a decisão da Justiça, já acho que a questão determinou a uma organização”, protesta.

“Só foi um trauma tão grande que nunca mais conseguia pintar”

Dilce Fret, 78 anos, em uma das suas obras. Ela é pintora e autora de livros. Seu marido, Walter Leão, também é pintor e autor de livros.

“Só foi um trauma tão grande que nunca mais conseguia pintar”, diz Dilce Fret.

“O que aconteceu com a situação piorou. No momento em que ficamos sem mais dinheiro, ela tentou me agredir. Meus filhos vieram para ajudar. Para não cair, fiz um esforço muito grande, equilibrando-me sobre meus pés na direção. Até hoje, sinto com ela “trauma”, lembra.

A filha ouviu os gritos da mãe e veio para ajudá-la. “Quando chegou, me abraçou e pediu para chorar. Não sei porque eu não tinha a ‘cor certa’. O trauma que sofri foi tão grande que nunca mais conseguia pintar”, diz.

SE Supermercado

SE Supermercado é uma rede de supermercados brasileira, fundada em 1978. Atualmente, possui mais de 100 lojas em todo o Brasil. A empresa é controlada pelo grupo de empresas do empresário brasileiro Adenão Afonso Pereira Neto.

SE Supermercado é uma rede de supermercados brasileira, fundada em 1978. Atualmente, possui mais de 100 lojas em todo o Brasil. A empresa é controlada pelo grupo de empresas do empresário brasileiro Adenão Afonso Pereira Neto.

Ano 1, nº 1, setembro de 1996

Recortamos, para análise, três depoimentos. Primeiramente, fizemos uma leitura integral deles, procurando identificar regularidades que pudessem apontar para um funcionamento discursivo. Assim procedendo, nos foi possível pensar que, na formulação desses relatos, há uma divisão em “três etapas”, que, como veremos, são bastante significativas para a produção de sentidos. A primeira delas estaremos chamando de “contextualização”, é o momento em que acontece uma introdução, situando os fatos pela apresentação do “com quem”, “onde” e “quando” ocorreram. A segunda, denominamos “o ocorrido”, nessa etapa ocorre a narração propriamente dita do episódio racista e, a terceira, chamamos de “a atitude”, nela é relatada a maneira como as pessoas vítimas de preconceito racial reagiram diante do ocorrido.

Passemos, então, aos recortes:

(1) Questão de pele

Depois de quase três anos, a pintora ganha causa de discriminação

No dia 21 de setembro de 1993, a pintora primitivista Dilce Pires, 70 anos, estava feliz. Tinha vendido alguns de seus quadros e pretendia fazer uma surpresa para o seu marido, o também pintor alemão surrealista Valter Lewi, morto recentemente. Decidiu agradá-lo com produtos importados, como queijo camembert, geléia, e “mais algumas coisinhas”. Junto com sua filha, Evelyn, foi ao Sé Supermercados, da praça Panamericana, Zona Oeste de São Paulo.

Dilce, acostumada a viajar pelo mundo, jamais imaginaria que o simples ato de exercer seu direito de consumidora iria resultar em agressão física e discriminação. “Quando fui pegar o carrinho, que fica estacionado no lado esquerdo da entrada do supermercado, percebi três homens nos olhando. Não me importei e entrei no estabelecimento. Logo depois, minha filha me disse que um dos homens vistos lá fora estava nos seguindo. Como tinha uma quantia razoável na bolsa, por causa da venda dos quadros, fiquei assustada pensando se tratar de um assalto”, conta a pintora.

Evelyn perguntou a ele o porquê daquilo. “A princípio, ele disfarçou, mas depois afirmou ser segurança da loja e que estava realmente nos seguindo. As palavras dele foram essas: ‘preto quando entra aqui é só para roubar’. Minha filha retrucou e falou que ele não podia agir daquela forma. E correu pra procurar o gerente”, relembra Dilce.

“Foi então que a situação piorou. No momento em que ficamos apenas nós dois, ele tentou me agredir. Meus olhos voaram para longe. Para não cair, fiz um esforço muito grande, equilibrando-me sobre minha perna direita. Até hoje, estou com ela inutilizada”, desabafa.

A filha ouviu os gritos da mãe e voltou para ajudá-la. “Quando chegou, me encontrou ‘jogada’ no chão. Isso só porque eu não tinha a ‘cor certa’. O trauma que sofri foi tão grande que nunca mais conseguí retomar a minha pintura”, diz.

Dilce Pires da Silva seguiu a lei. Registrou a ocorrência na Delegacia de Crimes Raciais e abriu processo contra o supermercado. Procurado por nossa reportagem, o Sé declarou em maio passado não aceitar a acusação nos termos alegados por Dilce no processo. Mas a Justiça aceitou. E o Sé Supermercados acabou sendo condenado a pagar indenização de 2.500 reais por danos morais mais custos e despesas processuais.

Novamente convidado a se manifestar, o supermercado, por meio de seu gerente de marketing, Marcos Valente, informou que a empresa esta ciente da decisão do tribunal, mas não podia emitir qualquer opinião sobre o assunto, já que seus diretores estavam viajando.

Mas conforme Afrânio Affonso Ferreira Neto, advogado da pintora, o Sé solicitou embargo da declaração - recurso que permite esclarecer pontos que não ficaram claros no acórdão -, não recorrendo, porém, da decisão do tribunal.

Dilce Pires entende que, apesar de ter sido feita justiça quanto à agressão e à humilhação por que passou, a quantia estipulada está longe da solicitada (180.000 reais) e já recorreu da sentença. “Sempre fui uma pessoa correta e estimada por todos. Não estou contestando a decisão da Justiça, só acho que a quantia determinada é uma vergonha”, protesta.

(Ano 1, nº 1, setembro de 1996)

(2) Alunos boicotam professora racista

Depois de discriminar um colega em comentário preconceituoso feito diante de seus alunos, professora foi repreendida pela Delegacia de Ensino e ganhou o desprezo de estudantes

“Se juntou com negro é isso que dá!” o episódio que motivou essa frase infeliz e preconceituosa aconteceu em março, no início do ano letivo de 1997. Os professores da Escola Estadual de Segundo Grau conde José Vicente Azevedo se reuniram para definir o volume de material didático a ser aplicado e quanto cada aluno deveria pagar pelas cópias xerox a serem usadas durante o ano. Como é comum em qualquer escola, uma quantia é estipulada e cobrada dos alunos uma única vez. O corpo docente decidiu que neste ano os alunos deveriam pagar R\$12,00. A professora de filosofia, Andrea Regiane dos Santos, recém-contratada da escola, não concordou com o valor estipulado por seus colegas e resolveu que os alunos iriam pagar separadamente mais R\$3,00 pelas cópias dos textos de sua matéria. Foi aí que começou a confusão!

O caso parece banal, mas é nessas situações cotidianas que o preconceito mostra a sua cara.

A professora Maria Tereza Minosso, coordenadora de ensino do curso noturno da escola é branca e casada com o professor Percy Silva, negro. A ela coube a responsabilidade de recolher o dinheiro dos alunos e resolver de vez o impasse com a professora Andrea sobre a quantia estipulada. Assim, quando a coordenadora passou pela sala do 3º colegial, para receber dos alunos encontrou Andrea, que estava dando aula e começou uma desagradável discussão, disparando o seguinte comentário: “Se juntou com negro é isso que dá!”

Os alunos, muitos deles negros, sentiram-se ofendidos, com a declaração de Andrea, ainda mais por ela estar-se referindo ao professor Percy, que há mais de sete anos leciona na escola, tem cerca de 20 anos de carreira no magistério e, em nenhum momento, envolveu-se na discussão do dinheiro. Indignados, eles relataram o episódio ao professor. “Pior do que a sua declaração foi o fato de ela não ter tido nenhuma atitude de arrependimento nem ter tentado se desculpar com os alunos”, diz Fernando Lourenço de Souza, 18 anos, um dos alunos que presenciaram o desagravo.

“Apesar de meus colegas terem tentado me convencer a ignorar o fato, decidi, não deixar o assunto morrer, afinal, o que houve foi prática de racismo”, declara Percy, que levou o caso ao conhecimento da diretora da escola e à supervisora de ensino, além de entrar com uma reclamação, que foi enviada à Delegacia de Ensino no início de abril, contra a professora. Em meados do mês de junho, Andrea Regiane dos Santos recebeu uma repreensão por escrito, por sua atitude. E ainda tentou se defender alegando que não havia dito nada, apenas teria “pensado alto”. Procurada por nossa reportagem, a professora foi taxativa: “Não quero falar sobre isso”.

A punição oficial poder parecer insignificante, mas, pelo menos, o assunto não foi ignorado. O pior castigo Andrea recebeu de seus próprios alunos, que passaram a boicotar suas aulas. “comparecemos para não ficar com falta, mas não fazemos trabalhos ou provas. Nos comportamos em sala como se ela não estivesse ali”, conta a aluna Ana Paula Aguiar, 24 anos. Par que esses estudantes não sejam prejudicados com a falta de notas em Filosofia, os demais professores do 3º colegial, que isolaram Andrea de seu convívio, estão garantindo-lhes a média bimestral com pontos dados pelo conselho de classe.

(Ano 2, nº 13, setembro de 1997)

(3) Racismo no trânsito

Comemorar o aniversário com uma viagem à praia, acompanhado de familiares e amigos. Essa era a intenção do gaúcho Daniel Moreira Alves. Mas uma batida de trânsito com insultos raciais levou o sossego dele embora

Por volta das 22 horas de 18 de janeiro de 95, o policial militar Daniel Moreira Alves, 30 anos, trafegava pela Avenida Beira-Mar, na cidade gaúcha de Tramandaí. Ao reduzir a marcha para ultrapassar um quebra-molas, o Monza 94 placas IAT 9931 que dirigia foi abalroado por trás pelo Fiat Uno 91 placas YH 1980, dirigido pelo menor Diego P.S. Assustado, o menor tentou fugir mas, alguns metros adiante, foi obrigado a retornar pela pista contrária da mesma avenida. “Vendo aquilo me prostrei na frente do veículo e o motorista foi obrigado a parar”, conta Moreira. Só então Diego respondeu que era menor de idade e que o proprietário do carro era Sílvio Luís Pereira, tio dele. O policial acionou a Brigada Militar, e os acompanhantes de Diego chamaram o proprietário do veículo.

Ofensas verbais

“Estava agachado na frente do carro quando chegou um homem perguntando o que eu estava fazendo ali e de quem era o Monza. Respondi que eu era o dono do carro. Ele disse: ‘Mas como? Esse é um carro zero e você é negro. Negro não é gente. Como um negro tem um carro desses se eu sou branco e não tenho?’” Daniel ficou perplexo. Sua mulher pedia a todo o instante para o interlocutor parasse com as provocações, mas, exaltado, Pereira repetia, entre outras ofensas e palavrões: “Negro não é gente” e “Negro não tem direito neste país”. Com a chegada dos soldados da Brigada Militar, verificou-se que, além de permitir que um menor dirigisse seu carro e ofender racialmente um homem negro, Pereira cometeu mais um crime: deixar seu sobrinho dirigir um veículo com documentação irregular - tanto o IPVA quanto o licenciamento estavam atrasados.

Foram todos parar na delegacia. “O inspetor de plantão tentou amenizar a situação, nos dispensou e recomendou que voltássemos no dia seguinte para resolver o caso.” Aproveitando-se disso, Pereira, o proprietário do Fiat, simplesmente desapareceu.

De volta a Novo Hamburgo, Moreira providenciou o conserto do carro e contratou duas advogadas que entraram com ação indenizatória por danos morais, decorrente de ofensas verbais.

Réu desapareceu

O processo foi julgado à revelia. Na primeira fase dos autos, o acusado solicitou a anulação do processo alegando que “as acusações são contraditórias e fantasiosas e que o valor indenizatório de 150 salários mínimos é exagerado”. Houve réplica, depoimento de testemunhas e o réu deixou de se pronunciar. em 5 de março de 97 saiu a sentença final. O juiz Ricardo Torres Hermann, da 1ª Vara Cível de Novo Hamburgo, condenou o réu ao pagamento de indenização no valor de 2.240 reais, acrescido de correção monetária, juros e custas processuais.

Apesar do baixo valor da multa, a vítima comemora: “entrei com o processo para esse homem saber que negro é gente sim, e concorre na sociedade nas mesmas condições que qualquer outro ser humano. O réu desapareceu. Soubemos depois que ele se mudou de cidade, encerrou suas contas bancárias e, segundo sua mãe, está em Palmas, capital do Tocantins. Creio que ele fugiu para não cumprir suas responsabilidades”, diz.

(Ano 4, nº 37, setembro de 1999)

Da contextualização dos fatos fazem parte os nomes das pessoas, a profissão, a idade, dia, local e horário e o que estavam fazendo naquele momento. A especificação da

profissão e da idade das pessoas, tem um papel bastante relevante, nos sentidos que aí são movimentados. Por um lado enquanto efeito de textualização do discurso, colabora para o tom de jornalismo-policia que a seção *Olho Vivo* adquire, mas também traz uma significação bastante forte enquanto caracterização dos sujeitos. Dizer que as pessoas têm uma profissão está associado aos sentidos de honestidade, uma vez que em nossa sociedade ser trabalhador é um atributo esperado do cidadão, ou seja, é um de seus deveres. E, se cumpridos os deveres, o sujeito tem também direitos, o de ser respeitado. Assim fica caracterizada a agressão que se dá pelo viés racista, pois não há outros elementos que justifiquem a agressão, além da cor.

Tomando o lugar de publicação desses relatos - uma revista dirigida aos negros- como elemento de suas condições de produção, assim claro, como toda uma memória do dizer que significa negativamente o negro, vemos que o fato de se explicitar a profissão dessas pessoas adquire um significado bastante especial. Principalmente porque dialoga com o discurso da falta de qualificação do negro, ou da falta de poder aquisitivo. Em um efeito de leitura, tomados pelo imaginário, parece que já vemos apontados alguns elementos que desencadearão cenas de preconceito. São signos como o “monza 94” (na ocasião carro do ano) e também a lista de compra de produtos importados - “queijo camembert”, “geléia”- da pintora Dilce, que se constituem como marcas de poder aquisitivo e, portanto, elementos desencadeadores de gestos preconceituosos, pautados pelo estereótipo do negro pobre. Nesse aspecto, entendemos que a visibilidade dessas cenas vem refutar toda uma memória discursiva que significa o negro como pobre e que determina quais os lugares que ele deveria ocupar e quais não, quais os bens que ele pode ou não possuir. Há um esforço de naturalização do negro no lugar do poder aquisitivo e da qualificação profissional. Se retornamos à nossa afirmação de que a revista se sustenta no pré-construído da cidadania, é

inegável que, em uma sociedade capitalista, um dos sentidos de ser cidadão é ser também consumidor. Lembremos a formulação do primeiro editorial “todo cidadão necessita ver-se consumindo”. Consumir é uma forma de pertença a uma ordem social, por isso, ser reconhecido como consumidor é fazer parte dessa ordem. Disso resulta, ainda, a interpelação do leitor enquanto consumidor.

Atentemos ainda para o fato de que as situações se inscrevem em uma cotidianidade: uma cena no trânsito, uma compra em um supermercado, uma rotina de procedimentos escolares com relação à compra de materiais didáticos. Cotidianidade essa que vem formulada no depoimento 2: “O caso parece banal, mas é nessas situações cotidianas que o preconceito mostra a sua cara.” O efeito produzido é o de alerta, parafraseando, ele seria “é preciso estar de olho vivo, pois o preconceito acontece nas situações cotidianas”.

Arriscaria dizer que essa narrativa adquire um tom jornalístico-policial. Tanto, como acabamos de apontar, pela maneira de apresentação das pessoas, como pela presença de algumas marcas linguísticas, principalmente nos recortes 1 e 3, que parecem “criar um clima de suspense para o que ocorrerá em seguida. É o caso de “estava feliz”, “pretendia fazer uma surpresa”, “trafegava”, em que as formas verbais no passado prenunciam um processo que será interrompido por fatos que ocorrerão na seqüência. Diria, ainda, que a discursividade de **RAÇA BRASIL**, nesse momento, assume um lugar jornalístico de denúncia, dando visibilidade a práticas racistas. Inclusive há o funcionamento da busca da imparcialidade quando a revista anuncia que procurou o acusado para que pudesse prestar esclarecimentos. O tom policial da textualização desses depoimentos é vestígio de uma discursividade que toma o racismo como crime e, portanto, relatar fatos em que a prática racista se deu é relatar um “caso de polícia”.

A seguir, procede-se à narração propriamente dita das cenas preconceituosas, ratificando o que anunciamos na introdução: Dilce é colocada sob suspeita de roubo por entrar em um supermercado, na voz do agressor: “preto quando entra aqui é só para roubar”. O fato de ser negra já a colocou sob suspeita desde o início, uma vez que ela conta que já se sentiu observada quando pegava o carrinho de compras. No caso do policial Daniel as agressões raciais se fazem em relação ao seu carro: “Mas como esse carro é zero e você é negro. Negro não é gente. Como um negro tem um carro desses e eu não tenho”. No relato 2, Os comportamentos considerados indevidos são associados ao negro, a professora para agredir a coordenadora, que era branca, justifica o comportamento dela, pelo fato de Maria Tereza “ter se juntado a um negro”. Emerge nessa situação “os malefícios” da mistura de “raças”, e a necessidade de que cada uma ocupe o seu lugar.

Por outro lado, as predicções dadas pela discursividade da revista: “Dilce, acostumada a viajar pelo mundo (...) e “Percy, que há mais de sete anos leciona na escola, tem cerca de 20 anos de carreira no magistério (...) caracterizam positivamente os agredidos, dando corpo à refutação da memória de negatividade para o negro.

Finalmente, o desfecho dos relatos nos mostra a atitude das pessoas vítimas de racismo: reagir diante dos agressores e fazer denúncia em âmbito jurídico¹⁸: “Dilce Pires da Silva seguiu a lei. Registrou a ocorrência na Delegacia de Crimes Raciais e abriu processo contra o supermercado”, “Apesar de meus colegas terem tentado me convencer a ignorar o fato, decidi não deixar o assunto morrer, afinal o que houve foi prática de racismo”, declara Percy, que levou o caso ao conhecimento da diretora de escola e à supervisora de ensino, além de entrar com uma reclamação, que foi enviada à Delegacia de Ensino no

¹⁸ A possibilidade de denúncia em âmbito jurídico acontece pela existência de uma lei que criminaliza a prática do racismo. É lei 7.716, conhecida como Lei Caó, que entrou em vigor em 5 de janeiro de 1989 e que sofreu alterações em maio de 1997.

início de abril, contra a professora.”, “De volta a Novo Hamburgo, Moreira providenciou o conserto do carro e contratou duas advogadas que entraram na justiça com ação indenizatória por danos morais, decorrentes das ofensas verbais”. Há nesses gestos de denúncia o fazer valer a lei, ainda que o “inspetor de plantão” tentasse “amenizar a situação” e apesar dos amigos “terem tentado convencer o professor a ignorar o fato”. Essas formulações trazem para o discurso o tom polêmico entre a discursividade do “reagir denunciando” e a do “deixar para lá”, contra a qual a revista se afirma. Portanto, podemos dizer que a não passividade diante dos casos de racismo é o comportamento valorizado na revista, ou seja, valoriza-se a coragem de denunciar e de dar visibilidade à denúncia. Ao ser interpelado na seção **Olho Vivo**, pelo exemplo, o leitor recebe o convite para reagir ao racismo e, mais uma vez, dar visibilidade a ele. Expor sua história, é constituir-se enquanto sujeito solidário que vem com os outros compartilhar os problemas da negritude, e isso pode ser tomado como um gesto político que venha a beneficiar o grupo.

Há dois eixos de significados que se imbricam na produção de sentidos, por um lado a interpelação do leitor a dar testemunho de sua história, por outro lado a produção de sentidos que esse testemunho adquire enquanto produção do efeito-leitor. Neste aspecto funciona como uma forma de identificação através da exemplificação de atitudes a serem seguidas. É uma forma de militância, de buscar a adesão através da conscientização e da instrumentalização do cidadão para viver uma sociedade racista, mostrando-lhe como reagir ao racismo. Nesse caso específico, buscando as vias legais. É o gesto de denunciar que põe em funcionamento a instância jurídica, não basta que a lei exista e pronto. Vemos, nos depoimentos que, assim como as denúncias, são apresentadas as sanções a que foram submetidos os agressores. Lembremos que o espaço de abstração e generalização

característico do funcionamento jurídico necessitam de preenchimentos factuais para que funcionem.

É fundamental, dessa forma, a interpelação do leitor, enquanto cidadão negro, no lugar da denúncia. Denunciar é reagir. Enviar “sua história” para a revista é dar visibilidade a essa reação.

Continuando o percurso analítico, tomaremos agora uma reportagem, na qual o sentimento de auto-estima é significado como uma forma de reação ao racismo. Afirmamos que a discursividade da revista interpela o leitor em lugares como o da beleza, o do sucesso. Lugares significados como condição de elevação de sua auto-estima. O objetivo da reportagem em questão é oferecer ao leitor meios para que tenha auto-estima.

Iniciamos nossa análise pelo título da reportagem:

Auto-estima

Encare sua negritude!

Sabe aquelas situações que constroem você por causa do preconceito do outro? Acabe com elas dando a volta por cima.

Aprenda soluções inteligentes para devolver o constrangimento. Afinal, ser negro é lindo!

(Ano 2, nº 13, setembro de 1997)

A relação estabelecida pelos enunciados justapostos: *Auto estima / Encare sua negritude* é de condição. Assim, uma paráfrase possível, reforçada inclusive pela forma imperativa do verbo "encare", seria: para que você tenha auto-estima, deve/precisa/é fundamental assumir a sua negritude. Delineia-se uma injunção: assumir a negritude é condição essencial para conseguir ter auto-estima. O enunciado é formulado sobre o pré-construído da inferioridade, que, enquanto memória, nos diz que “ser negro é feio”, fato

que leva o negro a não “encarar sua negritude”. No entanto, prestemos atenção na exclamação. Que razões ele tem para “encará-la”? O conselho traz uma justificativa incontestável: *Afinal, ser negro é lindo*. Visualizamos nessa formulação uma valorização do negro de forma totalizante. Dizer “ser negro é lindo” é dizer que tudo o que é próprio do negro é lindo sem quaisquer restrições, por isso produz-se um efeito de exaltação da negritude em tudo que lhe diz respeito, inclusive do corpo.

A formulação: *Aprenda soluções inteligentes para devolver o constrangimento* anuncia ao mesmo tempo o didatismo do texto e seu caráter militante. Souza (1998:2) afirma que a *concepção de auto-estima que permeia este texto, ao mesmo tempo didático e militante, apoia-se em uma proposta de intervenção psicológica junto a grupos de excluídos, notadamente os negros como alternativa de luta contra o racismo*. Para o autor, *segundo a formulação que se lê na reportagem, o conceito de auto-estima está formalmente ligado à recuperação da identidade como uma realidade pré-existente e plena em si mesma* (idem).

Em sua proposta de "ensinar" o negro a ter auto-estima, a reportagem apresenta cenas em que negros, vítimas de práticas racistas, reagiram e não se deixaram tomar pelo constrangimento, um quadro com "Cinco regras de ouro para elevar a auto-estima" e um teste para que o leitor "meça" o grau de sua auto-estima.

A apresentação das cenas é introduzida pelo seguinte comentário: *Conheça os casos mais frequentes em que a auto-estima pode superar o preconceito e saiba o que fazer*. Por essa formulação fica pressuposto um amoldamento de comportamento. Como se fosse possível estabelecer uma receita para atitudes: "se acontecer isso, você deve fazer isso". Diria que existe um cerceamento da subjetividade. Essa maneira de ter quase um manual para ações, já é velha conhecida de revistas e produz um efeito de encorajamento

no leitor. "Saber o que fazer" é fundamental para ter auto-confiança e auto-estima. São propostas psicologizantes que sempre "capturam" o leitor no seu entusiasmo.

Assim, as cenas, das quais transcrevemos uma, funcionam como exemplificação de comportamento valorizado, pois demonstra a presença da auto-estima, o que deve ser seguido:

Maria Cristina é publicitária e, embora tenha sido discriminada várias vezes em razão de sua cor, definitivamente não esperava por essa. Entrou numa farmácia para comprar um analgésico e quase foi atropelada pela dona do lugar. Desesperada e com a vida desorganizada porque a empregada havia lhe deixado, a tal mulher foi logo perguntando a Cristina se teria alguém para indicar: "Uma moça assim, com uma carinha boa e limpinha como você. E então, você conhece?" Nossa amiga respirou fundo e se controlou para não cair do salto. Mas foi contundente e objetiva: "Você está me fazendo essa pergunta só porque sou negra? Então, na sua opinião, todas as negras são empregadas domésticas? Eu sou publicitária e só entrei aqui para comprar um remédio. Mas talvez possa indicar alguém que lhe dê um treinamento de como tratar melhor o público."

Dica: não se deixe intimidar. Mostre ao preconceituoso o erro que está cometendo e corrija-o dando a volta por cima. (Ano 2, nº 13, setembro de 1997)

Prosseguindo em tom "manual de auto-estima", é apresentado um quadro que, pela seqüência de verbos imperativos, "ensina" quais devem ser os comportamentos diante de determinadas situações.

Cinco regras de ouro para elevar sua auto-estima

1 Saiba quais são seus direitos como cidadão e faça-os valer sempre.

2 Não fique constrangido diante de um ato de racismo. Demonstre segurança e controle da situação.

3 Não permita que o insiram dentro de estereótipo algum. Exemplo, 'negro tem que saber tocar pandeiro', 'negro que não bebe cachaça não é negro' etc. Faça uma análise de sua escala de valores e seja você mesmo.

4 Habitue-se a ter como ídolos pessoas de sua raça que tiveram uma trajetória de sucesso, e utilize isso em seu progresso pessoal.

5 Sinta orgulho de ser negro. Lembre-se sempre de que a cor de sua pele não o torna superior nem inferior. Seja um negro consciente, isso o fará ascender na pirâmide social e na vida. (Ano 2, nº 13, setembro de 1997)

Para fechar a reportagem, o leitor é instado a responder ao teste abaixo para "medir" sua auto-estima.

Faça o teste abaixo e veja como está a sua auto-estima

1 *Se eu pudesse nascer de novo, preferiria nascer branco (a).*

sim() *não()*

2 *Quando entro em um local público e olham para mim, penso que é porque sou negro(a).*

sim() *não()*

3 *Prefiro ir a lugares freqüentados por negros, pois me sinto mais à vontade.*

sim() *não()*

4 *Fico sem graça quando vejo alguém referindo-se a um negro com desprezo.*

sim() *não()*

5 *Quando contam uma piada sobre negros, fico quieto (a).*

sim() *não()*

6 *Negros só se dão bem na música e no esporte.*

sim() *não()*

7 *As pessoas mais bonitas são as loiras de olhos azuis.*

sim() *não()*

8 *Os negros não sabem aproveitar as chances que têm pra melhorar de vida.*

sim() *não()* (Ano 2, nº 13, setembro de 1997)

Para analisar essa forma de textualização, retomamos, aqui, um trabalho de Souza (1999b) em que o autor propõe uma análise para a formulação e aplicação de questionário, na prática de enquetes e pesquisa de opinião. Sua questão é *saber que horizonte discursivo estabelece a relação entre a forma do questionário e o sujeito que o responde* (idem: 251).

Analisando os enunciados da enquete, que visavam identificar se o brasileiro tinha ou não preconceito de cor em relação aos negros, Souza aponta que da maneira como o questionário era estruturado - sob a forma de afirmações com as quais os participantes assinalavam se concordavam, não concordavam ou concordavam parcialmente com as afirmações - ele *configura um diagrama da enunciação em que, no espaço discursivo entre o enunciado da pergunta e o da resposta, o sujeito fica submetido a uma relação*

inexorável com sua fala. Manifesta-se um efeito de enunciação a partir do qual nada pode ser dito fora da fixidez de sentido imposto pela forma de perguntar e responder (idem:253).

Souza conclui, a partir de sua análise, que esse efeito de fixidez afeta a formulação do enunciado da pergunta, o que repercute sobre a orientação da resposta. A formulação configura uma posição para o sujeito, posição essa sobredeterminada pela perspectiva do discurso racista, o que significa dizer que o entrevistado, assim como o entrevistador, é posto em um dado lugar de dizer, de uma forma como se sempre estivesse nesse lugar. Considerando que os enunciados da enquete sustentam-se em estereótipos, o autor afirma que esse *processo discursivo recalca eventuais passagens de outros sentidos que o fluxo do discurso possibilita*. Dessa forma, seja qual for a resposta assinalada o entrevistado *se enquadra, submetido ao interdiscurso do saber sobre as raças, na cristalização do discurso racista, constituindo em racista cordiais os sujeitos da resposta à enquete, através do acesso enunciativo às palavras do racismo (idem:257).*

A partir dessas considerações, entendemos que no teste proposto ao leitor, também pelo mecanismo da enquete, o funcionamento é o mesmo que o analisado acima. Os enunciados do teste se inscrevem em estereótipos, tais como: o da inferioridade do negro, o da submissão ao branco, o de que há espaços diferenciados para negros e brancos, o de que o negro não é bonito. Não há, portanto, deslocamentos de sentidos no que diz respeito ao racismo. O que produz esse tipo de interlocução é o efeito imediato da solução, bastante eficaz para o efeito de auto-confiança e, por consequência, auto-estima. O preenchimento das lacunas traz a visibilidade imediata do comportamento a ser reforçado ou mudado, tal como é proposto pela reportagem, assim como interpela o negro no lugar da cidadania, reagindo e fazendo valer seus direitos de cidadão.

10. Visibilidade da beleza negra

Afirmamos anteriormente que falar para e sobre o negro traz necessariamente ao discurso a corporalidade. É importante que mais uma vez retornemos, nesse momento do trabalho, ao primeiro editorial da revista **RAÇA BRASIL**. Nele, é apontado como uma das condições necessárias para a auto-estima de “todo cidadão” o “ver-se bonito”. A análise dessa formulação permitiu-nos compreender que a discursividade da revista interpela o leitor a se projetar no lugar da beleza, configurando como efeito-leitor aquele que se acha bonito. Agora, buscaremos compreender como se textualiza essa interpelação na materialidade da revista.

As questões estéticas¹⁹ sempre estiveram muito presentes em todas as edições de **RAÇA BRASIL**. O destaque dado para o assunto é visualizado já pelas chamadas impressas em suas capas: “*Maquiagem - escolha as cores certas para o seu tom de pele*”, “*30 cortes de cabelo*” (Ano 1, nº 1, setembro de 1996), “*Cabelos para festa • emagreça até 6 quilos com a dieta dos pontos*” (Ano 2, nº 13, setembro de 1997), “*É festa! • Penteados rápidos e superfáceis de fazer • Três maquiagens nos tons do verão*” (Ano 3, nº 25, setembro 1998), “*Viva a beleza! Cremes poderosos para ela. Dicas e cosméticos para ele*” (Ano 5, nº 49, setembro de 2000). O que está na capa de uma revista, está em destaque, pois, como tivemos a oportunidade de dizer, as capas das revistas funcionam como um lugar de “captura de leitores”, como uma espécie de propaganda de seu conteúdo,

¹⁹ Embora entendamos que o conceito de estética esteja relacionado à teoria filosófica que se propõe como objeto determinar o que provoca no homem o sentimento de que alguma coisa é bela, ao nos referirmos a estético aqui, estamos considerando de maneira ampla tudo o que envolve a beleza do corpo ou que a propicia.

o que nos permite compreender um lugar de interpretação. No interior da revista o assunto beleza se textualiza sob o formato de seções específicas e fixas - **CABELO BOM, BELEZA PURA, MODA E ESTILO** - assim como através de reportagens sobre maquiagem, cuidados com a pele, dietas, exercícios físicos, etc.

As considerações expostas nos levam a afirmar que o corpo se investe de uma significação bastante forte na discursividade de **RAÇA BRASIL**, visto que há uma presença bastante significativa do assunto “beleza”. Quando falamos em presença significativa, não nos referimos apenas à quantidade de páginas dedicadas às questões estéticas - e sabemos que em nosso caso isso é relevante, mas entendemos que os sentidos dessa presença na discursividade da revista é forte.

Para discutirmos o corpo negro associado ao campo da estética, é imprescindível que não nos dissociemos dos sentidos que ele assume com a negritude inserido na memória do dizer. Fato que nos leva a considerar, de um lado, a significação negativa dada aos traços fenotípicos do negro por um discurso racista e, de outro, a valorização dos mesmos traços por discursos de reação ao primeiro. Reação que, como nos mostra Souza (2000) se constitui no jogo da presença/ausência do “significante cor da pele”.

Para tornar as afirmações acima materialmente explícitas, recorreremos ao trabalho de Souza (2000). No referido trabalho, o autor afirma que, na década de 60, *o discurso militante da comunidade negra conspirava para a construção positiva da imagem corporal da negritude. Esta busca de afirmação subjetiva era ressonância, no Brasil, do movimento negro nos Estados Unidos, que deu suporte às várias manifestações culturais sob o selo do black power: a palavra de ordem era o emuniciado Black is beautiful* (idem:68). Segundo o autor, este tipo de manifestação, que tinha como parâmetro a cor

como afirmação da raça, não surtiu efeito, à medida que não foi suficiente para que o negro sustentasse o sentimento de orgulho da raça.

Estabelecendo um contraponto com este movimento, Souza afirma que, diferentemente, no final da década de 70, (...) *o acontecimento da afirmação do negro no Brasil é um discurso que propõe ao indivíduo de pele negra uma forma de identificação ou de subjetivação, que passa pela clivagem do significante da cor da pele*. Fato que levou o movimento negro brasileiro a construir-se em torno de uma cena fundadora bem anterior - *a que atribui a libertação dos escravos à guerra de Palmares, em 1695, eclodida graças à ação heróica de Zumbi, negro foragido e transgressor, que funda e lidera como rei a nação de Palmares, assentada em uma região montanhosa do estado de Alagoas* (idem). Para o autor temos, assim, *um regime de significação que, no lugar discursivo da cor da pele, remete o jogo afirmativo da subjetividade à figura discursiva do herói, mártir e vencedor. Assim é que o discurso negro, ao operar a sua boa nova, o faz sob a linha da oposição brancos e negros* (idem).

Interessa-nos observar que, para Souza (2000), há em comum entre esses dois movimentos o fato de interpelarem o indivíduo de pele negra a referir-se a si sempre sob a ótica pré-fixada da oposição racismo/não racismo. O autor aponta ainda que, pouco a pouco, tem surgido um movimento antimilitante que, sem negar os efeitos socialmente excludentes, quer propor uma ruptura discursiva: interpelar o negro a não falar de si como objeto de exclusão. Em sua análise, o desenho dessa formação discursiva tem vários modos de circulação, entre eles a literatura, e é também o que acontece na discursividade da revista **RAÇA BRASIL**.

Souza aponta que a referida publicação *enquadra-se em um sistema mais de identificação, aquele que Gilles Lipovetsky, em seu melancólico A era do vazio, descreve*

como “*narcisismo coletivo*”(idem:71). Diferentemente de Lipovetsky, que considera o narcisismo coletivo como uma forma individualista de politização, Souza prefere *acentuar o narcisismo coletivo no que ele aponta em termos de absorção de novos modos de afirmação de si, principalmente no que diz respeito às minorias* (idem:72). Continuando, o autor assinala: *ainda que mantendo a perspectiva de relações de força que põem em confronto negros e brancos, Raça Brasil o faz não mais demarcando e disputando um território próprio e minoritário, mas invadindo o grande território e valendo-se de seus dispositivos de sistema menor de identidades* (idem). Para Souza, disso resulta que *o negro dispõe de regimes enunciativos para fazer o significante cor da pele funcionar como outra coisa* (idem). Contrastivamente ao funcionamento enunciativo dos movimentos citados, o que ocorre no discurso de **RAÇA BRASIL** *é justamente a cor negra da pele associada aos traços físicos do corpo que compõem, a modo de acumulação e combinação inesperada, os signos da beleza ditados no sistema maior* (idem).

Concluindo sua análise, Souza aponta que há múltiplos deslocamentos no processo de revalorização simbólica que permite ao negro, mesmo excluído no país ideologicamente dominado pela cultura branca, encontrar sentido em expressar-se em **RAÇA BRASIL**, atravessando os discursos que idealizam um padrão branco de subjetividade. Deslocamentos que, de acordo com o autor, são *do negro que deixou de evocar suas raízes e do branco que mantém um deslizante ideal estético de beleza corporal. No estrato subjetivante de hegemonia branca, este novo modo de afirmação desenraíza-se para lançar rasgos de negritude, qual rizomas móveis distantes de seus troncos no terreno de uma floresta multiforme* (idem:79).

Consideramos de extrema importância a análise de Souza e, tomando suas considerações, buscaremos avançar analiticamente nessas questões, procurando compreender os sentidos da presença do estético em **RAÇA BRASIL**.

Em se tratando de estética do corpo negro, é inegável que o “item” cabelo adquire bastante relevância, isto porque ele é um traço físico marcadamente identificador de negritude. A textura do cabelo, ou seja, o cabelo crespo, figura socialmente como uma das características que identificam os traços negros como modelo de anti-beleza. Talvez isso mostre porque é um assunto bastante presente na "Revista dos Negros Brasileiros". Uma vez que esses precisam "se admirar", é necessário que trabalhem essa característica física importante: o cabelo.

RAÇA BRASIL expressa especial atenção ao cabelo na seção **CABELO BOM**, totalmente dedicada ao assunto. Além disso, são recorrentes as matérias sobre cortes, processos de aplique, alisamento, permanente-afro, tintura, mesmo fora desse espaço. Ou, ainda, a publicação de encartes especiais sobre cabelos integrados a algumas edições, como é o caso de **Cabelos & Fama**, publicado com a edição nº 52 (dezembro/2000). Atestando a relevância do assunto, foi publicada, tendo como título: **ESPECIAL RAÇA BRASIL - CABELOS**, uma reunião "das melhores matérias já publicadas na revista".

O assunto "cabelos" é tão forte que houve, diríamos, um desdobramento para uma publicação independente - a revista **VISUAL - Cabelos crespos**. Em sua capa aparecia a informação de que era "*Uma revista do grupo RAÇA Brasil*". Mesmo com a publicação mensal desse periódico, **RAÇA BRASIL** continuou dedicando espaço ao tema.

Inicialmente, o encarte **Cabelos & Fama** não fazia parte do material delimitado para análise, mas optamos por trazê-lo para o trabalho por considerarmos que traria

elementos importantes, quando analisado em conjunto com a seção **CABELO BOM**.

Elementos que encontramos em seu **Editorial**:

Deixe que digam, que pensem, que falem... mas assim como a beleza permanece fundamental, o cabelo cuidado está entre os itens essenciais. Por isso mesmo, como você está careca (epa!) de saber, em todas as edições de RAÇA BRASIL dedicamos um espaço considerável para cortes, tratamentos e novidades da área, sempre pensando em ajudá-la a manter sua cabeleira acima de qualquer crítica. E como, nesse assunto, toda informação é pouca, resolvemos ir mais longe, nesta edição de dezembro, com este encarte no qual você vai descobrir segredinhos de dezoito belas vips. Elas dizem como e o que fazem, sem se fazerem de rogadas. E não ficamos só nisso: procuramos três cabeleireiros famosos, que, muito gentilmente, deram dicas para que seus cabelos fiquem parecidos com os das artistas que admira. Escolha o seu tipo. Afinal, você não precisa ficar presa a apenas um único visual. Vai descobrir, agora, que pode experimentar vários estilos.

Amélia Nascimento

No texto acima, há um tom de resposta e justificativa para que a revista dedique um "espaço considerável" para esse item, pois ainda "que digam, que pensem, que falem, o cabelo bem cuidado permanece entre os itens fundamentais". Talvez estejamos encontrando aqui uma resposta a críticas recebidas pela revista por se "empenhar" tanto no cuidado do cabelo.

É interessante observar que a interlocução desse editorial se faz com um público feminino. Há, assim, um subrecorte no público de **RAÇA BRASIL**: as mulheres negras. Aqui vemos a "eficácia do imaginário" produzindo seus efeitos: a delimitação da interlocução se pauta pelo forte imaginário de que beleza e cuidados com ela são "assuntos de mulher". Acrescente-se que, para a mulher e, especialmente para a mulher negra, o cabelo é uma questão muito forte.

A formulação "dedicamos um espaço considerável para corte, tratamento e novidades da área, sempre pensando em ajudá-la a manter sua cabeleira acima da qualquer crítica" figura como uma tentativa de ressignificação do estereótipo do cabelo

crespo como feio e, portanto, alvo de "críticas", diríamos mesmo de chacotas. É preciso, então, significá-lo como "tratado e acima de críticas". E como fazer isso? Nesse encarte, as "dicas" são dadas por cabeleireiros famosos e por atrizes negras. Em geral as "técnicas" utilizadas para tratamento do cabelo são em geral aplique de tranças, relaxamento e permanente-afro, associados a cuidados de manutenção. Técnicas que permitem que a mulher negra não fique "presa a um único visual", pois descobrirá "que pode experimentar vários estilos". Essas formulações apontam as possibilidades "versáteis" para o cabelo crespo, significado na memória do dizer como tipo de cabelo que não oferece opção para penteados. Nesse sentido, poderíamos parafrasear: "com as novas técnicas a mulher negra terá liberdade de mudar o seu visual".

Ressaltamos que as "dicas" apresentadas se significam na relação que estabelecem com as belas Valéria Valenssa, Isabel Fillardis, Taís Araújo, Camila Pitanga, Whitney Houston, entre outras. O cabelo das famosas se constitui, na relação com a leitora, como modelo de beleza, como possibilidade de identificação. Temos aqui, as imposições da "materialidade revista", pois a identificação com artistas não é um funcionamento exclusivo de **RAÇA BRASIL**. Enquanto sujeitos somos pegos em um processo de identificação com pessoas de projeção midiática. Dessa forma, quando atrizes de beleza incontestável "compartilham suas 'receitas' de beleza", alcançá-la se torna, imaginariamente, uma possibilidade muito forte. Mas, embora apresentando um funcionamento geral de mídia, a identificação somente pode se dar pelo reconhecimento das atrizes como negras e com cabelos crespos.

Nesse sentido, o aspecto não-verbal, componente intrínseco à produção de sentidos das revistas, exerce fundamental importância na textualização do discurso de identificação, pois a materialização das imagens produz um efeito de incontestabilidade:



Encarte especial - Ano 5, nº 52, dezembro de 2000

Agora, nos atendo à seção **CABELO BOM**, continuaremos buscando compreender o funcionamento do enunciado "manter sua cabeleira acima de qualquer crítica". No próprio nome da seção visualizamos uma relação parafrástica opositiva que se constitui interdiscursivamente. "**CABELO BOM**" aparece como resposta à formulação "cabelo ruim". Essa denominação circula como sinônima de cabelo crespo, ou ainda como "cabelo de nego". O confronto entre essas formulações nos leva a pensar que existe uma tentativa de ressignificação do cabelo crespo. Ressignificação que o faça ser considerado como mais um elemento de valorização das qualidades físicas do negro. Portanto, acreditar que o cabelo é bonito parece se mostrar como condição inalienável para "achar-se bonito" na discursividade da revista.

O conjunto de recortes que fizemos permitiu-nos identificar um funcionamento bastante peculiar dessa seção. Embora sejam dadas informações sobre o cuidado com os

cabelos de forma isolada, a maioria das orientações são feitas conjuntamente com a indicação de algum tipo de cosmético específico para cabelo crespo, fato que nos permite apontar a seção **CABELO BOM** como um espaço fortemente associado ao consumo²⁰. Dessa forma, para cada "problema" é apontada didaticamente "uma solução". Tomemos os recortes:

(1) Cabelo bom p. 20

Aprenda a driblar o volume do seu cabelo e a protegê-lo da água da piscina e do mar. Conheça também uma linha de produtos para conservar os cachos e as dicas da modelo Lana Pereira . (Da chamada no índice)

Drible o volume

Quando o cabelo é muito armado, fica difícil fazer qualquer tipo de penteado. Alguns produtos ajudam a diminuir o volume excessivo. É o caso da nova mousse Down, da linha Hair Control Foam, da Mandom. Ideal para quem não quer efeito molhado ou endurecido nos fios, é eficiente para manter os cabelos modelados, mesmo em dias úmidos, quando costumam armar ainda mais. O produto é encontrado em perfumarias e supermercados. Mais informações pelo telefone (011) 278-6600.

(Seção **Cabelo Bom**, ano 2, nº 13, setembro de 1997)

(2) Brilho e maciez instantâneos

Composto por uma mistura de silicones, aloe vera e vitamina E, o Frizz-Ease instantaneamente transforma a aparência do cabelo seco ou ressecado por tintura ou permanente. Basta aplicá-lo nos fios, após lavar o cabelo, para sentir a diferença. Para obter fios cacheados, deixe o produto secar naturalmente. Fios lisos são obtidos com a ajuda do secador. Além de proporcionar mais brilho e maciez, ele repele a umidade, evitando que o cabelo volte ao seu estado natural.

SAC : 0800-190405

Alisou? É hora de cuidar

*• Depois de secos e escovados, passe silicone ou ceras, para domar os fios rebeldes, eliminar a "eletricidade" e formar uma película protetora contra agentes externos. (Seção **Cabelo Bom**, ano 3, nº 25, setembro/1998)*

²⁰ Nesse aspecto, chamamos a atenção para a significativa quantidade de anúncios publicitários de produtos cosméticos para cabelo na revista **RAÇA BRASIL**.

(3) Protegendo os fios

Quem tem cabelo crespo sabe bem como é difícil conseguir uma definição para o penteado. A novidade que promete acabar com esse problema é o Strong Liquid. Sem corantes, além de conservar os cachos, protege os fios contra a perda de umidade. Com filtros UVA e UVB, pode ser encontrado, por um preço médio de R\$ 24.

SAC 0800-559877

(Seção **Cabelo Bom**, ano 4, nº 37, setembro/1999)

Inicialmente, queremos chamar a atenção para a seguinte formulação: “**Quem tem cabelo crespo sabe bem** como é difícil conseguir uma definição para o penteado.” O sujeito da primeira oração circunscreve uma especificidade e, dentro desta, uma generalidade que nos permite parafrasear: “todas as mulheres que têm cabelos crespos e somente as que têm sabem como é difícil conseguir uma definição para o penteado”. Dessa forma, a interlocução produz um efeito de intimidade, possibilitando a identificação da leitora negra com o que está sendo afirmado.

Em (1) é bastante significativo o uso do verbo "driblar". É preciso "contornar" as características do cabelo que, por "ser armado", dificulta a realização de "qualquer penteado". Fica posto que lidar com o cabelo é um gesto pautado pela "dificuldade" e significado como um problema. Sentidos que são visíveis também em (3).

Seguindo essa mesma lógica, o recorte (2) também apresenta um produto para que os fios fiquem cacheados, se secos naturalmente, ou lisos, se for usado o secador. Em especial, nos chamou a atenção a formulação: "Além de proporcionar mais brilho e maciez, ele repele a umidade, evitando que o cabelo volte ao seu estado natural." A possibilidade do cabelo bonito fica fora do "seu estado natural". Por isso, há a constante reafirmação da possibilidade de sua transformação.

Entretanto, mesmo não negando a dificuldade em lidar com o cabelo crespo, o que temos é um reafirmar de soluções para o “problema”, sustentadas na possibilidades

trazidas pelas inovações do mundo da cosmética. As indicações de cosméticos “trabalham com essas dificuldades”, minimizando-as, ou até mesmo, eliminando-as. Utilizar os produtos trazem a possibilidade de: “conservar cachos”, “manter os cabelos modelados, mesmo em dias úmidos”, “domar fios rebeldes”, “transformar a aparência do cabelo seco ou ressecado” e “proteger os fios contra a perda de umidade”.

Assim o que **RAÇA BRASIL** diz é: “há possibilidade de trabalhar o cabelo crespo e nós oferecemos a instrumentalização necessária para esse trabalho”. Possibilidade essa que fica comprovada através das imagens publicadas nas páginas da revista, tanto quando mostra diferentes opções de penteados,



Ano 1, nº 1, setembro de 1996

como quando lança mão da estratégia de mostrar “o antes e o depois”:

ANTES E DEPOIS

Com cuidados especiais, é possível aumentar o comprimento do cabelo, mudar o look e ganhar um visual renovado, moderno e glamoroso!



ANTES
Maristela Medeiros tinha um cabelo meio pesado e sem vida.

DEPOIS
Com cuidados especiais, é possível aumentar o comprimento do cabelo, mudar o look e ganhar um visual renovado, moderno e glamoroso!

O cabelo foi alisado por um relaxamento com gel, da Scharisof, um produto alemão. O cabelo foi alisado em grandes mechas e finalizado parte por parte.

Se deseja ter cabelo permanentemente afro com gel da raiz, da linha natural Styling Scharisof.

O passo seguinte foi aplicar um tratamento reconstrutor concentrado à base de lutano, da Frest, para dar um ar natural.

Ano 1, nº 1, setembro de 1996

“Domar” e “driblar” as características do cabelo nos levam aos sentidos de contornar. É isso que acontece quando o assunto é cabelos na discursividade de RAÇA BRASIL. A revista lida com o incontornável do cabelo crespo, contornando-o.

O cabelo, em se tratando de estética, é, sem dúvida, um ponto muito importante, entretanto, não é o único. Portanto traremos outros pontos para a discussão da formulação da questão estética na revista:

(4)

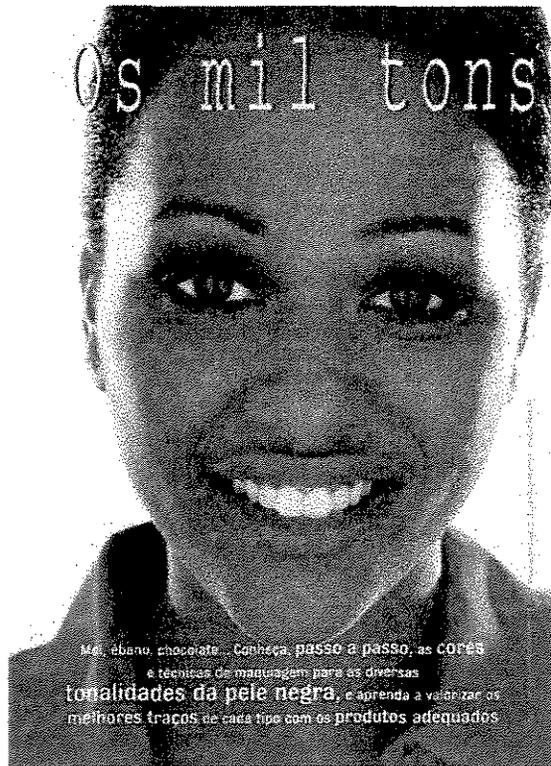
Capa: Maquiagem

Escolha as cores certas para o seu tom de pele

Os mil tons da negritude

Mel, ébano... Conheça, passo a passo, as cores e técnicas de maquiagem para as diversas tonalidades da pele negra, e aprenda a valorizar os melhores traços de cada tipo com os produtos adequados (da reportagem Os mil tons da negritude, ano 1, nº 1, setembro de 1996)

Os mil tons da negritude



Mãe, ébano, chocolate. Conheça passo a passo, as cores e técnicas de maquiagem para as diversas tonalidades da pele negra, e aprenda a valorizar os melhores traços de cada tipo com os produtos adequados



Edição: NORA MAQUIAGEM E CESTOZA DE SERRA

3. Este não é o momento, aplicamos o produto à pele. Não, de O. Baccarini. A base mantém a pele hidratada e evita o ressecamento. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto.



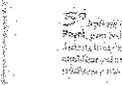
4. Não fazer um look muito pesado, mas sim, de leve, para valorizar a beleza da mulher. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto.



5. Para aplicar o produto, usamos o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto.



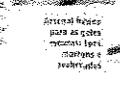
6. A base é aplicada com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto.



7. Aplicamos o produto com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto.



8. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto. O produto é aplicado com o dedo, de forma suave, para não irritar a pele. Depois, usamos o pincel para aplicar o produto.



Ano 1, nº 1, setembro de 1996

(5) Nos tons do verão

O mundo dos cosméticos já criou o arsenal de tonalidades e texturas que vai deixá-la linda na próxima estação. Na cartela de cores, marrons, acobreados e avermelhados continuam em alta. Mas vão dividir a cena com os tons frios e metálicos. Confira, aqui, três maquiagens para a pele negra e brilho nas noites de verão

Conselhos do especialista

•A pele negra merece atenção especial na hora de determinar nuances e cores. "O pó deve ser um pouco mais claro do que o tom da pele, para não correr o risco de deixá-la cinza. Já o batom ideal é aquele que segue a gama dos marrons, acobreados e dourados. A não ser num look sofisticado, para dançar ou ir a uma festa especialmente chique.

(da reportagem *Nos tons do verão*, ano3, nº 25, setembro de 1998)

(6) Nada como dispensar cuidados especiais com o corpo. Das loções renovadoras contra acnes a hidratantes específicos, a cosmética começa a se preocupar com a pele negra.

No caminho das tops

Requisitado para o make - leia-se cabelo e maquiagem - das modelos nos principais desfiles e produções fotográficas de todo o país, o cabeleireiro Mauro

Freire adora usar tons escuros nos olhos e cores claras nas bocas das modelos negras. E para não chamar atenção excessiva para os lábios grossos, sugere ainda aplicar o batom suavemente, sem contornar. Suas cores prediletas atualmente são o perolado e o dourado.

(Seção **Beleza Pura**, ano 1, nº 1, setembro de 1996)

(7) *Prêmio de maquiagem destaca beleza negra.*

(Seção **Beleza Pura**, ano 2, nº 13, setembro de 1997)

(8) (...) *SUGESTÃO: o lápis-sombra, da Clinique, e o batom mordoré, da Bourjois, ou metal look, da Marcelo Beauty, iluminam e realçam a beleza da pele negra.*

“Dica

Na raça negra a parte interna das pálpebras tem um tom vermelho naturalmente acentuado e isso prejudica o equilíbrio da maquiagem. Uma simples aplicação de lápis preto o kajal na parte de dentro pode amenizar esse efeito.”

Claudia Matarazzo, jornalista e autora de Beleza 10.

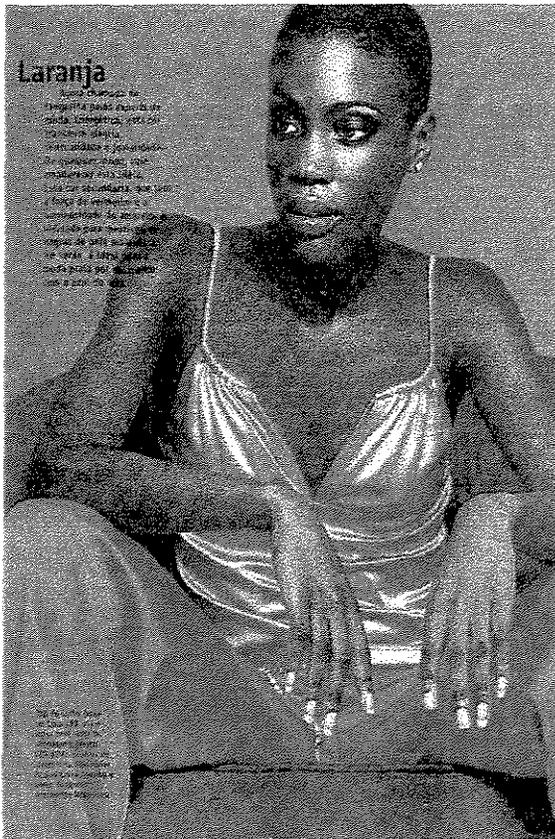
(Seção **Beleza Pura**, ano 4, nº 37, setembro de 1999)

Destacamos inicialmente da leitura dos recortes o efeito de incontestabilidade da beleza negra. Ela é significada como dada, indiscutível. Vejamos as formulações: “Prêmio de maquiagem destaca a beleza negra”, “(...) o lápis-sombra e o batom (...) iluminam e realçam a beleza da pele negra.” Ainda que se utilizem cosméticos, sua utilização não é para “dar beleza” é para “realçar” e, somente é possível realçar o que já se tem.

Se a beleza negra é incontestável, natural é também que ela possa ser enunciada dentro de um discurso da estética considerando-se as suas especificidades. Sentidos que produzem os enunciados: “Escolha as cores certas para o seu tom de pele”, “(...) aprenda a valorizar os melhores traços de cada tipo (de pele)”, “A pele negra merece atenção especial na hora de determinar nuances e cores”, “E para não chamar atenção excessiva para os lábios grossos, sugere ainda aplicar o batom suavemente, sem contornar”, “Na raça negra a parte interna das pálpebras tem um tom vermelho naturalmente acentuado e isso prejudica o equilíbrio da maquiagem.” Estes enunciados, assim como a foto que mostra “as técnicas”

de maquiagem, nos levam a afirmar que corpo negro “entra” para os rituais estéticos, podendo “se utilizar” de todos os cuidados disponíveis pela cosmética.

O aspecto não verbal exerce uma significação de extrema relevância na relação com a visibilidade da beleza da pele negra. As fotos das(os) modelos não somente ilustram como atestam a beleza negra, tirando-a da invisibilidade:



Ano 5, nº 49, setembro de 2000



Ano 2, nº 13, setembro de 1997



Ano 5, nº 49, setembro de 2000

O lugar da beleza é também fortemente marcado pelos editoriais de moda:

(9) *Alegria, alegria: corpos em movimento, envoltos em azul royal, laranja, vermelho, branco, ouro, preto...*

A moda pede tons alegres, fortes, desinibidos, definidos, tanto em produções ousadas quanto nas mais comportadas, combinando elegância e sensualidade!

NEGRO É COR!

(Editorial de moda, ano 1, nº 1, setembro de 1996)

(10) *Solte a imaginação para compor um visual cheio de estilo. Num jogo de pura sedução, cores fortes e suaves contrastam com a pele escura. Amarrações, tecidos rústicos e bijuterias com motivos tribais produzem UM TOQUE AFRO*

Nas contas multicoloridas

Alivez e um ar de princesa africana é o que proporciona o coloridíssimo colar (R\$250,00) da estilista Vera Arruda.

Na maciez do linho

Contrastando com a pele negra, a confortável calça de linho cru (R\$79,00), da Opera Rock, tem caimento impecável. Estilo moderno para homens exigentes.

(Editorial de moda, ano 3, nº 25, setembro de 1998)

Tomando esses recortes, fica-nos explícita uma “boa relação” entre a negritude e o mundo da moda. Em (9) há um chamar a atenção para o corpo que, somando-se as belas fotografias, é colocado em destaque. Em (10) o destaque é explicitamente formulado pelo aspecto visual e, além disso, pela relação entre a roupa e a pele negra: “Num jogo de pura sedução, cores fortes e suaves contrastam com a pele escura”, “Contrastando com a pele negra, a confortável calça de linho cru”. Chamamos, ainda, a atenção para a associação da moda com a tradição africana no que ela tem de “altivez” e “realeza”.

Mesmo quando no editorial de moda a negritude não está em relação com o tipo de roupa utilizada, o corpo negro está como modelo, como suporte da moda. Dessa forma, as fotos dos editoriais de moda dão visibilidade ao corpo negro, colocando-o em evidência:



Ano 5, nº 49, setembro de 2000



Ano 3, nº 25, setembro de 1998

Apesar de apontarmos o cabelo crespo como um ponto incontornável e, por isso, contornado, esses outros espaços nos mostram a possibilidade da significação do corpo negro como belo, não mais como força física ou de trabalho. O corpo passa a significar

também dentro da discursividade da estética. Também não figura como a licenciosidade. Significa como belo. Naturaliza-se em meio a outros tipos de beleza. As características do negro são formuladas enquanto especificidade, mas formuladas na discursividade da estética. A pele negra é enunciável como bela, passando a ter “voz” na discursividade da estética. A beleza é significada na negritude da pele.

Na produção do efeito-leitor é importante mais vez compreender um processo de identificação que, no jogo das projeções imaginárias, interpela o/a leitor/leitora a se constituir também do lugar estético como um lugar autorizado. Daí a importância da especificidade da beleza negra no processo de identificação com o leitor. Há, dessa forma, a possibilidade de construção de subjetividade que passe pelo viés estético. Lugar a que estamos todos sujeitos. A diferença é que o corpo negro esteve marcado pela impossibilidade desse lugar. Nas páginas de **RAÇA BRASIL** o corpo negro significa como belo, na simbiose com belas roupas, como capa de revista.

Dado o fato de que as questões estéticas foram tomando um espaço maior na revista, ela foi alvo de críticas. Críticas essas publicadas em uma reportagem da edição de 4º aniversário, em que “personalidades avaliavam a importância da revista **RAÇA BRASIL**”:

“Quem abre RAÇA e é negro se orgulha. Ela está na contramão da maior parte da mídia. Eu só tenho uma crítica: a nossa revista não poder ter apenas a preocupação de ser fashion. Ela precisa mostrar a nossa luta na sociedade, tem que pegar um pouco mais duro em questões sérias.”

Leci Brandão, cantora e compositora

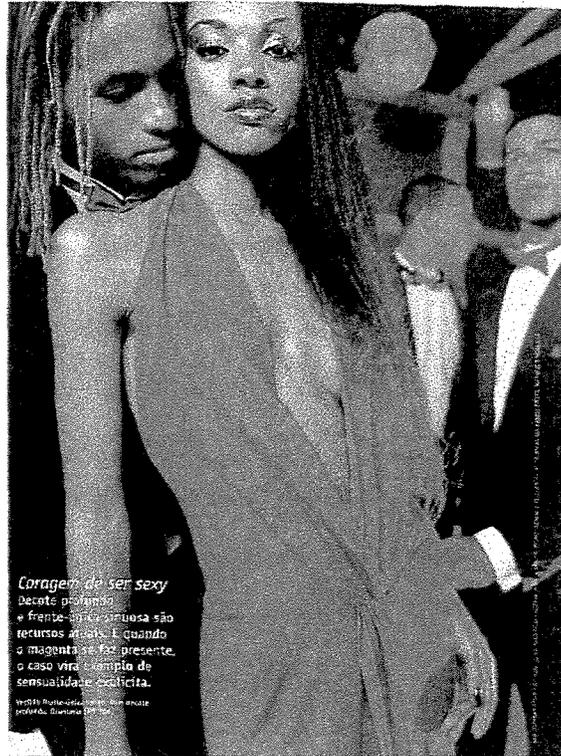
“Fiquei muito satisfeita com o lançamento da revista. É inegável que a publicação contribuiu muito para elevar a auto-estima dos negros brasileiros e passou a ser um ponto de referência. Entretanto, ela tem deixado de lado a parte artístico-cultural do país e se voltado mais para a estética. Já sabemos que somos lindos, o que precisamos é nos informar, ampliar ainda mais nossa participação na sociedade, evoluir.”

Maria Ceíça, atriz

As “avaliações” acima nos mostram um discurso que se coloca de maneira polarizada.²¹ Poderíamos assim formular os pares opostos: “ ser fashion / lutar, pegar duro nas questões sérias”, “estético / artístico-cultural”.

Os pares opostos nos mostram que, no imaginário que circula socialmente, a questão do sério tem tomado proporções e lugares de significação que provocam uma relação de antagonismo entre o campo da estética e da intelectualidade. Sentidos que instauram uma divisão entre “os preocupados com o corpo” e “os preocupados com a mente”. Além dessa divisão, nos recortes acima, os sentidos trazidos pelas críticas estão marcados também pela necessidade de sempre relacionar negritude e militância em uma relação política marcada pela seriedade da discussão e do debate. Entretanto, entendemos que o trabalho com a estética em **RAÇA BRASIL** tem uma função político-militante, quando pensada e inserida em uma memória do dizer que significou negativamente o negro. Isto porque é um lugar forte e prazeroso de mobilização em nossa formação social e, ainda, um lugar que, por trabalhar com o corpo, ressignificando-o, inserindo-o na discursividade da estética, coloca em circulação sentidos até então silenciados.

²¹ É necessário mais uma vez esclarecer que não estamos tomando essas opiniões como atribuídas aos sujeitos enquanto fontes dos sentidos, mas de entender esses lugares como pontos de identificação e reconhecimento de discursos disponíveis que circulam sob a forma antagonica estética / política.



Coragem de ser sexy
 Diante dos câmeras e frente às perguntas são recursos artísticos. E quando a magenta está presente, o caso vira exemplo de sensualidade sofisticada.

PHOTO: PHOTOCREATIVE.COM/ANASTASIA KOSTOVA

Ano 5, nº 49, setembro de 2000

Pele de **passado**

Os cremes estão mais poderosos do que nunca. Deixar a pele macia, sedosa e com brilho natural é pouco. As atuais fórmulas criadas para tratar a pele combatem rugas, tiram as linhas finas, mantêm a juventude e ainda são capazes de diminuir (e muito) a sempre odiada flacidez do corpo.

TEXTO: ANA CAROLINA FARFEL/36 ANOS; FOTOS: ANDREW HARRISON

Juvenescer para sempre. Em qualquer momento desde que o mundo existiu, as mulheres do mundo inteiro, com o auxílio da tecnologia cosmeceutológica, estão procurando se manter jovens. Os cremes, o grande nome no arsenal da beleza, evoluíram de uma fórmula de hidratação para produtos que oferecem resultados mais poderosos. Hoje, os produtos incluem ativos que alteram a estrutura da pele, melhorando a circulação sanguínea e estimulando a produção de colágeno. E o resultado não é apenas uma pele mais jovem, mas também uma pele mais saudável. Hoje, os produtos incluem ativos que alteram a estrutura da pele, melhorando a circulação sanguínea e estimulando a produção de colágeno. E o resultado não é apenas uma pele mais jovem, mas também uma pele mais saudável.

Rosto em evidência

Por causa da hereditariedade, da alimentação e dos cuidados pessoais, a pele do rosto tem características próprias", explica a Dra. Patrícia Rizzo, especialista em medicina estética. Portanto, antes de escolher o produto, procure conhecer seu tipo de pele.

Tem tanta espura e poros invisíveis. Não tolera bem abóvolos comestíveis e se bronquite com dificuldade. Com ela, todo cuidado é pouco. Afinal, para formar as indesejáveis rugas ela está sozinha.

Apresenta áreas oleosas na chamada zona T (testa, nariz e queixo) e seca nas regiões de contorno.

Os poros são perfeitamente visíveis e costumam esconder as rugas. O aspecto é brilhante e o bronzeado aparece de modo rápido. O problema é que ela tende a apresentar acne e comêdo.



Ano 5, nº 49, setembro de 2000

Considerações finais

Chamamos a atenção desde o início do nosso trabalho para a especificidade da formulação da luta negra enquanto “materialidade revista”. Fato que foi fundamental para que, analiticamente, compreendêssemos, na discursividade de **RAÇA BRASIL**, uma forma bastante peculiar de militância.

Analisando o processo de denominação da revista, mostramos que o nome se caracteriza como uma reivindicação fundante de reconhecimento do sujeito negro como pertencente ao Brasil. Compreensão esta que nos levou ao pré-construído do discurso da cidadania e que ganhou força na análise dos editoriais, onde mostramos o deslocamento da reivindicação de direitos de uma relação étnica para uma relação de cidadania: reivindica-se visibilidade para o negro brasileiro. Tal deslocamento se deu na relação entre a memória brasileira e a africana, em cuja confluência se constitui a posição-sujeito-negro- brasileiro.

Dado o fato de que o pertencimento ao país era sempre posto em relação com a invisibilidade do negro brasileiro e, portanto, com a necessidade de torná-lo visível, perguntamo-nos pela maneira como essa visibilidade era formulada na discursividade da revista.

Questionamos, também, o lugar configurado por **RAÇA BRASIL** para o leitor na busca da compreensão do efeito-leitor e, para compreendê-lo, foi fundamental que prestássemos atenção à reflexividade da formulação do enunciado “ver-se bonito, cantando, dançando, consumindo, vivendo a vida feliz”, pois ela nos indicou lugares de sustentação do discurso da revista.

Em oposição a toda uma memória que sempre significou negativamente o negro, o leitor é projetado no lugar da beleza, do sucesso, da felicidade, constituindo nesses sentidos o efeito-leitor. Essa projeção nos apontou o funcionamento da identificação permeando toda a discursividade da revista. O processo de identificação se marca desde a “simulação” da fala do leitor na capa da primeira edição, como mostramos na análise do enunciado “Essa é pra mim!”, e vai ganhando espessura na textualização das seções, unindo ao verbal fotos belíssimas. Assim, mostramos o funcionamento da identificação com o sucesso, nos relatos presentes na seção **Nossa Gente**, da identificação com a reação ao racismo, nos depoimentos da seção **Olho Vivo** e da identificação com a beleza, principalmente nos espaços dedicados à estética. Consideramos o processo de identificação do leitor com esses sentidos como um gesto militante de busca de adesão à luta negra. Busca que se sustenta interpelando o leitor a ter orgulho de ser negro, a aceitar-se negro, a ter orgulho de sua raça como condição de sua auto-estima. Tal aspecto nos fez retornar à militância institucionalizada do MNU que, como mostramos, também traz de maneira forte o discurso do orgulho da raça como condição de auto-estima do negro.

É importante chamarmos a atenção para o deslize de sentidos produzidos pelo processo de identificação que, por um lado, interpela o leitor em lugares positivos, mas, por outro, ao buscar adesão a determinadas atitudes face ao preconceito, pode produzir um efeito de centramento da questão racial no sujeito negro, colocando-o em uma posição de fonte e origem do racismo. Nessa perspectiva, acabar com o racismo, não sofrer com atitudes racistas e fazer sucesso são gestos que dependeriam exclusivamente de seu comportamento, o que produz a ilusão de que, mudada sua postura, o racismo deixaria de existir.

Apesar desse possível efeito, mostramos, no percurso analítico, a relevância do aspecto estético na revista e a importância de nos despojarmos do que consensualmente entendemos como “assuntos sérios” para pensarmos um outro tipo de militância, pois entendemos que, no caso da discursividade negra, o discurso de valorização do corpo assume uma função política muito forte.

Fizemos referência em nossa análise à mudança de configuração da revista. Queremos, agora, pontuar que essa mudança está muito associada à questão estética que foi, gradativamente, ganhando mais espaço. Não que a militância tal como a concebemos de forma mais explícita tenha desaparecido, mas está, diríamos mais diluída. Não estão presentes, por exemplo, seções como **Olho Vivo** e **Ponto de Vista**. Embora saibamos que a relevância dada ao estético tem relação com a “materialidade revista” enquanto lugar de mídia, entendemos que, por ser também um lugar de captura dos leitores, pode se constituir em um espaço forte de resistência.

Diremos que a atestação da beleza, do sucesso, da reação ao racismo trazida pela visibilidade é uma forma de resistência que tem, no funcionamento da identificação, a busca da adesão. Ainda que essa resistência se faça na circunscrição de um espaço, como mostramos no funcionamento dos pronomes possessivos de primeira pessoa e na reflexividade do “ver-se”, é possível afirmar que **RAÇA BRASIL** é, para o negro, um lugar de “poder se ver”²². Ela é, enquanto lugar de resistência, um “quilombo na mídia”.

A revista **RAÇA BRASIL** não é a “redentora” que trará a solução para todos os problemas enfrentados pelos negros. Entretanto, sua presença nas bancas se constitui como um importante deslocamento de sentidos. Sua circulação oferece condições materiais para a

²² Fazemos, aqui, referência ao trabalho de Lagazzi (1988), em que a autora, trabalhando a resistência do sujeito, afirma que há, em nossa formação social, disputas por lugares de “poder dizer”.

circulação de sentidos outros para o negro que não aqueles estereotipados pela memória do dizer. Fato que traz importantes contribuições para aqueles que foram marcados por uma memória de invisibilidade, ou por uma visibilidade negativa, pois têm a possibilidade de identificação com um imaginário positivo.

Abstract

In the accomplishment of this study, we have aimed at understanding the discursive processes established by the magazine RAÇA BRASIL – a publication addressed to African-Brazilians. Supported by theoretical and methodological beginnings of the Discourse Analysis, we mobilized theoretical concepts as interdiscourse – understood in Discourse Analysis as discourse memory, reader-effect and, as essential beginning to the analytical practice, the concept of material form. In the conjugation of those theoretical subjects, we could establish a constituent place of configuration of the magazine RAÇA BRASIL: it is a magazine, it talks about fashion, beauty, aesthetics in a general way, like other magazines, but also, for the fact of cutting out the African-Brazilians as their readers, in order to insert them in a entire memory of fight of the black people and, because of that it presents itself as militant. This subject made us question about the relationship between the militancy and “magazine materiality”.

We have understood, in the analytical course, that in the claim of rights for the black, there is a displacement of the ethnic discourse toward the discourse of the citizenship: a relationship of equality between citizens of a same nation is required. This fact allowed us to give visibility to the relationship among the Brazilian memory – rejected while slavery and evoked while support of the formation of the country – and the African memory – that brings the senses of freedom and royalty. We have also understood that the claim of rights for the black while Brazilian subject is formulated in the relationship with the need of his/her visibility. Visibility that sustains the identification process as adhesion search for the fight and whose “textualization” is submitted to the reader, as condition of

his/her self-esteem, being projected in the place of the beauty, the success, the reaction to racism and the position of consumer, producing at this moment the reader-effect.

Taking into account the “magazine materiality”, we showed the importance of the subjects related to the aesthetics in RAÇA BRASIL, and the need of depriving ourselves of what we have understood in a consensus as serious issues to think of other kind of militancy. In the case of the African-Brazilians, it is ruled for a discourse of valorization of the body. Although presenting an outlined point – the hair – we have shown that the black skin has become the beauty symbol and it acquires voice in the discourse of aesthetics.

Those understandings have shown us that the magazine RAÇA BRASIL constitutes as an important formulation and circulation place of other senses for the African-Brazilians instead of those stereotyped ones by the memory of the saying.

KEY-WORDS: Discourse Analysis, Racism, African-Brazilians, RAÇA BRASIL Magazine.

Referências Bibliográficas

- BERND, Z.(1994) *Racismo e anti-racismo*. São Paulo, SP: Moderna. (Coleção Polêmica).
- BROOKSHAW, D.(1983) *Raça e cor na literatura brasileira*. Tradução de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- FERREIRA, M.(1993) “A antiética da vantagem do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade)”. In: *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes.
- GUIMARÃES, E.(1995) *História e sentido na linguagem*. Campinas,SP: Pontes.
- LAGAZZI, S.(1988) *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes.
- MARIANI, B.(1998) *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro, RJ: Revan-Editora da Unicamp.
- MNU.(1998) *Caderno de Teses do XII Congresso Nacional do Movimento Negro Unificado*.
- MOURA, C.(1981) *Os quilombos e a rebelião negra*. Brasiliense.
- _____.(1983) *Raízes do protesto negro*. São Paulo, SP: Global Editora.
- _____.(1988) "A Imprensa Negra em São Paulo" In: *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo, SP: Ática.
- ORLANDI, E.(1984) Segmentar ou recortar? *Série Estudos*, Uberaba, (10): 9-26, Faculdade Integrada de Uberaba.
- _____.(1990) *Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez-Editora da Unicamp.
- _____.(1996a) *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____.(1996b) “Exterioridade e ideologia” In: *Cadernos de estudos lingüísticos*. n.30. Campinas, SP: Iel-Unicamp.

- _____.(1998) *Discurso e argumentação: um observatório do político*. Campinas, SP: Labeurb/Unicamp. Mimeo.
- _____.(1999a) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.
- _____.(1999b) "Do sujeito na história e no simbólico" In: *Escritos*, n.4. Campinas, SP: Labeurb/Nudecri.
- _____.(2001) *Discurso e Texto - Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes.
- PAYER, M. O.(1999) *Memória da Língua. Imigração e Nacionalidade*. Tese de doutorado, Campinas, SP: IEL - UNICAMP.
- PÊCHEUX, M.(1969) "Análise Automática do Discurso (AAD-69)". In: Trad. Bras. GADET & HAK (orgs). *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 1997, pp. 61-161.
- _____.(1975) *Les vérités de la Palice*. Paris: Maspero. Trad. Bras. *Semântica e Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____.(1990) "Delimitações, inversões e deslocamentos" In: *Cadernos de estudos lingüísticos*. n.19. Campinas, SP: Iel-Unicamp.
- _____.(1997a) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Bras. Campinas, SP: Pontes.
- _____.(1997b) "Ler o arquivo hoje" In: *Gestos de leitura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- _____.(1999a) "Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise do Discurso". In: *Escritos* (4): 7-16, Laboratório de Estudos Urbanos, LABEURB- NUDECRI- UNICAMP.
- _____.(1999b) "Papel da memória" In: *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C.(1975) "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas". In: Trad. Brasileira GADET & HAK (orgs). *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, pp.163-246.
- PINSKY, J.(2000) "*A escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto".
- RAÇA BRASIL. São Paulo: Editora Símbolo, n. 1, set. 1996.
- RAÇA BRASIL. São Paulo: Editora Símbolo, n. 13, set. 1997.

- RAÇA BRASIL. São Paulo: Editora Símbolo, n. 25, set. 1998.
- RAÇA BRASIL. São Paulo: Editora Símbolo, n. 36, ago. 1999.
- RAÇA BRASIL. São Paulo: Editora Símbolo, n. 37, set. 1999.
- RAÇA BRASIL. São Paulo: Editora Símbolo, n. 49, set. 2000.
- RAÇA BRASIL. Cabelos e fama, São Paulo: Editora Símbolo. set. 2000. Suplemento.
- SERRANI, S.(1993) *A linguagem na pesquisa sócio-cultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- SODRÉ, M.(1999) *Claros e escuros - Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SOUZA, P.(1993) “A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador do negro no Brasil”. In: *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes.
- _____.(1998) “Negritude e auto-estima: esboço para uma abordagem dos afetos na forma do discurso” In: *CD-Room da Anpoll*.
- _____.(1999a) “A literatura sem nome de lugar: a condição paratópica do escritor negro no Brasil”. In: *Travessia*. Florianópolis, (38): 109-123, Universidade Federal Santa Catarina.
- _____.(1999b) “As enquetes como discurso: um caso de acesso às palavras do racismo” In: *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto.
- _____.(2000) “Reciclagem do corpo, rasgos de negritude no sistema branco de beleza” In: *Rua*. n.6 Campinas, SP: Labeurb/Nudecri.
- VILAS BOAS, S.(1996) *O estilo magazine : o texto em revista*. São Paulo, SP: Sumus.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE